



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

GIOVANNA BARBOZA DA CRUZ

**IMAGEM E CIDADE: O DESFAVELAMENTO DA VILA
FRATERNIDADE DE LONDRINA-PR (1950-1970)**

Londrina

2024

GIOVANNA BARBOZA DA CRUZ

**IMAGEM E CIDADE: O DESFAVELAMENTO DA VILA
FRATERNIDADE DE LONDRINA-PR (1950-1970)**

Trabalho de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em História Social (Área de conhecimento: Práticas Culturais, Memória e Imagem).

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Eliane Parreiras Marques Martinez.

Londrina

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

C957i Barboza da Cruz, Giovanna .
Imagem e Cidade : o desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina (1950-1970) / Giovanna Barboza da Cruz. - Londrina, 2024.
167 f. : il.

Orientador: Cláudia Eliane Parreiras Marques Martinez.
Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2024.
Inclui bibliografia.

1. Vila Fraternidade de Londrina-PR - Tese. 2. Desfavelamento - Tese. 3. Fotografia - Tese. 4. Oswaldo Leite - Tese. I. Eliane Parreiras Marques Martinez, Cláudia. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

CDU 93

GIOVANNA BARBOZA DA CRUZ

**IMAGEM E CIDADE: O DESFAVELAMENTO DA VILA
FRATERNIDADE DE LONDRINA-PR (1950-1970)**

Trabalho de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em História Social (Área de conhecimento: Práticas Culturais, Memória e Imagem).

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Eliane
Parreiras Marques Martinez
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Richard Gonçalves André
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Janes Jorge
Universidade Federal de São Paulo

Londrina, 21 de março de 2024.

Para Arminda (*in memoriam*) e Raphael (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

À professora e orientadora Dra. Cláudia Martinez, primeiramente por aceitar a minha pesquisa e me orientar ao longo desses dois anos de estudos, desde os meus primeiros passos na compreensão da fonte, sempre com muita paciência, entusiasmo e prazer em ensinar. Agradeço a maneira que me orientou, suas sugestões e conselhos sempre foram preciosos e favoráveis à elaboração do trabalho, me sinto honrada por ter você como orientadora.

Aos professores Dr. Richard Gonçalves André e Dr. Janes Jorge por aceitarem o convite para participarem da banca e pela leitura do trabalho, sou muito grata por poder contar com as contribuições de vocês.

À Universidade Estadual de Londrina por me proporcionar a experiência da Pós-Graduação. Em especial, as equipes do Museu Histórico de Londrina e o Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica, responsáveis pela guarda dos acervos que são a fonte da pesquisa. Mas principalmente por todo carinho e cuidado que vocês têm comigo durante esse processo e ao longo da minha caminhada. Também agradeço ao grupo de pesquisa “O Regional/Local e a Experiência Histórica” por todas as contribuições.

Agradeço a José Carlos Gonzaga e José de Jesus Pereira por se disponibilizarem durante o processo de reconhecimento e consulta das fotografias, assim como à comunidade da Vila Fraternidade. Todas as informações foram preciosas e essenciais para a produção deste trabalho.

Aos meus amigos e família agradeço pela paciência e apoio, não tenho palavras para descrever o quanto sou grata pelo suporte e carinho que sempre me deram ao longo desses anos. Agradeço especialmente à Juliana, ao Gilberto, à Natália e à Giovana, pelo incentivo e esforço para chegarmos até aqui juntos.

Em especial, à minha avó Arminda (*in memoriam*) que sempre me contou tantas histórias que com certeza me inspirou a seguir este caminho. Agradeço a ela por sempre dedicar suas orações e me iluminar, por cada passo que comemorou comigo e por mim. Por fim, dedico este trabalho também à memória de Raphael Ballico (*in memoriam*), uma das pessoas mais incríveis que tive a honra de conhecer, obrigada por sempre acreditar em mim e por ter sido tão sensível àqueles que puderam te ter como amigo e família. Estarão para sempre nas minhas melhores lembranças.

A cidade tem mil e uma coisas boas de ver; De se ter, de sentir, de comprar e de vender; Porque a cidade tem vida, mas nunca ousou te dizer; Você não vive na cidade, ela que vive em você (Shawlin).

CRUZ, Giovanna Barboza da. **Imagem e cidade: o desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina-PR (1950-1970)**. 2024. 167f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História Social, Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

RESUMO

Resumo: Com o advento da cultura cafeeira em Londrina, localizada no Norte do Paraná-BR, houve uma série de transformações no ordenamento da cidade com as construções de prédios e monumentos, que acompanharam os anos 1950 e 1960. Junto a esta transformação, as desigualdades sociais ocuparam seus espaços às margens e “abaixo” da linha. Assim, na segunda metade dos anos 50 do século XX, há a constatação das primeiras favelas e ocupações irregulares. Em especial, a “Vila do Grilo”, que atualmente compreende a região da Vila Fraternidade de Londrina, expressava as dificuldades da administração pública na resolução de problemas relacionados à questão urbana. Foi apenas em 1970 que os primeiros desfavelamentos aconteceram. Neste processo as fotografias estiveram presentes e oferecem possibilidades analíticas e interpretativas para construir uma leitura sobre o passado. Dessa maneira, este trabalho tem por objetivo analisar as fotografias da Vila Fraternidade, especialmente as de autoria de Oswaldo Leite, fotógrafo da Prefeitura Municipal de Londrina e responsável pelos principais registros ao longo das décadas de 1950, 1960 e 1970, durante o processo de desocupação e mudanças na estrutura da comunidade. Parte-se da hipótese de que havia um paradoxo nas narrativas que definiam Londrina como um local “ideal” de progresso e qualidade de vida. Assim, a problemática central é questionar o discurso que promove Londrina como uma cidade de “promissão”, em contraste com as condições de vida, as relações sociais, a cultura material e as representações visuais presentes nas fotografias para compreender a disparidade entre a imagem promovida da cidade e a experiência vivida pelos moradores.

Palavras-chave: Vila Fraternidade de Londrina-PR. Desfavelamento. Fotografia. Oswaldo Leite.

CRUZ, Giovanna Barboza da. **Imagen y ciudad**: transformaciones urbanas de la Vila Fraternidade de Londrina-PR (1950-1970). 2024. 167p. Tesis de maestría — Programa de posgraduación en Historia Social, Centro de Letras y Ciencias Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

RESUMEN

Resumen: Con la llegada de la cultura cafetera en Londrina, ubicada en el norte de Paraná-BR, hubo una serie de transformaciones en la organización de la ciudad con la construcción de edificios y monumentos mientras las décadas de 1950 y 1960. Junto a esta transformación, las desigualdades sociales ocuparon sus espacios en los márgenes y "abajo" de la línea férre. Así, en la segunda mitad de la década de 1950, se tienen los primeros registros de favelas y ocupaciones irregulares. En particular, "Vila do Grilo", que actualmente abarca la región de "Vila Fraternidade de Londrina", expresaba las dificultades de la administración pública en la resolución de problemas relacionados con la cuestión urbana. En 1970 se implementaron los primeros proyectos de urbanización, saneamiento básico y mejoramiento de viviendas para la población. En este proceso, las fotografías estuvieron presentes y ofrecen posibilidades analíticas e interpretativas para construir una lectura del pasado. Así, este trabajo tiene como objetivo analizar las fotografías de Vila Fraternidade, especialmente las de Oswaldo Leite, fotógrafo del Municipio de Londrina y responsable de los principales registros a lo largo de las décadas de 1950, 1960 y 1970, durante el proceso de desocupación y cambios en la estructura de la comunidad. La hipótesis es que existía una paradoja en las narrativas que definían Londrina como un lugar "ideal" de progreso y calidad de vida. Así, el problema central es cuestionar el discurso que promueve Londrina como ciudad "prometedora", en contraste con las condiciones de vida, las relaciones sociales, la cultura material y las representaciones visuales presentes en las fotografías, para comprender la disparidad entre la imagen promovida de la ciudad y la experiencia vivida por los residentes.

Palabras clave: Vila Fraternidade de Londrina-PR. Transformaciones urbanas. Fotografía. Oswaldo Leite.

CRUZ, Giovanna Barboza da. Image and city: the slum clearance of Vila Fraternidade in Londrina-PR (1950-1970). 2024. 167p. Dissertation (Master's) — Graduate Program in Social History, Center for Letters and Human Sciences, State University of Londrina, Londrina, 2024.

ABSTRACT

Resumen: With the advent of coffee culture in Londrina, located in the North of Paraná, Brazil, there were a series of transformations in the city's layout with the construction of buildings and monuments, which accompanied the years 1950 and 1960. Alongside this transformation, social inequalities occupied their spaces on the margins and "below" the railway. Thus, in the second half of the 1950s, the emergence of the first slums and irregular settlements is noted. In particular, the "Vila do Grilo", which currently comprises the region of Vila Fraternidade in Londrina, expressed the difficulties of the public administration in resolving issues related to urbanization. It was only in 1970 that the first slum clearances occurred. In this process, photographs were present and offer analytical and interpretative possibilities to construct a reading of the past. Therefore, this work aims to analyze the photographs of Vila Fraternidade, especially those authored by Oswaldo Leite, a photographer for the Municipal Government of Londrina and responsible for the main records throughout the decades of 1950, 1960, and 1970, during the process of eviction and changes in the community's structure. The hypothesis is that there was a paradox in the narratives that defined Londrina as an "ideal" place of progress and quality of life. Thus, the central issue is to question the discourse that promotes Londrina as a city of "promise", in contrast to the living conditions, social relations, material culture, and visual representations present in the photographs, in order to understand the disparity between the promoted image of the city and the lived experience of its residents.

Palabras clave: Vila Fraternidade in Londrina, Brazil. Urban Transformations. Photography. Oswaldo Leite.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Casa da Vila Fraternidade, 1972.....	15
Figura 2 - A cidade de Londrina.....	16
Figura 3 - A Vila Fraternidade de Londrina.....	16
Figura 4 - Paraná Norte, 5 de setembro de 1937	28
Figura 5 - Paraná Norte, 10 de novembro de 1935.....	29
Figura 6 - Paraná Norte, 10 de novembro de 1935.....	29
Figura 7 - Paraná Norte, 16 de agosto de 1936	30
Figura 8 - Paraná Norte, 10 de março de 1935.....	31
Figura 9 - Planta da cidade de Londrina, 1956-1957	32
Figura 10 - Planta da cidade de Londrina, 18 de novembro de 1964.....	34
Figura 11 - Vila Amaral, 05 de agosto de 1971	45
Figura 12 - Planta da cidade de Londrina, 18 de novembro de 1964 (recorte).....	49
Figura 13 - Vista parcial da Av. Paraná, 195(?).....	53
Figura 14 - Vila Fraternidade, 2 de maio de 1972 (A).....	56
Figura 15 - Vila Fraternidade, 2 de maio de 1972 (B)	56
Figura 16 - Vila do ‘Grilo’, 25 de março de 1969.....	60
Figura 17 - “Agora 183 melhorias em água dejetos e lixo”, década de 1970	72
Figura 18 - Favela de Londrina, 2 de maio de 1972.....	78
Figura 19 - Vista Parcial da Vila do Grilo/Vila Fraternidade, 15 de maio de 1971.....	84
Figura 20 - Fundos da Vila Fraternidade, década de 1970.....	85
Figura 21 - Casas da Vila Fraternidade	87
Figura 22 - Rua Maranhão e Avenida Paraná	88
Figura 23 - Latrina, 25 de março de 1969	89
Figura 24 - Mulher lavando roupa no córrego, década de 1970 (A).....	90
Figura 25 - Vila Fraternidade, 25 de março de 1969.....	94
Figura 26 - Vila Fraternidade, 2 de maio de 1972.....	99
Figura 27 - Vila Fraternidade, 4 de maio de 1972.....	100
Figura 28 - Vila Fraternidade, década de 1970 (A).....	101
Figura 29 - Vila Fraternidade, década de 1970 (B).....	102
Figura 30 - Desfavelamento, década de 1970	105

Figura 31 - Demolição de casa na Vila Fraternidade, 15 de maio de 1971 (A)	106
Figura 32 - Demolição de casa na Vila Fraternidade - Estrutura da casa (Recorte)	107
Figura 33 - Demolição de casa na Vila Fraternidade, 15 de maio de 1971 (B)	108
Figura 34 - Desocupação de ônibus da Vila Fraternidade (1), 15 de maio de 1971	109
Figura 35 - Desocupação de ônibus da Vila Fraternidade (2), 15 de maio de 1971	110
Figura 36 - Desocupação de ônibus da Vila Fraternidade (3), 15 de maio de 1971	112
Figura 37 - Família posa para foto, 15 de maio de 1971	113
Figura 38 - Mulher segura quadros de fotos de seus familiares, 15 de maio de 1971	115
Figura 39 - Homem organizando mudança, 15 de maio de 1971.....	117
Figura 40 - Latrina, 1972.....	119
Figura 41 - Dalton Paranaguá e trabalhadores durante o desfavelamento da Vila Fraternidade, década de 1970	119
Figura 42 - Drenagem - Vila da Fraternidade	120
Figura 43 - Córrego da rua Flor-de-Jesus com a rua Santa Terezinha, 13 de fevereiro de 2024	121
Figura 44 - Nascente da rua Santa Eloá, 13 de fevereiro de 2024.....	121
Figura 45 – Caixa d’água, rua Santa Eloá, 13 de fevereiro de 2024	122
Figura 46 - Esquema de drenagem “escama de peixe”	122
Figura 47 - Instalação de tubulações na Vila Fraternidade, década de 1970	123
Figura 48 - Lavanderia comunitária	124
Figura 49 - Mulher lavando roupa no córrego, década de 1970 (B)	125
Figura 50 - “25.583 exames de fezes”, 1972.....	129
Figura 51 - Centro Comunitário da Vila Fraternidade, 1972	130
Figura 52 - Educação familiar, década de 1970	131
Figura 53 - Alfabetização e costura, década de 1970.....	132
Figura 54 - Creche na Vila Fraternidade, década de 1970	132
Figura 55 - Pindorama, 1972.....	134
Figura 56 - Cotidiano - Pindorama, 1972.....	135
Figura 57 - Casa da Vila Fraternidade (1), 13 de fevereiro de 2024	136
Figura 58 - Casa da Vila Fraternidade (2), 13 de fevereiro de 2024	136
Figura 59 - Marco Zero (1), 13 de fevereiro de 2024.....	138
Figura 60 - Marco Zero (2), 13 de fevereiro de 2024.....	139

Figura 61 - Shopping Boulevard, 13 de fevereiro de 2024	140
Figura 62 - Rodoviária, 2024	140
Figura 63 - Londrina: Atendimentos pelo SIATE por ferimento de arma de fogo – 2008 ...	141
Figura 64 - Bairros com maiores médias de roubos em Londrina-PR (2011 a 2019).....	142
Figura 65 - Unidade Básica de Saúde - Vila Fraternidade, 13 de fevereiro de 2024	145
Figura 66 - Praça da Vila Fraternidade (1), 13 de fevereiro de 2024.....	146
Figura 67 - Campo da Vila Amaral (Fraternidade), 13 de fevereiro de 2024	146
Figura 68 - Praça da Vila Fraternidade (2), 13 de fevereiro de 2024.....	147

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação de fotografias do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica - UEL (quantidade e porcentagem por localização e cópias) -----	65
Tabela 2 - Relação de temas por bairros (NDPH-UEL) -----	66
Tabela 3 - Relação de fotografias do Museu Histórico de Londrina - UEL (quantidade e porcentagem por localização) -----	66
Tabela 4 - Relação de temas por bairros (MHL-UEL)-----	67
Tabela 5 - Município de Londrina - Dados da População urbana e rural-----	77
Tabela 6 - Ocupações e favelas de Londrina (1953-1971) -----	80
Tabela 7 - Primeiros Conjuntos habitacionais em Londrina-PR (1970-1973)-----	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AERP	Assessoria Especial de Relações Públicas
AGEPAR	Governo do Estado e a Companhia de Água e Esgoto do Paraná;
BNH	Banco Nacional de Habitação.
COHAB	Companhia de Habitação de Londrina.
CTNP	Companhia de Terras Norte do Paraná.
FCP	Fundação Casa Popular
IAPs	Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAPs)
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
MHL	Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss.
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização.
NDPH	Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica.
PML	Prefeitura Municipal de Londrina.
SANEPAR	Companhia de Saneamento do Paraná;
SFH	Sistema Financeiro da Habitação
UEL	Universidade Estadual de Londrina.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 A FORMAÇÃO SOCIAL, ECONÔMICA E POLÍTICA DO ESPAÇO URBANO DE LONDRINA (1930-1970)	22
2 FAVELAS E POBREZA URBANA: A VILA DO “GRILO” E VILA FRATERNIDADE DE LONDRINA-PR (1950-1960)	38
3 FOTOGRAFIA E CIDADE: A VILA FRATERNIDADE DE LONDRINA	65
3.1 Organização do acervo e detalhamento da fonte	65
3.2 Oswaldo Leite: entre cliques e memórias	67
3.3 Os conjuntos habitacionais e desfavelamento (1970)	73
3.3.1 Residências e Vista Parcial	82
4 COTIDIANO, COMUNIDADE E DESFAVELAMENTOS	92
4.1 Retratos do cotidiano: a Vila do Grilo/Vila Fraternidade de Londrina	92
4.1.1 Demolição das casas e desfavelamento	104
5. VILA FRATERNIDADE, UM BAIRRO DE LONDRINA-PR	134
5.1 Perspectivas entre o passado e presente: diálogos sobre a Vila Fraternidade de Londrina	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS	152

INTRODUÇÃO

O pesquisador Mike Davis em seu trabalho “Planeta Favela (2006)” buscou dimensionar as várias concepções de favelas, trazendo um panorama de várias partes do mundo, desde o continente europeu, africano, asiático e americano para entender suas particularidades dentro de um contexto macro. Com isso, nos revela que

Existem provavelmente mais de 200 mil favelas, cuja população varia de algumas centenas a mais de 1 milhão de pessoas em cada uma delas. [...]. As “megafavelas” surgem quando bairros pobres e comunidades invasoras fundem-se em cinturões contínuos de moradias informais e pobreza, em geral na periferia urbana. [...] (Davis, 2006, p. 37).

As concepções sobre favelas são complexas e particulares de cada local, porém, refletem desafios estruturais e históricos. A compreensão das favelas requer uma análise sensível, considerando as diversas histórias e experiências dos indivíduos e no contexto da cidade. Na análise de Ermínia Maricato (2015, p. 19), uma cidade pode ser objeto de diversas abordagens: pelo discurso, pela estética, manifestação de práticas culturais, mercadológicas, por seu passado histórico, por conflitos, reprodução de capital e força de trabalho.

Dessa maneira, na Figura 1 temos uma fotografia de uma casa na antiga Vila do Grilo de Londrina-PR, região que atualmente contempla a Vila Fraternidade.

Figura 1 - Casa da Vila Fraternidade¹, 1972



Autor: Oswaldo Leite (1972).

Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

¹ Para o título das figuras, mantivemos o nome definido pela guarda do acervo ou legendas. Para aqueles que não possuíam títulos foi atribuído com base na sua temática ou representação visual, localidade e data.

Em primeiro plano, o chão de terra batida e mato. À frente, casa construída com tábuas de madeira, que posteriormente foi demolida para o desfavelamento da comunidade. Ao fundo, novas casas sendo construídas. O registro tem como autoria Oswaldo Leite², fotógrafo da Prefeitura de Londrina e responsável pelos registros das principais transformações na cidade entre os anos de 1950, 1960 e início de 1970.

A região fica localizada na Zona Leste da cidade de Londrina, em um local estratégico da cidade, pois é próximo ao centro e à avenida Dez de Dezembro, que liga a zona sul à zona norte, assim como possui avenidas que ligam a zona leste à zona oeste, shopping, rodoviária, rodovia e universidade (Figura 2 e 3)³. Essa região até a década de 1970 era chamada de Vila do Grilo, devido às ocupações irregulares e grileiros que ocupavam os terrenos. É reconhecida por autores como Martins (2007) e Alves (2002) como uma das primeiras favelas da cidade.

Figura 2 - A cidade de Londrina

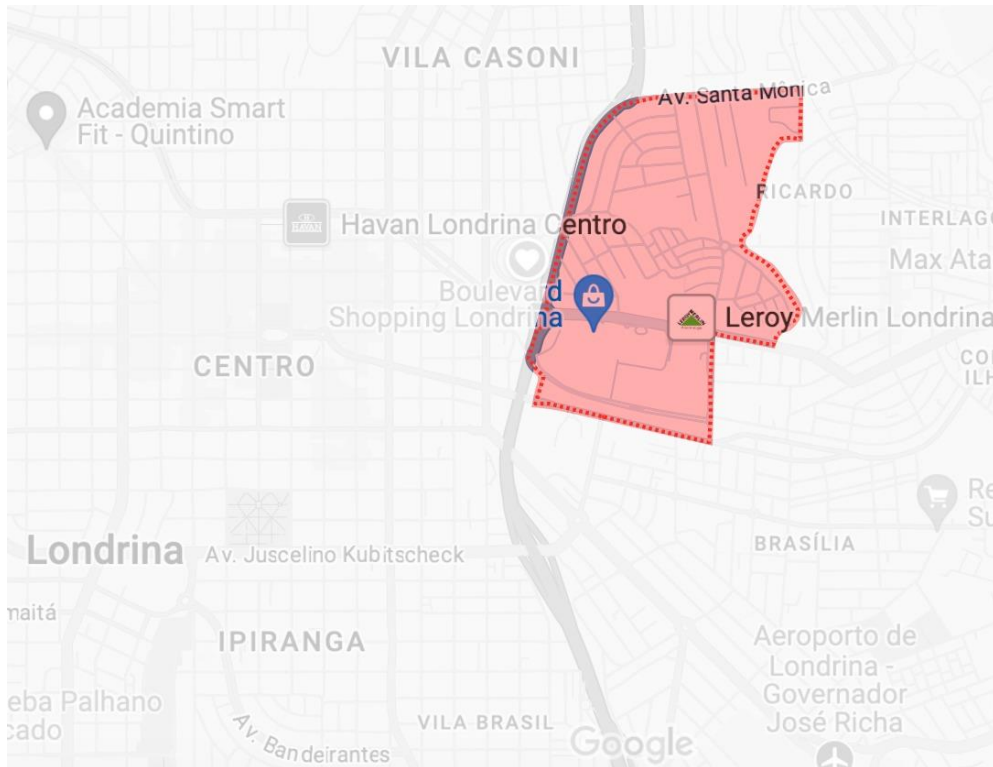


Fonte: Barros, M. V. F.; Archela, R. S.; Barros, O. F.; Théry, H.; Mello, N. A.; Gratão, L. H. B. 2008.

Figura 3- A Vila Fraternidade de Londrina

² Iremos aprofundar a trajetória e biografia do fotógrafo ao longo do trabalho.

³ É importante ressaltar que essa é uma leitura espacial atual, uma vez que nos anos 1970 a sua demarcação era diferente.



Fonte: Google Maps; adaptado por Giovana Simão.

O escritor Ítalo Calvino em sua obra “Cidades Invisíveis” nos instiga a refletir acerca das mais variadas concepções de “cidade”, uma vez que ela se relaciona com a memória, o desejo, os símbolos e as trocas. Segundo ele, cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras ou forma, preenchida pelas cidades particulares (2003, p. 16-17). Na análise da pesquisadora Tamy Ghannam:

O fato de serem invisíveis faz com que as cidades sejam imensas, infinitas. [...]. Desse modo, evidencia-se o valor inestimável da linguagem para a edificação das cidades e também para sua preservação. [...]. Sejam frágeis ou sólidas, as cidades só se sustentam, só ganham vigor e utilidade pela presença humana, pela narrativa, pelo diálogo, pelo envolvimento e pela interpretação dada a elas pelo homem, pela relação afetiva do ser humano com o espaço que o circunda. [...] (2018).

O cenário urbano se constitui nos palácios, igrejas, galerias, os ambientes das casas particulares, a decoração do quarto de dormir, as roupas e adornos que as pessoas utilizam, um infinito de coisas que sabem e se lembram; a cidade pode possuir e ser possuída (Argan, 2005, p. 43-44). Sennett explica que em muitos casos, os engenheiros modernos planejaram as vias públicas da cidade delimitando os traçados e localidades entre as zonas ricas, pobres ou de diversidade étnica; deste modo, a geografia da cidade moderna impõe problemáticas ao imaginar espaços em que um corpo poderia estar atento a outro (2020, p. 18-19).

O século XIX e XX esteve marcado pelas transformações urbanas. De acordo com Zueleide de Paula, neste período, o poder adquire um sentido “glorioso” expresso na arquitetura dos prédios e dos monumentos (2008, p. 32). Em contrapartida, ao mesmo tempo, as desigualdades e a pobreza urbana passaram a fazer parte desta nova rotina e perpetuam até os dias atuais: famílias em vulnerabilidade social, fome, miséria, falta de habitação, pessoas em situação de rua, entre outros.

Em Londrina, no Norte do Paraná, durante os anos 1950 e 1960, as grandes construções e a verticalização da cidade passaram a fazer parte do cotidiano dos moradores, especialmente com o advento da cultura cafeeira, que propiciou a ascensão da cidade no panorama nacional, incentivando ainda mais a necessidade de se adequar a este crescimento. Com isso, no final dos anos 1950 há os primeiros registros de favelas. Foi apenas na década de 1970 os primeiros desfavelamentos e atendimento às famílias da comunidade da Vila Fraternidade.

Dessa maneira, temos como objetivos, identificar e analisar as fotografias da Vila Fraternidade antes, durante e após o processo de desfavelamento. Isso inclui registros que retratam as condições de vida, a infraestrutura, as relações sociais e outros aspectos relevantes para compreender a realidade da Vila. Iremos utilizar a perspectiva da análise de imagem e cultura material para examinar os objetos presentes nas fotografias, como as condições de moradias, móveis, utensílios, roupas, entre outros; e do cotidiano (lazer, tarefas diárias, a representação da mulher, das crianças e seus papéis sociais). Portanto, analisar o desfavelamento a partir dos registros fotográficos.

A problemática central é questionar o discurso que promove Londrina como uma cidade de promessa, em contraste com a realidade de pobreza enfrentada pela Vila Fraternidade, assim como entender o processo de desfaveamento e suas implicações no contexto regional e nacional. A partir dessa problemática, buscaremos examinar as condições de vida, as relações sociais, a cultura material e as representações visuais presentes nas fotografias para compreender a disparidade entre a imagem promovida da cidade e a experiência vivida pelos moradores.

Parte-se da hipótese que o discurso hegemônico que definia Londrina como um local ideal de progresso e qualidade de vida não eram compatíveis com a realidade social e a vida material da população em geral. Havia um paradoxo na narrativa imposta pela mídia, pelas classes dirigentes, pela elite empresarial, pelos intelectuais desde o início da reocupação do espaço no Norte do Paraná. Paradoxo e contradições sociais, políticas e econômicas que esta pesquisa de mestrado pretende compreender.

Para tentar captar nuances das problemáticas levantadas, um conjunto de fontes e documentos serão analisados: as leis que foram promulgadas em âmbito nacional, estadual e municipal; a cartografia da época; depoimentos e especialmente e de forma central, as fotografias de duas coleções específicas: a do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina (NDPH-UEL) e do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss (MHL-UEL), totalizando 282 fotografias, sendo 116 e 166 respectivas de cada um.

As da primeira coleção foram doadas por José Divino Gonzaga⁴, que era trabalhador da Prefeitura. Segundo seu filho, José Carlos Gonzaga⁵, essas fotos fizeram parte de uma exposição e posteriormente seriam descartadas, mas José Divino as levou para a casa. A família é moradora da comunidade e experienciou as transformações do período. Em sua residência há outros arquivos que são guardados por ele, mas esta foi a única coleção que doou a um acervo da cidade. Sobre a exposição, não foi possível saber quando, onde ou o porquê ela ocorreu, mas esta informação pode ser confirmada ao analisar o acervo, pois muitas possuem legendas e marcas de cola.

A documentação foi organizada e descrita por Laureci Silvana Cardoso, funcionária do Núcleo e responsável pelo setor de Imagem e Som. O acervo é composto por fotografias reveladas, muitas amareladas, com sujidades e marcas do tempo. Enquanto à autoria das imagens refere-se, em partes, ao antigo funcionário da Prefeitura Municipal de Londrina e fotógrafo, Oswaldo Leite e Antônio Carlos dos Santos, porém, há muitas que não possuem uma autoria identificada. Por fim, foram consideradas para este estudo 39 fotografias, sua escolha se deu a partir da temática e enquadramento do tema, sendo 14 do museu e 25 do núcleo.

A principal metodologia aqui empregada compreenderá na análise de imagens de acordo com as sugestões de Boris Kossoy (2014 e 2020) e Peter Burke (2004) e o método utilizado será de Erwin Panofsky, que interpreta a imagem em três dimensões: a pré-iconográfica, a análise iconográfica e a interpretação iconológica (2007, p. 50-53).

⁴ Atualmente, José Divino Gonzaga é aposentado pela Prefeitura da cidade de Londrina. No entanto, trabalhou durante muitos anos como servidor público na Prefeitura e é residente da Vila Fraternidade. As fotografias foram doadas por ele ao Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL. Segundo informações de seu filho, José Carlos, ele recolheu os documentos que seriam descartados após uma exposição e os levou para a casa. Através da pesquisa no acervo, chegou-se à conclusão que parte dessas fotografias são de autoria de Oswaldo Leite, fotógrafo da Prefeitura de Londrina no período.

⁵ Nas buscas pelas informações conhecemos José Carlos Gonzaga, filho do doador do acervo, que contextualizou a doação e auxiliou no reconhecimento das fotografias. Não foram realizadas entrevistas orais, apenas a coleta de dados.

Apesar de trabalhar com a História da Arte, Panofsky define os três níveis de análise da seguinte maneira: o primeiro “fatural” e “expressional”, que é a identificação das particularidades do documento (seres humanos, animais, plantas). O segundo é a iconografia, que constitui a composição de assuntos, conceitos e a sua compreensão (alegorias, cenas e batalhas). Por fim, a iconologia, o seu significado intrínseco ou conteúdo; a interpretação dos valores "simbólicos", que muitas vezes são desconhecidos do próprio artista, pois fazem parte de seu inconsciente e que exprime nas suas obras (2007, p. 50-53).

Em resumo, enquanto a iconografia é descrição e classificação das imagens, a iconologia é uma oposição a ela, pois é a iconografia integrado a outro método histórico, psicológico ou crítico: "Assim, concebo a iconologia como uma iconografia que se torna interpretativa e, desse modo, converte-se em parte integral do estudo da arte, em vez de ficar limitada ao papel de exame estatístico preliminar." (Panofsky, 2007, p. 50-53).

Quanto a isso, Boris Kossoy afirma que através da análise iconográfica buscamos elementos constitutivos como o fotógrafo, assunto, tecnologia; e discutimos na iconologia questões acerca da “hermenêutica” particular que as imagens demandam para a sua compreensão interior, a busca por decifrar aquilo que o fragmento visual não possui de explícito na sua representação (2014, p. 48).

Tendo isso em conta, as fotografias formam a base da nossa pesquisa, uma vez que elas foram importantes aliadas na divulgação das transformações em andamento na cidade. A escolha da década de 1950, fundamenta-se não apenas por marcar os primeiros registros da ocupação da comunidade da Vila do Grilo, mas também como marco das primeiras grandes construções urbanas e crescimento de seu polo econômico do café. Já nos anos 1960 temos as primeiras fotografias acerca do tema e em 1970 os desfavelamentos.

Essa pesquisa se justifica pelo interesse da análise de fontes imagéticas e sua relevância no campo de produção historiográfico. Além disso, é uma das primeiras pesquisas na área de História, que lida com a questão das favelas e do desfavelamento na região de Londrina. No tocante à justificativa social, oferece a perspectiva que comunica sobre populações em situação de risco na cidade, bem como a respeito dos ambientes em foco (a favela).

O trabalho divide-se em cinco capítulos. No primeiro tratamos do contexto histórico, social e político de Londrina para compreender as transformações e a ocupação da cidade. Na segunda parte do texto, abordamos a temática da pobreza urbana e as particularidades de Londrina, oferecendo uma base teórica e contextual das nossas fontes de estudo: as fotografias sobre o desfavelamento. Por fim, temos nos capítulos 3 e 4 as análises dos acervos e das

fotografias referentes ao cotidiano, os desfavelamentos e, por fim, no último o presente da comunidade.

1 A FORMAÇÃO SOCIAL, ECONÔMICA E POLÍTICA DO ESPAÇO URBANO DE LONDRINA (1930-1970)

Quanto ao cotidiano, observe-se, ainda, o desconforto inconsciente que ele provoca, já que, muito mais do que uma inofensiva repetição de si mesmo no dia-a-dia, ele é por excelência a instância em que concretamente se instituem as relações sociais, em que as práticas sociais dão corpo e efeito aos interesses em jogo (Meneses, 2006, p. 38).

Ao caminhar pelas ruas de uma cidade é possível observar os labirintos que constituem a espacialidade urbana. Pelo centro de Londrina, cidade localizada no norte do Paraná-BR, é possível perceber a sua verticalização, com as fachadas de prédios históricos (onde há em muitos locais referências aos negócios de café, principal economia da cidade do século XX⁶), as antigas salas comerciais (muitas pertenciam aos imigrantes de diversas regiões do país e do mundo), os prédios ligados ao patrimônio, como é o caso do Museu Histórico de Londrina e o Museu de Arte, que antes eram a principal vista daqueles que chegavam na região, pois ali funcionaram, respectivamente, a Estação Ferroviária e a Rodoviária.

A cidade cresceu em pouco tempo: o que antes seria uma vila de abastecimento para região rural⁷, atualmente se tornou a segunda maior cidade do Estado do Paraná⁸. Não apenas o aumento demográfico chama a atenção, mas também os desafios que a cidade enfrenta devido ao rápido crescimento, como a precariedade do acesso à moradia, especialmente quando adentramos nas periferias e bairros mais afastados.

Tendo isso em vista, a Gleba Fazenda Palhano, localizada na zona sul, faz parte das regiões mais ricas e com mais infraestrutura de Londrina, em que as empresas e a prefeitura investem em melhorias. O lazer muito mais disposto ao público, os carros e restaurantes de luxo

⁶ Nesse período, na análise do pesquisador José Miguel Arias Neto (2008, p. 103-104), as representações da cidade dizem respeito muito mais à perspectiva de progresso dos fazendeiros pelos altos valores arrecadados com a exportação do café do que em termos quantitativos de produção. Em sua análise, ele apresentou dados da produção agrícola indicando que o número de produtos, como milho e mandioca, era tão grande quanto e, por vezes, maior. Contudo, eram comercializados internamente com uma margem de lucro menor que a exportação.

⁷ O planejamento da cidade tinha como objetivo a criação de cidades-jardim. De acordo com o pesquisador Edson Holtz Leme, as cidades-jardim, comuns na Europa do século XX, tinham como propósito a formação de uma rede de cidades, com controle espacial e demográfico, evitando o crescimento acelerado e promovendo o controle populacional dessas cidades (2005, p. 17-18). Entretanto, aproveitando as análises de José Miguel Arias Neto sobre o trabalho de Marcos Barnabé, a ideia cidade-jardim foi elaborada por Ebenezer Howard (1850-1928) no século XIX e tinha como objetivo o equilíbrio entre a cidade e o campo. Porém, é arriscado considerar que esse foi um plano linear de planejamento da cidade nesse período, mas sim como uma ideia em que os arquitetos e engenheiros não estavam alheios de seu conhecimento (2008, p. 18-19). No decorrer do trabalho temos como objetivo aprofundar esta questão para uma análise de crescimento urbano e ordenamento do espaço, mas elencamos a leitura de Marcos Barnabé (1989), José Miguel Arias Neto (1993 e 2008) e Nestor Rezende (1984) especialmente importantes para o tema.

⁸ Em 1970 a população era de 228.101 habitantes (IBGE, 1970), atualmente possui uma população de 555.965 habitantes (IBGE, 2022).

são elementos do cotidiano dos moradores. Em contrapartida, temos uma realidade paralela a essa, uma vez que não há o mesmo engajamento dos órgãos públicos em relação a outros bairros.

Na zona leste de Londrina, próximo ao centro, há a Vila Fraternidade. Nos anos 1970 junto a construção dos conjuntos habitacionais, melhorias foram implementadas na comunidade, que até então era chamada de “Vila do Grilo”, devido às ocupações irregulares. Atualmente, a região ainda enfrenta muitos desafios, uma vez que o bairro é alvo de discriminação e falta de infraestrutura quando comparado a outras regiões⁹.

Em uma cidade, as construções, ordenamento das casas, ruas e a disposição social dos elementos urbanos constituem em objetos de reflexão. É pensando nisso que devemos considerá-las como espaços de trocas culturais, simbólicas e sociais. O historiador José D’Assunção Barros (2004, p. 31), expressa que ao perceber a materialidade de uma cidade, o historiador da cultura material buscará examinar os modos de vida da sociedade que habita, além de outros problemas que inspiram reflexões distintas e do estudo do cotidiano. Portanto, temos no espaço urbano resquícios de transformações ao longo do tempo, seja em suas permanências e/ou em suas ausências.

No artigo “A cidade como bem cultural: Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano”, de autoria do pesquisador Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes, afirma-se que as dimensões da cidade são “artefato”, “campo de forças” e “representações sociais” (2006, p. 36-37). Segundo o pesquisador, enquanto “artefato”, a cidade é fabricada, pois se impôs pelos padrões sociais, como um segmento da natureza física socialmente apropriado. A segunda, por conseguinte, é “campo de forças”, caracterizada como um espaço de tensões, conflitos de interesses constantes, de natureza territorial, econômica, política, social e/ou cultural (2006, p. 37).

Por fim, na análise do autor, é a junção entre os dois elementos que dão forma e função ao espaço, uma vez que o instituem como artefato e lhe dão sentido. Por isso, a cidade é também representação. Logo: “Sem as práticas sociais, não há significados sociais. Mas também não há significados sociais sem vetores materiais” (Menezes, 2006, p. 36-37).

Zueleide Casagrande de Paula (2008, p. 27) argumenta que a imagem que uma cidade tem para si está ligada com a forma que ela foi concebida por seus habitantes e as transformações que as impulsionam. Enquanto a concepção de bairro é bastante complexa, pois ao mesmo tempo que não está isolado do espaço da cidade, estabelece limites naqueles que se

⁹ Iremos aprofundar o debate sobre essa questão ao longo do último capítulo.

reconhecem e usufruem de sua espacialidade; ele é, portanto, ambíguo, uma vez que “O bairro perde-se na cidade que, contudo, se encontra nele” (Paula, 2008, p. 20-21). Deste modo,

A experiência numa cidade, como no quarto ou no campo de batalha, raramente é harmoniosa, mostrando-se com muito maior frequência cheia de contradições e arestas. [...]. A cidade é torta porque é diversa, cheia de migrantes falando dezenas de línguas; porque suas desigualdades são gritantes, senhoras elegantes tomando chá a poucos quarteirões de exaustas faxineiras dos meios de transporte; por causa dos seus estresses, como na concentração de um excessivo número de jovens formados em busca de um número pequeno demais de empregos... (Sennett, 2018, p. 13).

Isto posto, ao analisar as transformações empreendidas na Inglaterra ao longo do século XIX, Friedrich Engels (2010, p. 65-68) expõe a falta de infraestrutura das cidades e o impacto na vida dos operários, uma vez que seu crescimento desenfreado e a centralização do poder denuncia as desigualdades: a fome, os bairros de “má fama”¹⁰, a violência burguesa e o que ele nomeia de “guerra social”¹¹.

Ainda segundo ele, na guerra social o capital é a arma de combate principal, como propriedade dos meios de subsistência e meios de produção, sendo os mais pobres os mais afetados por ela (Engels, 2010, p. 68-69). Na análise de Antônio de Pádua Bosi, a distinção da classe social por meio do solo urbano, conforme descrito por Engels, reafirmou a distância entre os mais pobres e a burguesia, consolidando a cidade como espaço de segregação social. Por conseguinte, foi essa experiência que deu sentido ao que conhecemos como especulação imobiliária (2004, p. 30 e 35). Assim,

[...], o espaço urbano é um produto social disputado por diferentes agentes sociais, onde o mercado atua como um dos principais mecanismos causadores de seus problemas, reproduzindo as contradições intrínsecas ao sistema econômico, que se materializam no processo de segregação socioespacial (Pagani; Alves; Cordeiro, 2015, p. 172).

Tendo isso em vista, ao analisar a formação da cidade de Londrina é possível perceber uma tentativa de ordenação do solo urbano e distribuição da população, uma vez que a sua ocupação foi parte de um projeto capitalista e de um plano racional de colonização, conforme analisado e discutido por autores como Jorge Cernev (1997), Sonia Adum (1991), Marcos

¹⁰ De acordo com o autor, os “bairros de má fama” são aqueles que concentram a classe operária e se estruturam de forma semelhante, sendo um complexo de casas irregulares, simples e nas partes consideradas “mais feias” da cidade (ENGELS, 2010, p. 70).

¹¹ Para Friedrich Engels (2010, p. 68), a guerra social é uma guerra de todos contra todos; as pessoas são objetos utilizáveis: “cada um explora o outro e o resultado é que o mais forte pisa no mais fraco e os poucos fortes, isto é, os capitalistas, se apropriam de tudo, enquanto aos muitos fracos, aos pobres, mal lhes resta apenas a vida”.

Barnabé (1989), Nestor Rezende (1984), Nelson Tomazi (1989), Eder Cristiano de Sousa (2021), Arias Neto (1993 e 2008) e entre outras pesquisas que abordam a ocupação no Norte do Paraná¹².

Em síntese, entre os anos de 1920 e 1930 companhias privadas e estrangeiras compraram terras com valor de mercado reduzido do Governo do Estado do Paraná. Entre elas, a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), que foi responsável pelo loteamento e a venda das terras nesta região. Segundo Nestor Rezende, a sua articulação na região tinha como objetivo a repartição e ganhos com a venda de terras, porém, para isso foi necessário o estabelecimento da sua infraestrutura, como a vinculação da ferrovia para a sua valorização:

A penetração na mata, bem como a exploração da área: para o plantio (não mais de algodão) de café, obedecem a critérios rígidos estabelecidos no plano inglês, fundamentando se, sobretudo, no mecanismo de escoamento da produção, no sistema de transportes interligados ao porto de Santos e na formação de núcleos urbanos de apoio ao meio rural. Este era o primeiro requisito básico para o capital inglês. Sobre esta base fundamenta-se a ocupação das terras na região (1984, p. 124).

De acordo com Sonia Adum, no período de 1930, que ela classificou como “fase monopólica” da Cia, há um rápido crescimento da região e consolidação do seu controle, pois foi nesse período que as terras foram compradas, divididas em lotes agrícolas, assim como foi realizada as construções das estradas de ferro e fundação de cidades com o objetivo de comercializá-las e atrair compradores. Por conta disso, a autora caracteriza esse local como um conceito repleto de historicidade pelo seu próprio processo de estabelecimento e formação, assim como interpreta a relevância de sua projeção simbólica pela Companhia de Terras (1991, p. 17).

Para além da sua reocupação¹³, os discursos e propagandas divulgadas pela Companhia construíram um imaginário sobre a sua localidade. José Miguel Arias Neto nos explica que foi

¹² Para uma análise mais profunda e objetiva sobre o tema, recomendamos os autores citados acima, assim como outros trabalhos que abordam a ocupação do Norte do Paraná e a ação dos empreendimentos estrangeiros.

¹³ Utiliza-se aqui a palavra “reocupação” para reafirmar o espaço de memórias e identidades que foram negligenciadas durante esse processo, como a ocupação indígena no território — a exemplo da presença das etnias Guarani, Xokleng e Kaingang —, e outros grupos, a fim de estabelecer o discurso dos empreendimentos estrangeiros na região e sua legitimação por parte da memória que se permanece sobre a temática e vem sendo discutida ao longo das últimas décadas. Quanto a isso, recentemente, no ano de 2019, o Museu Histórico de Londrina-PR incluiu em sua exposição permanente elementos das culturas indígenas, organizada e produzida por eles, ressignificando esses espaços. No discurso acadêmico, Wander de Lara Proença e Gilmar Arruda (2013 e 2020), buscaram analisar como se estabeleceram os campos de produção de conhecimento sobre o passado da região, incluindo o que já estava estabelecido na cidade e criado por memorialistas, cronistas e jornalistas, e a universidade como um campo de produção de conhecimento que redefiniu e problematizou a história regional ao longo de gerações de pesquisadores que desenvolveram novas interpretações sobre o passado. Recomendamos as leituras dos artigos “Conflitos no campo do saber: universidades, historiadores e usos do passado na fronteira - Londrina, 1970-1980” e “A historiografia do Paraná e o espaço simbólico da academia: os historiadores, seus

na divulgação da ideia de “Terra da Promissão” e “Eldorado”, que as matérias propagandísticas da Companhia tinham como objetivo atrair compradores de terras para a cidade: “A fertilidade da terra, a rápida prosperidade pública e privada, o acesso à propriedade agrária, a riqueza propiciada pela agricultura são elementos que compõem as representações da cidade e da região como Terra da Promissão e Eldorado” (1993, p. 7).

Ainda segundo o autor, as duas ideias elencadas estão relacionadas a períodos diferentes, sendo a primeira como “Promissão”, elaborada pela CTNP, tinha como objetivo a promoção de venda das terras (2008, p. 201). Em sintonia a isto, Adum (1991, p. 56) expressa que essa dimensão é bem mais ampla que apenas a construção por “alguém” ou “entidade”, mas pelo aparato simbólico concedendo atributos como “Nova Canaã” ou local de “Progresso” nos anos 1930.

Enquanto “Eldorado”, conforme delimitado por Arias Neto (2008, p. 201) entre os anos de 1939-1944, dimensionam a perspectiva de riqueza e da divulgação de uma terra sem desigualdades e rápido enriquecimento. Adum analisa que nesse novo espaço que vem se constituindo aparece a ideia de "todos" igualados e nesse processo reproduz ideologicamente uma homogeneização, ocultando a dominação e negando o conflito (1991, p. 46 e 48).

No campo das ideias e das memórias, esses discursos permaneceram sobre esse período e o passado cafeeiro, especialmente o ideário de progresso, todavia, atualmente ainda refletem nas narrativas das elites da cidade, uma vez que as projeções da Cia de Terras como a terra do trabalho e de riquezas, assim como mencionadas as heranças do café, são consideradas um dos símbolos da cidade e reproduzidos pelas entidades e sujeitos locais. Discorrendo sobre as problemáticas da memória coletiva e as disputas pela memória, o sociólogo Michael Pollak nos explica que

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. **A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis** (Pollak, 1989, p. 9, grifo nosso).

Os investimentos em propaganda da Companhia de Terra promoveram um forte fluxo migratório, especialmente entre as décadas de 1930 e 1960. Pessoas de diversas regiões do

lugares e suas regiões (1970-2012)” sobre a temática, assim como a palestra apresentada por José Miguel Arias Neto intitulada “Considerações acerca da construção dos discursos sobre a história de Londrina” apresentada no Ciclo Internacional de Palestras "Enezila de Lima", que estará disponível nas referências do trabalho.

Brasil e do mundo foram atraídas pela promessa de riquezas e oferta de trabalho, seja pelos jornais, cartões, ou pelas fotografias que buscavam apresentar o crescimento das cidades, da agricultura, da cultura cafeeira, entre tantos outros.

No primeiro jornal de circulação de Londrina, o Paraná Norte, havia propagandas da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), nas quais se afirmava que as terras eram férteis e livres de saúvas (formigas-cortadeiras), uma terra para se investir. O destaque das palavras reforça e enfatiza essa ideia; o design das propagandas se destacava em meio às matérias publicadas (Figura 4).

Na figura 4 há também a chamativa para uma nova vida, nela destacam-se o investimento na agricultura, a extração de madeira e inserção na indústria, oferecendo garantias de rentabilidade aos compradores e ao escoamento de toda produção, exaltando o Norte do Paraná e a sua proximidade com São Paulo. A representação da natureza e a sua possibilidade de transformação humana. Por fim, utilizou-se do discurso de autoridade ao referenciar a CIA como a “A maior empresa colonizadora da América do Sul” ao final da página, junto às informações da empresa.

Figura 4 - Paraná Norte, 5 de setembro de 1937



Fonte: Paraná Norte. Histórico de Londrina.

As fotografias também eram frequentemente utilizadas como parte do repertório propagandístico, sendo uma das principais fontes que encontramos nos acervos da cidade¹⁴. Na publicação de 10 de novembro de 1935 (Figura 5), a Companhia já se apresenta como a maior empresa colonizadora da região e que oferece as melhores opções de compra de acordo com as condições do interessado.

Nela se faz presente a fotografia (Figura 6) com pés de algodão e a legenda “Assim floresce o algodão nas terras da Companhia”, em complemento, o slogan ao lado da fotografia “Nas terras da COMPANHIA: Só não colhe com abundancia [sic] quem não planta.”¹⁵. Na imagem o objetivo é apresentar a fartura das plantações e seu ótimo desempenho, como um

¹⁴ É possível consultar o acervo do MHL no site: <<http://www.memoria.pr.gov.br/biblioteca/index.php>> e conta com as coleções de Hikoma Udihara, Armínio Kaiser, José Juliani, Carlos Stenders (Foto Estrela), Yutaka Yasunaka (Foto Estrela), Prefeitura de Londrina e outras. Já no NDPH no link: <<https://sites.uel.br/ndph/iconografia/>>, nele contém coleções e cópias sobre as construções da cidade, famílias e temáticas do cotidiano.

¹⁵ Não foi possível localizar a fotografia utilizada na publicação do jornal ou com uma melhor qualidade de resolução.

meio de “comprovação” e convencimento do discurso por meio da imagem. Ao fundo também é possível observar o trabalhador em meio às plantações, posando para a foto.

Figura 5 - Paraná Norte, 10 de novembro de 1935

Paraná-Norte

ANNO II | LONDINA, 10 de novembro de 1935 | Nº 10

CIA. DE TERRAS NORTE DO PARANA'

A maior empresa colonizadora da América do Sul, estabelecida dentro da única reserva de terras roxas, em clima admirável, servidas pelas melhores águas.

**NÃO HA SALVAS
LOTES EM PROPORÇÃO AS POSSES
DO COMPRADOR**

FACILIDADES NO PAGAMENTO
EXPLICAÇÃO DAS ESTRUTURAS DE MODERNA

Assim floresce o algodão nas terras da Companhia

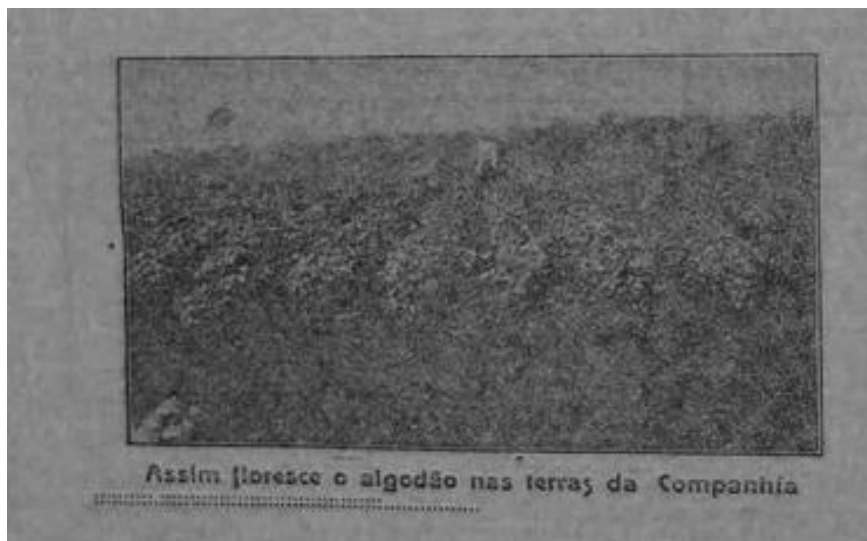
O melhor emprego do capital, pequeno ou grande, é comprar um lote na
Comp. de Terras Norte do Paraná

SÉDE:
LONDINA
E. F. S. Paulo-Paraná
Itaipá do Paraná

AGÊNCIA PRINCIPAL:
Rua 3 de Dezembro n. 48
São Paulo

Fonte: Paraná Norte. Museu Histórico de Londrina.

Figura 6 - Paraná Norte, 10 de novembro de 1935



Fonte: Paraná Norte. Museu Histórico de Londrina (autor desconhecido).

No texto que acompanha a propaganda, há a divulgação das melhorias que serão implementadas, das estradas, da linha férrea e do algodão como investimento rentável. De acordo com Cristiana dos Santos e Ana Heloisa Molina (2008, p. 6), a construção da ferrovia compõe a ligação do moderno com o progresso, considerado elemento importante para a manutenção da imagem e do projeto de colonização.

No ano seguinte, em 1936, o objetivo era divulgar a qualidade e a riqueza do solo, pois demonstrava prosperidade daqueles que cultivavam, destacando as "Magníficas terras roxas próprias para café", a riqueza do solo e a fartura proporcionada àqueles que o plantavam, assim como outros alimentos (Figura 7).

Figura 7 - Paraná Norte, 16 de agosto de 1936

Paraná-Norte

ANO II LONDRINA, 16 de Agosto de 1936 N.º 11

DR. JOÃO FIGUEIREDO
Diretor
Cidade de Londrina - Paraná
Estado do Paraná

COMPANHIA DE TERRAS
NORTE DO PARANÁ

Venda a preço módico e com facilidade aos pagamentos, das melhores terras do Norte do Paraná, situadas em ótimo clima e onde a água é abundante, em virtude da enorme quantidade de rios, arroios e regatos que banham a região.

Magníficas terras roxas próprias para café

Nas terras da Companhia, além do **Café**, dá-se a colheita da riqueza do solo, o algodão que se cria, obtendo comprimentos e flocos superiores dos

Algodão — milho — feijão — batatas — arroz — etc.

As árvores frutíferas prosperam e produzem de forma extraordinária.

Estrada de ferro — Excelente rede de perfeitas estradas de rodagem.

Serviço completo de correios e pacotes, ligando entre si as principais cidades de Londrina, Nova Duménil, Rolândia e Arapongas.

Não ha saúvas

Peçam informações aos agentes locais ou directamente á

COMPANHIA DE TERRAS NORTE DO PARANÁ

Séde
LONDRINA
Cidade de Terra São Paulo Paraná
Estado do Paraná

Agencia Principal
Caixa postal. 2.771
Rua 5 de Dezembro N. 45
São Paulo

Agentes em toda parte — informações detalhadas, sem compromisso.

Fonte: Paraná Norte. Museu Histórico de Londrina.

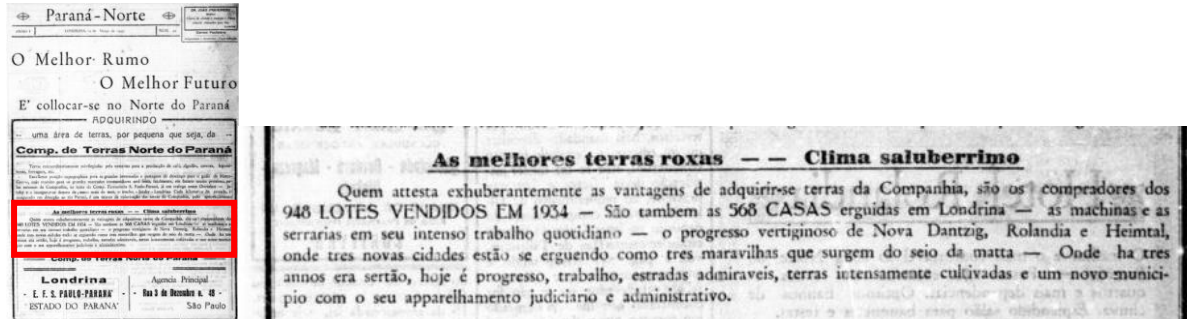
Assim como nas publicações anteriores, a propaganda ocupa a página inteira. No texto apresentam o uso exagerado das qualificações da terra e de frases como “magníficas terras roxas [...]”, assim como muitas possibilidades de plantio, o transporte e ainda garante ao leitor — e possível comprador — que não há saúvas, o “livra” de preocupações relacionadas a prejuízos, produzindo, portanto, um imaginário idealista sobre as terras.

Neste ínterim, as propagandas e os incentivos econômicos surtiram efeito. Posteriormente, com a produção de café e a necessidade de mão-de-obra no campo, pessoas de diversas regiões do país e imigrantes, muitas vezes fugindo de conflitos¹⁶, vieram em busca de trabalho e da perspectiva de um futuro melhor, especialmente entre os anos 1940 e 1960 com o crescimento do mercado cafeeiro.

Conforme análise de Santos e Molina (2008, p. 4), o fluxo de migrantes valorizava as terras, pois fornecia a continuidade do complexo comercial e de mão de obra. Ademais, de acordo com o perfil econômico, explicam que muitos possuíam bens, mas que essa dinamização econômica para a construção das cidades era essencial para a auxiliar na divulgação das cidades que cresciam com as construções de casas e novos empreendimentos.

Na publicação de março de 1935 do Paraná Norte a temática é abordada pela Companhia, ao indicar em um dos parágrafos de propaganda o número de casas já construídas, os lotes que estavam sendo vendidos e as negociações em andamento na região, a fim de prospectar novos clientes (Figura 8).

Figura 8 - Paraná Norte, 10 de março de 1935



Fonte: Paraná Norte. Museu Histórico de Londrina.

Os engenheiros da CTNP buscaram o planejamento urbano da cidade e a distribuição de terras na região¹⁷. Ao analisar o fragmento do antropólogo Claude Lévi-Strauss, que visitou o norte do Paraná em 1935, em “Triste Trópicos”, a historiadora Sonia Adum expressa que não

¹⁶ Para uma leitura mais objetiva sobre a imigração e a troca de interesses entre o governo brasileiro e o capital privado na região, recomendamos as leituras do trabalho: “Da Alemanha Aos Trópicos: Identidades Judaicas Na Terra Vermelha (1933 2003)” do pesquisador Marco Antonio Neves Soares (2012) e “A Permuta de Interesses: perspectivas sobre a estratégia para o assentamento de refugiados na Colônia Roland (1935-1939)” do pesquisador Wilson de Creddo Maestro (2022).

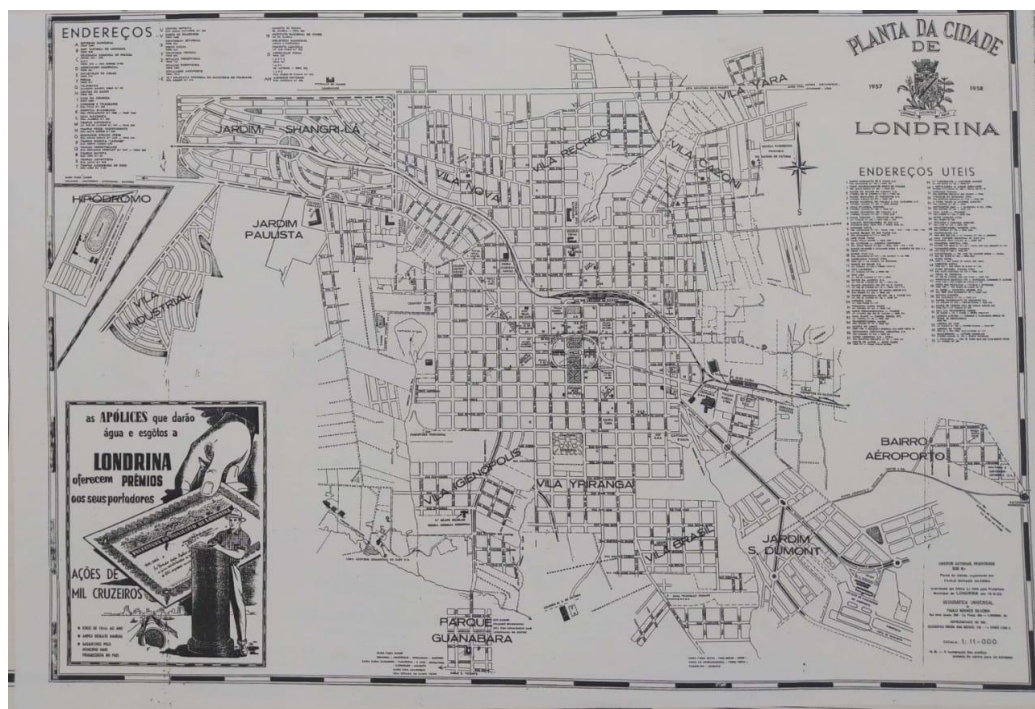
¹⁷ Quanto a isso, o engenheiro Alexandre Razgulaeff foi um dos trabalhadores da CIA e que auxiliou no planejamento da malha urbana da cidade, entretanto era crítico dos projetos de urbanização da cidade e tinha como projeto as ruas largas, mas cujas propostas não foram aceitas pela cúpula da CTNP: “No plano de Razgulaeff, as avenidas da cidade deveriam ter 30 metros de largura e as ruas 24 metros. Mas a ordem foi reduzir as dimensões das ruas e avenidas, por causa dos custos e porque, naquele momento, a previsão era para um número estimado de 30.000 habitantes” (Londrina, 2023).

há dúvidas quanto ao planejamento da Companhia, pois é possível perceber que o traçado das ruas procurava gerar e ordenar o modo de vida de seus habitantes (1991, p. 77-78).

[...] Já nessa altura Londrina era uma cidade organizada, com sua rua principal, o seu centro comercial, o seu bairro de oficinas e a sua zona residencial (...). Nesses quadriláteros escavados arbitrariamente no coração da floresta, as ruas em ângulos retos são inicialmente todas iguais: traçados geométricos desprovidos de qualidade própria. E, no entanto, umas são centrais, outras periféricas; algumas são paralelas e outras são perpendiculares à via férrea ou à estrada; [...] (Lévi-Strauss, 1935, p. 93 *apud* Adum, 1991, p. 77-78).

Na planta da cidade datada em 1957-1958 e organizada por Paulo Novaes Silveira, é possível observar a divisão do espaço urbano de forma ordenada (Figura 9). Marcos Barnabé interpreta que esse modelo de estrutura enfoca as relações cidade-campo e como uma resposta teórica aos problemas advindos do processo de urbanização acelerada, desenvolvida do Ebenezer Howard em 1898 como um modelo diagramático da cidade em torno rural e a formação de uma rede de cidades (1989, p. 100 e 106).

Figura 9 - Planta da cidade de Londrina, 1956-1957



Autor: Paulo Novaes Silveira, 1956-1957.

Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

A partir de 1940 a produção cafeeira no Norte do Paraná transformou a organização política, cultural e social das cidades da região. Leme (2005, p. 29) afirma que com o fim da

Segunda Guerra Mundial e a recuperação do mercado de café, as lavouras cresceram de maneira acelerada, conseqüentemente, a necessidade de mão-de-obra, atraindo migrantes e imigrantes para a região.

Entre as décadas 40 e 50 do século XX os prédios, as grandes construções e clubes passaram a fazer parte do cotidiano urbano. No entanto, a administração não conseguiu acompanhar o ritmo dessas transformações. Segundo Sonia Adum (1991, p. 21),

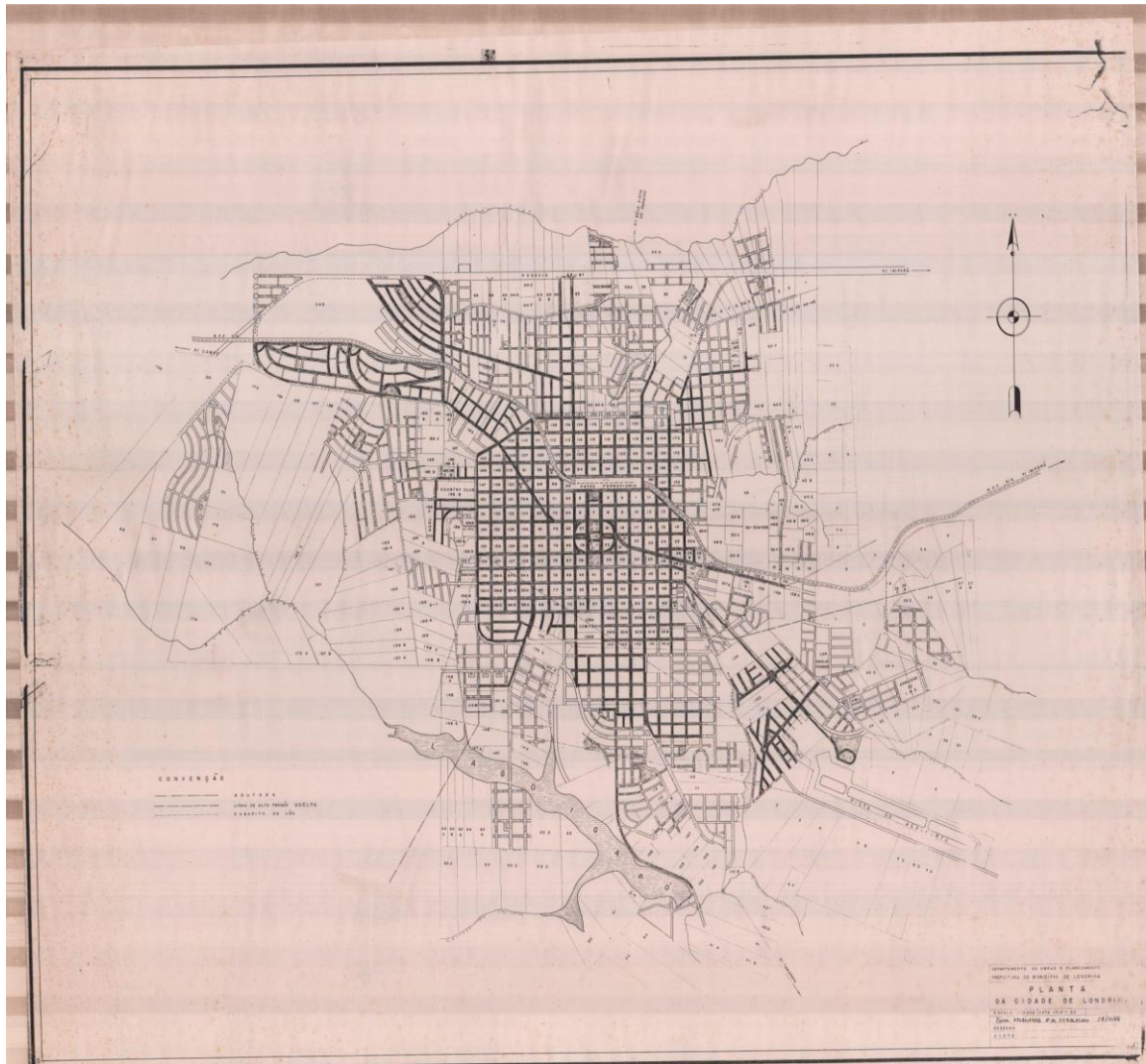
Ao surgimento das construções suntuosas e de rebuscados estilos, somaram-se os recentes planos de ordenamento urbanístico — [...] — que significaram diretrizes para a organização de loteamentos, construção de casas, arborização, construção de praças e arruamentos, dentro de uma meta de crescimento a longo prazo. No entanto, o grande afluxo de mão-de-obra para a cidade exigiu, também, medidas de profilaxia urbana.

Entre os anos de 1939-1944 uma série de mudanças na estrutura político-social do país influenciaram no fim da *Companhia de Terras Norte do Paraná* para a *Companhia Melhoramentos Norte do Paraná*, como mais um dos projetos de nacionalização implementados pelo, então presidente, Getúlio Vargas (1934-1945). Com isso, abriu-se margem para que outras empresas imobiliárias, grileiros e os próprios donos das terras atuassem na venda. A introdução de novos competidores no mercado de terra urbana, o crescimento das cidades se transformou, sendo inseridos novos loteamentos, sem critérios e planejamento da ocupação do espaço (Adum, 1991, p. 116-117). Em síntese:

A expansão da cidade deu-se de forma desordenada. Áreas inicialmente planejadas para se tornarem em reservas verdes, foram engolidas, via especulação imobiliária, pela formação e crescimento de novos bairros, situados na periferia da cidade. [...]. No caso de Londrina, a chegada diária e sempre crescente de levas de migrantes não veio acompanhada da abertura de postos de trabalho, tanto no campo quanto na cidade. O aumento da miséria e da marginalidade acabou sendo uma conseqüência. (Leme, 2005, p. 31).

Em comparação, no mapa de 1964 (Figura 10), é possível perceber a diferença nos traçados e o crescimento da cidade. Já há uma desestruturação considerando o planejamento da CTNP para além de seu centro, conforme a Figura 9. Nela conseguimos compreender que as terras não são mais divididas em pequenos lotes, mas sim em faixas de terras e esses localizados nas periferias.

Figura 10 - Planta da cidade de Londrina, 18 de novembro de 1964



Autor: sem autoria / PML - Prefeitura Municipal de Londrina
Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

Em resumo, o advento da economia cafeeira na região a partir da década de 1940, promoveu o crescimento das cidades e o aumento no fluxo de migrantes em busca de trabalho nas lavouras de café. Concomitantemente, houve uma explosão da periferia, com vilas e aglomerados (Adum, 1991, p. 21-22).

No entanto, o fim da economia cafeeira no final dos anos 1960 e início dos anos 1970 está marcada pela substituição dos trabalhadores pela mecanização do campo, a concentração de terras, as questões trabalhistas em andamento na época, mudanças na economia e, em partes, pelas geadas que atingiram a região. De acordo com Arias Neto, “A luta pela reforma agrária e pela extensão da legislação trabalhista ao campo, que se tratava a nível nacional, apressou, por um lado, a própria modernização técnica da cafeicultura, bem como a de culturas que poderiam se basear quase que exclusivamente na mecanização” (2008, p. 150). Dessa maneira,

[...] Restou uma região desenvolvida no setor agroindustrial, comercial e na prestação de serviços, porém que não absorveu toda a mão-de-obra que migrou em busca da riqueza. O resultado foi o paulatino empobrecimento da população que passou a sobreviver nas periferias das grandes cidades como Londrina e Maringá, ocupando-se de serviços temporários e na construção civil. [...]. Nordestinos, paulistas, mineiros, negros, índios [indígenas] e imigrantes estrangeiros, todos eles passaram a sofrer as conseqüências da falta de emprego e ocupação, sujeitados à pobreza, à miséria e à marginalidade social. (Alves, 2002, p. 16-17).

De acordo com Eckaus (1955, p. 548) citado por Santos (2013, p. 80), a modernização da economia é acompanhada de imposições tecnológicas, dessa forma, essa 'rigidez' impede a expansão do mercado de trabalho, com isso, há o crescimento industrial, mas com aumento do subemprego e do desemprego. Portanto, houve uma distorção do processo de desenvolvimento através da modernidade tecnológica, provocando o impedimento da participação de uma parcela da população e causando o empobrecimento dela (Santos, 2013, p. 83).

Os primeiros registros de favelas são datados no início da década de 1950. Valendo-me dos estudos de Victor Hugo Teixeira Martins (2007, p. 76), neste período já havia quatro áreas ocupadas por favelas, composta pela população rural vindas de outras cidades do Paraná e regiões do Nordeste. Posteriormente, na década de 1960, houve o registro de mais três favelas, composta pela população da área rural de Londrina. Segundo Jolinda Alves, as situações de pobreza em Londrina estão presentes desde a década de 1940, porém, a primeira grande concentração de pobreza certificada foi a “Vila do Grilo”, em meados dos anos 1950 (2002, p. 173 e 175).

Conforme análise de Alves, a “questão social” nas regiões sul e sudeste do país foram agravadas a partir da década de 1960, com o êxodo rural provocado pelo fim da economia cafeeira, a substituição dos trabalhadores pela mecanização do campo e a concentração de terras. Dessa maneira, conseqüentemente, as áreas urbanas não foram capazes de absorver o contingente populacional do campo, provocando, especialmente, o desemprego dessa população (2002, p. 17).

Diante disso, ainda hoje a cidade enfrenta as conseqüências do crescimento desenfreado e da especulação imobiliária. As pesquisadoras Elisabeth Aparecida Alves e Ideni Terezinha Antonello explicam que a vinculação do espaço urbano londrinense à especulação imobiliária pode ser visualizada nos levantamentos realizados em 2006 para melhorias do Plano Diretor Participativo, que identificou que cerca de 30% de sua área urbana são constituídas pelos chamados “vazios urbanos”, ou seja, áreas inabitadas que constitui reservas de valor ou ação no processo de especulação imobiliária (2009, p. 1 e 6).

Deste modo, ao analisarmos o processo de constituição da cidade de Londrina, temos como plano inicial um projeto de controle demográfico elaborado e produzido por uma empresa de capital estrangeiro, a CTNP, que aliado à propaganda produziu um imaginário¹⁸ sobre a região e que foi reproduzido ao longo dos anos por um grupo seletivo de figuras políticas, jornalistas e fazendeiros como uma terra de riquezas e de promessa.

À vista disso, analisando os trabalhos produzidos para o Jubileu de Prata da cidade, comemorado em 1959, Arias Neto considera que nos documentos de festejos é perceptível a produção de locais de memórias e de uma tradição inventada; buscando cunhar a própria identidade desses grupos. Logo, “[...] buscavam legitimar e reproduzir a identidade de Londrina cunhada pela retrospectiva histórica cristalizada nos lugares de memória — e promover, em torno delas, uma coesão social” (2008, p. 155).

Em contraste, temos uma realidade alheia ao acesso de bens de consumo e a essas identidades, com a marginalização e exclusão de grupos sociais que viviam no entorno urbano. Por conseguinte, negando o problema social e habitacional que a cidade enfrentava. Quanto a isso, Eder de Souza afirma que:

Essa burguesia cafeeira consolidou-se a partir do crescimento da cidade e da cafeeicultura, construiu seus próprios padrões de identificação e solidificou o mito da “capital mundial do café”. Sua forma de entendimento sobre a cidade era um reflexo particular de uma situação geral, isto é, o tratamento que os administradores deram às questões sobre a cidade era justificado por um discurso de modernidade e racionalidade urbana, defendido como uma onda irrevogável de progresso e de civilização, que refletia a entrada de Londrina no mundo moderno [...] (2021, p. 21).

A exemplo disso, a Favela do Grilo, atual Vila Fraternidade de Londrina, foi uma das primeiras favelas da cidade, ainda nos anos 1950. Localizada próximo ao Marco Zero¹⁹, essa comunidade expressava uma realidade esquecida ou estrategicamente silenciada pela memória pública do município, pois há muitas permanências e resistências nos discursos das elites em que reforçam as narrativas de um passado constituído do pioneirismo e dos “desbravadores” do sertão do Norte do Paraná, assim como o café diretamente relacionado à ideia de “ouro verde”.

¹⁸ Para o conceito de “imaginário”, consideramos o termo “imaginários sociais”, da análise de Bronislaw Baczko. Segundo o autor, essa categoria é adequada para as representações coletivas, ideais e imagens da sociedade que a envolve, pois estão associadas ao poder, uma vez que o poder é cercado de símbolos, que o legitimam e garantem a sua proteção (Baczko, 1999, p. 8).

¹⁹ O Marco Zero é interpretado pela memória coletiva da cidade como “início da cidade”, onde a caravana de integrantes da equipe da Companhia de Terras Norte do Paraná, responsável pelo loteamento e venda das terras, chegaram e marcaram essa região. Apesar de reproduzir uma história tradicional e memorialística, ele faz parte da identidade londrinense e do cotidiano dessa comunidade.

Isto posto, iniciamos nossa discussão com uma ideia expressa na obra de Ulpiano Meneses (2006, p. 38) em que ele afirma que o cotidiano é muito mais que uma inofensiva repetição do dia a dia, mas sim, a competência que se instituem as relações sociais e práticas que dão sentido a ele. Com isso, buscaremos entender no capítulo seguinte como a questão urbana foi abordada nos setores públicos e nas discussões sociais do cotidiano da cidade no período, levando em conta uma série de normas e publicações relacionadas à temática, a fim de entender o contexto político, social, econômico e cultural e o impacto das mudanças relacionadas à habitação nesse período.

2 FAVELAS E POBREZA URBANA: A VILA DO “GRILO” E VILA FRATERNIDADE DE LONDRINA-PR (1950-1960)

Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil? [...] ... As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludo, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (Jesus, 2014, p. 33 e 37, adaptado).

Os trechos citados acima são da brasileira Carolina Maria de Jesus (1914-1977) em seu livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada (2014)” sobre sua experiência vivendo em uma favela na Zona Norte de São Paulo. Sua escrita é cativante, contudo, a sua experiência expressa uma dura realidade que fez parte da de muitos brasileiros: a fome, as casas e bairros sem infraestrutura e a vivência nas favelas brasileiras nos anos 1950. A pesquisadora da área de letras, Elisângela Aparecida Lopes (2021), manifesta que a obra de Carolina é marcada pelo retrato da miséria e descaso social, sendo o seu cotidiano descrito de maneira tão particular, que só poderia ter sido realizado por alguém que realmente o experienciou.

A escritora e poetisa foi catadora de papel e morava na favela do Canindé em São Paulo junto com seus filhos; ela não conseguiu terminar os estudos, mas tinha paixão pela leitura e pela escrita. De acordo com Lopes (2021), “[..]. Enquanto [Carolina] se debruçava nos seus cadernos de anotações, fugia da realidade de miséria na qual estava inserida e paradoxalmente dava a essa realidade um caráter documental”.

Além da obra “Quarto de despejo: Diário de uma favelada”, publicado em 1960, é também responsável pelo livro "Casa de Alvenaria: Diário de uma ex-Favelada (1961)", e de uma série de outros trabalhos em que expressou por meio da escrita os anseios de suas experiências na cidade de São Paulo da década de 1950 e suas subjetividades acerca dos acontecimentos, que nos permite compreender os elementos do seu cotidiano, as violências de classe, o racismo e a exclusão social.

O geógrafo brasileiro Milton Santos (1926-2001) é uma das principais referências dos estudos geográficos do século XX. Motivado às próprias experiências relacionadas ao racismo²⁰, as transformações experimentadas pelos movimentos sociais da América Latina e

²⁰ Quanto a isso, o Portal Geledés (2016) publicou a transcrição de uma palestra proferida por Milton Santos. Nela, ele destaca sua experiência social, não apenas como geógrafo, mas como homem negro no Brasil: "O meu trabalho, como todo mundo sabe, é outro, eu me especializei em outra coisa, é a minha história, mas não sou indiferente a essa questão, longe disto. Creio que as contribuições teóricas que por ventura tenha elaborado para o entendimento da sociedade possa ser de alguma valia no tratamento da questão do negro no Brasil; que não será resolvido se os

principalmente no Brasil em um dos períodos mais duros da Ditadura Civil-Militar — que o fez deixar o país como exilado político —, nos seus estudos propunha uma renovação da Geografia, voltado para preocupações sociais, culturais, econômicas e políticas a partir da perspectiva crítica e individual, buscando afastar-se de visões limitantes e impostas pelos países europeus e norte-americanos, como os EUA, que tinham uma realidade diferente dos países mais pobres.

Não apenas a disciplina de sua maestria foi impactada por suas contribuições, mas também a área de ciências humanas como um todo, especialmente, os estudos históricos. Na tese desenvolvida pelo pesquisador Barthom Favatto Suzano Junior (2022, p. 114-115), ele analisa o espaço e o tempo a partir das gerações de vários historiadores da Teoria da História, porém, destaca e expressa que no espaço geográfico imaginado e teorizado por Milton Santos, ou seja, o geo-histórico, a sua proposta teórico-metodológica outorgada à finalidade de repensar as espacialidades a partir dos novos problemas e desafios, buscou fornecer ao campo um arsenal de investigação dos ecos e impactos dessas reorientações espaciais nos países subdesenvolvidos. Com isso, considera que:

Esse outro olhar sobre o espaço e a dinâmica das espacialidades na modernidade e pós-modernidade dos países subdesenvolvidos possibilitou a compreensão das espacialidades desde balizas dialéticas, porque complementares: a da universalidade e unicidade do espaço. Isto é, todo espaço é numa mesma medida um universal e um singular. Nos recortes do tempo ou do próprio espaço, dado que nenhuma espacialidade é clone ou ciborgue de outra, ainda que revelem um sem-número de semelhantes características. A racionalidade formativa imperativa (ou imperialista) que o orienta e organiza na pós-modernidade muitas vezes advém de fontes externas, de além da horizontalidade do lugar. (Suzano Junior, 2022, p. 115).

No ano de 1978, após retornar do exílio, Milton Santos publicou o livro “Pobreza Urbana” em que faz uma crítica à generalização da pobreza e analisa dentro das experiências históricas dos países de “Terceiro Mundo”²¹. Ao discorrer sobre o tema, ou como ele mesmo prefere chamar: “os aspectos da pobreza vinculados à urbanização”, o geógrafo afirma que as

negros forem sozinhos na luta. A luta dos negros só pode ter eficácia se envolver todos os brasileiros, inclusive os negros, mas não só os negros. Não cabe aos negros, aliás, fazer essa luta. Essa luta tem que ser feita sobretudo por todos”.

²¹ O termo “Terceiro Mundo” foi substituído por “países emergentes”; de acordo com Margit Brugger, ele foi cunhado em 1952 pelo jornalista francês Alfred Sauvy para designar o grupo dos países mais pobres, se referindo a uma posição subalterna com respeito aos dois blocos ocidental e soviético após a Segunda Guerra Mundial (2007, p. 23). É importante salientar que nos últimos anos uma série de estudos políticos decoloniais buscam reavaliar a utilização de termos e ideias que expressam uma dominação dos países capitalistas aos países mais pobres ao classificá-los dessa forma. Recomenda-se como leitura inicial sobre a temática o texto “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina” de Aníbal Quijano, disponível no livro organizado por Edgardo Lander chamado “A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais (2005)”.

explicações simplistas das atividades intelectuais a respeito do que é a pobreza e como ela é criada, seu comportamento e desenvolvimento é um problema (2013, p. 20).

Dito isso, ele afirma que há muitas maneiras de se afastar do real problema urbano, entre elas, considerar que é apenas uma situação transitória como algo necessário para a mobilidade social. Logo, entre as abordagens teóricas há aqueles que consideram a “crise urbana” como uma consequência da explosão demográfica ou nos aspectos políticos dela, porém, ainda assim, não são suficientes, pois é uma perspectiva que busca contornar os problemas centrais da questão (Santos, 2013, p. 21).

Com isso, não podemos deixar de pensar que o crescimento da cidade provoca transformações profundas e estruturais, mas reduzir a pobreza como consequência única e particular deste processo é um equívoco. Na análise de Milton Santos, se há uma crise urbana, as raízes do problema encontram-se no sistema mundial. Logo, é preciso analisar a particularidade dos eventos levando em conta o regional, nacional e internacional; os efeitos da modernização e o funcionamento da economia urbana pobre relacionada com a economia moderna (2013, p. 31 e 42).

Na análise de Erminia Maricato, a invisibilidade dos problemas urbanos nos países pobres é histórica: “[...] a habitação dos trabalhadores não é problema para o capital e, na maior parte das vezes, nem para o Estado.” dessa forma, “[...] os bairros de moradia dos trabalhadores são construídos por eles mesmos, nos seus horários de descanso. E também, por isso, as favelas fazem parte da reprodução da força de trabalho formal.” (2015, p. 20). As favelas são construídas “do jeito que dá”, com os objetos que estão a sua disposição.

Nos anos 1970 os estudos sobre urbanização foram privilegiados em diversas áreas do conhecimento. De acordo com Maricato (2015, p. 21), a chamada Escola Francesa de Urbanismo, integrada por marxistas, buscava explicar a produção do espaço urbano e dos conflitos entre capital e trabalho:

Os confrontos não se dão apenas no chão da fábrica, como pretendia a herança histórica do movimento operário. A perda do prestígio da função social das cidades, no capitalismo central, coincide com a ascensão das ideias neoliberais e concomitantemente perda de espaço do *Welfare State* [Estado de bem-estar social], acompanhando o enfraquecimento dos sindicatos de trabalhadores e perdas de espaço das forças de esquerda (Maricato, 2015, p. 21).

Em relação ao Brasil, a publicação “São Paulo 1975: crescimento e pobreza” de Cândido Camargo *et al.* (1976) analisou a cidade de São Paulo como um centro de concentração de riqueza e na propriedade do capital: “Isto significa que o centro de concentração do capitalismo

brasileiro encontra-se em São Paulo, para onde afluem os recursos para a acumulação, do resto do País e do exterior” (1976, p. 15). Segundo o documento, as análises sobre a pobreza urbana eram consideradas um fator transitório na reorganização da produção e fluxo de migrantes, no entanto, os dados, especialmente sobre a cidade de São Paulo, demonstram que não havia pesquisa que explicasse os desníveis sociais a partir da migração:

[...] **tendiam a circunscrever os efeitos indesejáveis do crescimento econômico sobre as condições de vida das populações urbanas brasileiras ao fenômeno da “marginalidade”.** Desse ponto de vista, a pobreza urbana era um aspecto separado e específico, na realidade de progresso e bem-estar criada pela industrialização e pela urbanização. Em contraste com a miséria rural, a pobreza das populações “marginais” urbanas era um fato menor, indesejável por certo, mas transitório porque característico de um período de reorganização espacial da produção. Em muitos casos, considerava-se o pauperismo urbano como uma situação de transição própria dos migrantes de origem rural, ainda não absorvidos pela economia urbano-industrial [...]. [No entanto] verifica-se a inexistência de qualquer fundamento científico na explicação dos desníveis sociais a partir da dicotomia entre migrantes e naturais do local (Camargo *et al.*, 1976, p. 18, grifo nosso).

Ainda segundo Camargo *et al.* (1976, p. 19), ao analisar a cidade de São Paulo, o que se evidencia deste processo é que os principais problemas enfrentados pela população não advêm do crescimento da cidade, mas sim da organização da produção e distribuição da riqueza, ou seja, das contradições da economia e sociedade brasileira: “A situação da cidade no contexto brasileiro apresenta peculiaridades. Mas, do ponto de vista da maioria da população, essas peculiaridades não se referem à ausência dos problemas existentes em outras regiões do país” (Camargo *et al.*, 1976, p. 19).

Em sua análise sobre favelas, Mike Davis (2006, p. 32 e 34) elenca que a maioria das mega favelas cresceu a partir de 1960; e na perspectiva dos países emergentes, a população mais pobre precisa realizar um cálculo complexo de considerações para otimizar o custo habitacional: a garantia de posse, qualidade, distância do trabalho e a segurança. Dessa maneira, “Por trás dos ‘problemas urbanos’ está a vida dos habitantes da cidade, que se organiza na repartição dos benefícios do desenvolvimento e na distribuição do preço a pagar” (Camargo *et al.*, 1976, p. 22), conseqüentemente, a organização do espaço urbano e sua infraestrutura determinam a qualidade de vida daquela população:

A distribuição espacial da população na cidade acompanha a condição social dos habitantes, reforçando as desigualdades existentes. Há muitos anos, uma favelada do Canindé [refere-se a Carolina Maria de Jesus] escrevia que “a favela é o quarto de despejo da cidade”. Hoje em dia, a expressão “periferia”, que serve para designar os bairros afastados do centro, tornou-se sinônimo, em certos meios, da noção de marginalização ou de exclusão social (Camargo *et al.*, 1976, p. 23, grifo nosso).

Maricato explicita que nas últimas décadas do século XX as cidades brasileiras aumentaram em 22.718.968 pessoas, sendo considerado e analisado por ela sob a ótica de que até 1930 a economia se manteve no setor agrário, porém, com a “revolução burguesa no Brasil” — denominada por Florestan Fernandes — o Estado passa a investir no desenvolvimento industrial e assume a hegemonia política na sociedade (2013, p. 17). Sendo assim, entre os anos de 1940 e 1980 o PIB cresceu, atingindo um dos maiores índices do mundo (cerca de 7% ao ano), mas isso representou a concentração de riquezas (Maricato, 2013, p. 20).

Em consonância, Davis (2006, p. 116) destaca a frase de Gita Verma (2002)²² que diz o seguinte: “A causa básica de favelização urbana parece ser não a pobreza urbana, mas a riqueza urbana”, dessa maneira, no Brasil, o crescimento provocou a especulação imobiliária, a expulsão dos trabalhadores e o isolamento urbano, na medida em que o trabalhador deve reproduzir sua condição de assalariado e morador da cidade (Camargo *et al.*, 1976, p. 35-36).

Conforme Maricato, o processo de urbanização brasileira foi baseado em baixos salários, na informalidade e sem a inclusão dos gastos com moradias, com isso, compreende que a cidade é reprodução da força de trabalho, no chamado “expedientes de subsistência”²³ (2013, p. 41 e 45).

Com a criação do Banco Nacional de Habitação (BNH), integrado ao Sistema Financeiro da Habitação (SFH), as cidades brasileiras passaram a mudar o padrão de produção, ocasionando a verticalização de várias cidades (Maricato, 2013, p. 20). Todavia, os planos de “reurbanização” se somam a pressão imobiliária e repressão das favelas, enquanto novas áreas de favelas surgem com a transferência de massas de trabalhadores das áreas centrais e para além do crescimento urbano, conforme eram ocupadas pelo mercado imobiliário (Camargo *et al.*, 1976, p. 36-37).

De acordo com Davis, entre os anos de 1960 e 1980 a ocupação e invasão de terra pública ou grandes terras privadas na América Latina foi comumente noticiada, e, com ela, a resistência contra a máquina repressora do Estado (2006, p. 48). Em Londrina, conforme analisado pelo pesquisador Eder de Souza (2021, p. 100-101), as ocupações de terrenos nesse período eram comuns, no entanto, difíceis de manter, uma vez que solicitada a sua reintegração de posse pelos donos, o poder público agia de forma violenta para a sua recuperação. Em

²² O autor faz referência ao trabalho de Gita Verma, escritora indiana, arquiteta e urbanista, intitulado “Slumming India: A Chronicle of Slums and Their Saviours” de 2002.

²³ A autora utiliza o termo "expedientes de subsistência" com o objetivo de explicar o processo em que os trabalhadores foram excluídos do mercado imobiliário e buscaram a favela como moradia, com isso, foram responsáveis pela construção de suas próprias resistências e sem projetos de arquitetos ou financiamentos para as construções (Maricato, 2003, p. 153).

contrapartida, o autor menciona uma reportagem publicada na Folha de Londrina em 1963 de José de Oliveira Rocha, que afirmava que o seu terreno foi ocupado na região que ficou conhecida como Vila Esperança²⁴.

Souza (2021, p. 100-101) explica que Rocha não obteve retorno da Prefeitura para a desocupação — demonstrando a incapacidade do poder público de controlar o crescimento das ocupações, loteamentos e favelas no período —, com isso, passou a utilizar o terreno a fim de se beneficiar da cobrança de aluguéis da população humilde que buscava um local para morar e sobreviver na cidade, assim, o terreno passou a chamar-se “Grilo da Rocha”:

Sem o poder público intervindo na questão, o povo ficava sujeito à ação de aproveitadores que se beneficiavam das carências dos trabalhadores pobres e lucravam com essa situação. A demanda de moradia era maior que a oferta de imóveis, e as populações mais carentes eram atingidas por esse mercado especulatório (Souza, 2021, p. 101).

Os pesquisadores Orlandina de Oliveira e Bryan Roberts (2005, p. 311-312) advertem que o aluguel foi a principal forma de acesso à moradia das populações mais pobres da América Latina, contudo, a precariedade delas tornou-se parte “normal” das cidades, assim como as ocupações e compras semilegais. Em outras palavras,

Assim, verifica-se que a questão da habitação é expressão das contradições inerentes à relação capital e trabalho, intrínsecas ao modo de produção capitalista, mediada pela mercantilização da terra urbana e sua consequente utilização com fins especulativos e imobiliários que, a partir de uma determinada estrutura de distribuição de riqueza, estabelecerá os **padrões de consumo habitacional**. [...] [Sendo que] No espaço urbano, são reproduzidas as contradições inerentes ao sistema de acumulação capitalista como modo de produção que, em parte, se perpetua **valendo-se da utilização do espaço como legitimador daquelas relações sociais de desigualdade**, amplamente necessárias à sua sobrevivência (Pagani; Alves; Cordeiro, 2015, p. 180, grifo nosso).

Em sintonia, Davis expressa que residências malconservadas das favelas costumam ser mais lucrativas que outros tipos de investimento imobiliário, sendo no Brasil o país onde boa parte da classe média utiliza-se da cobrança do aluguel para os mais pobres (2006, p. 93). Junto a isso, é importante ressaltar que para muitas famílias, a cobrança do aluguel serve como complemento de renda e de subsistência.

Assim como já elencamos anteriormente, conforme a análise de Maricato (2015, p. 20), Camargo *et. al.* (1976, p. 39 e 43) destaca a construção da casa própria do trabalhador é a

²⁴ A Vila Esperança ficava localizada ao final da Rua Santa Catarina, próximo a linha férrea e à Vila do Grilo de Londrina, com as construções de conjuntos a comunidade foi removida e realocada em outras localidades da cidade, especialmente no Pindorama, que fica localizado na Fraternidade (Martins, 2007, p. 83).

possibilidade de moradia, uma vez que os custos com aluguéis ou financiamentos são altos para o padrão de vida necessário em grandes centros, especialmente em São Paulo: “As casas precárias da periferia são as ‘casas próprias’, em que a lógica especulativa dos ‘loteamentos’ fixou boa parte da classe trabalhadora”.

Há muitas referências sobre o que considerar e chamar uma região como “favela”, com isso, além de observar o processo de urbanização, o teórico urbano e historiador Mike Davis (2006) buscou analisar as particularidades de suas concepções, de forma geral e individual em várias partes do mundo. Destarte, considera, a princípio, que as favelas enfrentam a má geologia, pois casas são construídas costumeiramente em solos desgastados, encostas, morros, em locais suscetíveis a erosões e/ou íngremes que impactam a qualidade de vida da população, além das tragédias com vítimas fatais como nos deslizamentos e enchentes (Davis, 2006, p. 124). Com isso, é válido destacar que as condições climáticas e da meteorologia atingem os indivíduos de formas diferentes dentro da cidade.

Na antiga Vila do Grilo, a região ocupada pela população esteve localizada em áreas inclinadas e de detonação de rochas. Segundo relato de antigos moradores e nos registros da cidade, havia uma empresa que realizava o trabalho, que tinha como objetivo fornecer matéria-prima para calçamento e construção civil; ao longo do dia, uma sirene era disparada para avisar os moradores no momento das explosões.

Na figura 11, datada em 05 de agosto de 1971, durante o desfavelamento da Vila Fraternidade, é possível observar a organização espacial do terreno, que mesmo com as mudanças implementadas, manteve sua posição em declive. Na foto a imagem está escurecida, mas é possível observar o campo de futebol da Vila Amaral, as casas recém-construídas em meio às casas de madeira.

Figura 11 - Vila Amaral, 05 de agosto de 1971



Autor: Oswaldo Leite, 05 de agosto de 1971.

Fonte: Museu Histórico de Londrina (MHL).

Além disso, Yasminie Cerqueira analisa que o espaço público é muito mais que um espaço comum e coletivo, pois abriga a convivência, as ruas, os parques e as praças, que refletem a importância na relação entre a construção do espaço público, da esfera pública e sua “separação” da esfera privada, logo, nos permite observar as implicações que as suas características podem ter no espaço público, nas variadas formas da apropriação (2013, p. 25 e 36-37).

Nas memórias dos moradores da comunidade, o campo era — e ainda é, pois ainda se mantém na Vila — um importante espaço de socialização, em que muitas crianças, jovens e adultos se reuniam para brincar e jogar futebol. Na imagem é possível observar pessoas sentadas no centro do campo, enquanto outras caminham na lateral inferior esquerda da foto. Especialmente porque o futebol é fundamental na construção de identidades sociais:

O futebol se tornou, no Brasil, muito mais que mera modalidade esportiva. Sua rápida e profunda disseminação propiciou-lhe a condição de elemento central na cultura brasileira. Constitui o futebol um amplo sistema de práticas e representações sociais,

uma complexa teia de sentidos e significados, com densa impregnação na paisagem urbana (Mascarenhas, 2012, p. 71).

Davis (2006, p. 112) expressa que nos anos 1960 e 1970, com o advento das Ditaduras no Cone sul, foi declarado guerra às favelas, pois eram vistas como centros de potencial de resistência e “obstáculos ao aburguesamento urbano”, por isso, destaca que no Brasil após 1964 houve a derrubada, remoção de assentamentos e o acirramento de conflitos sociais entre a favela, bairros burgueses e violência policial:

Suzana Taschner [1995] diz: “o início do período militar caracterizou-se por uma atitude autoritária, com a remoção compulsória de assentamentos de invasores com a ajuda das forças de segurança pública”. Evocando a ameaça de um minúsculo foco urbano de guerrilheiros marxistas, os militares arrasaram oitenta favelas e expulsaram quase 140 mil pobres dos morros que dominam o Rio. Com o apoio financeiro da United States Agency for International Development (Usaid), outras favelas foram demolidas mais tarde para abrir espaço à expansão industrial ou para “embelezar” as fronteiras das áreas de renda mais alta. Embora as autoridades fracassassem em seu objetivo de eliminar todas as “favelas do Rio em uma década”, a ditadura deflagrou conflitos entre os bairros burgueses e as favelas e entre a polícia e a juventude favelada que continuam a vicejar três décadas mais tarde (Davis, 2006, p. 112).

No contexto londrinense do período, Arias Neto indica que o discurso da modernidade esteve incorporado às representações do Eldorado e de ordenamento da cidade, uma vez que o poder público buscou legitimar as desigualdades sociais com um sistema de leis para regular o cotidiano municipal (2008, p. 99). Deste modo, por mais que na década de 1950 o café foi um produto de exportação rentável àqueles que possuíam terras e notoriedade do ambiente político e econômico da cidade, por outro lado, havia uma população excluída desse processo, trabalhando em setores informais e com renda inferior às demais classes. Nas reflexões de Eder de Souza (2021, p. 15),

[...] A Londrina da década de 1950 via surgir uma classe formada por capitalistas bem-sucedidos, intelectuais e outros afortunados que constituíam uma autoimagem de nobreza e de glamour, procurando vangloriar-se sob a insígnia de pioneiros. Já do lado de fora das festas e das reuniões da alta sociedade, havia um grupo numericamente maior, ao qual não importava a pompa e os símbolos de valoração social. Os "excluídos do café" eram homens e mulheres de outras paragens, em busca de sobrevivência, para os quais aquela cidade era simplesmente um reduto de esperanças. [...].

Portanto, muito mais que apenas um processo de explosão migratória e crescimento acelerado, podemos interpretar a pobreza urbana também como uma segregação do espaço físico e social. A pesquisadora Teresa Caldeira (2000, p. 211) assegura que essa separação é uma característica importante da cidade, pois indica como os grupos sociais se relacionam com

os locais, seguindo padrões de diferenciação social e que revelam princípios que estruturam a vida pública.

Ademais, os espaços são também representações da memória e como elas se constituem na análise histórica e do cotidiano. Acerca disto, Michel de Certeau manifesta que cada individualidade é o lugar em que atua uma pluralidade incoerente; com isso, no cotidiano, os comportamentos e representações de uma sociedade e os usos do espaço urbano por ela devem ser levados em conta como operações singulares através das práticas sociais, pois, por vezes, são elas que dizem mais de uma sociedade e de um indivíduo do que a sua própria identidade (1998, p. 38-40).

Destarte, enquanto isso, nas particularidades de nossa análise, a segregação dos espaços urbanos esteve ligada não apenas a barreiras econômicas, sociais ou culturais, mas também físicas. Se na formação das identidades delimitadas pela CTNP a estrada de ferro foi um importante instrumento de valorização das terras e uma maneira de atrair compradores, nos símbolos ligados e incorporados a ela, há também novos significados, construídos pelos grupos, entre eles, a divisão entre pobres e ricos.

Vale ressaltar que isto já estava previsto pela CIA, uma vez que para além do seu traçado original, uma parte significativa foi loteada para serem vendidas por valores menores para que pessoas mais humildes pudessem comprá-las, porém, com o fim da construção essa divisão serviu como uma barreira simbólica e física no imaginário entre a cidade acima da linha e as “vilas” abaixo dela (Souza, 2021, p. 86-87).

Uma das contribuições mais significativas sobre a temática está no trabalho da antropóloga Deise Maia em sua dissertação “Abaixo da Linha: Casoni, Uma Vila da Cidade ‘Londrina’ (1993)”. No texto, a autora realizou estudo de campo na comunidade que fica localizada próximo ao centro da cidade e fez uma análise da estrutura espacial, considerando a perspectiva histórica e social; tendo como ponto de referência a diferença em relação à posição geográfica da linha férrea, uma vez que a parte alta da cidade foi ocupada por moradores com mais recursos financeiros, enquanto a parte baixa, por pessoas com menos recursos. Logo, essa diferenciação na ocupação espacial reflete questões sociais e econômicas presentes na história da cidade.

Próximo à Vila Casoni, havia uma comunidade conhecida como “Vila do Grilo”, considerada, como vimos anteriormente, uma das primeiras favelas da cidade nos anos 1950.

Conforme os registros coletados por Jolinda Alves em entrevista com Frei Nereu do Vale²⁵, em 1992, e em jornais do período, o terreno era da antiga propriedade rural de Waldomiro Orizawa (2002, p. 369-370).

Nas memórias compartilhadas por Vale, Orizawa era japonês e com o auxílio econômico de outros imigrantes da comunidade decidiu retornar ao Japão com o fim da Segunda Guerra Mundial; porém, não se tem registros de sua volta para Londrina e o que de fato aconteceu com ele. A chácara passou a ser ocupada por grileiros e pessoas que chegavam à região:

A vila do Grilo, só para sua ilustração, era uma chácara de um japonês. Eu estudei a história. Ele, quando terminou a Guerra, imaginou que o Japão estava ainda sustentando a Guerra e precisava de ajuda. Ele pediu entre os co-nacionais ajuda econômica para levar ao Japão para vencer e ganhar a Guerra. Mas ele foi surpreendido em São Paulo, com muito dinheiro, e foi preso e não conseguiu ir para frente. Então ele teve vergonha e não voltou mais a Londrina. E a chácara dele virou favela (Vale, 1992 *apud* Alves, 2002, p. 369).

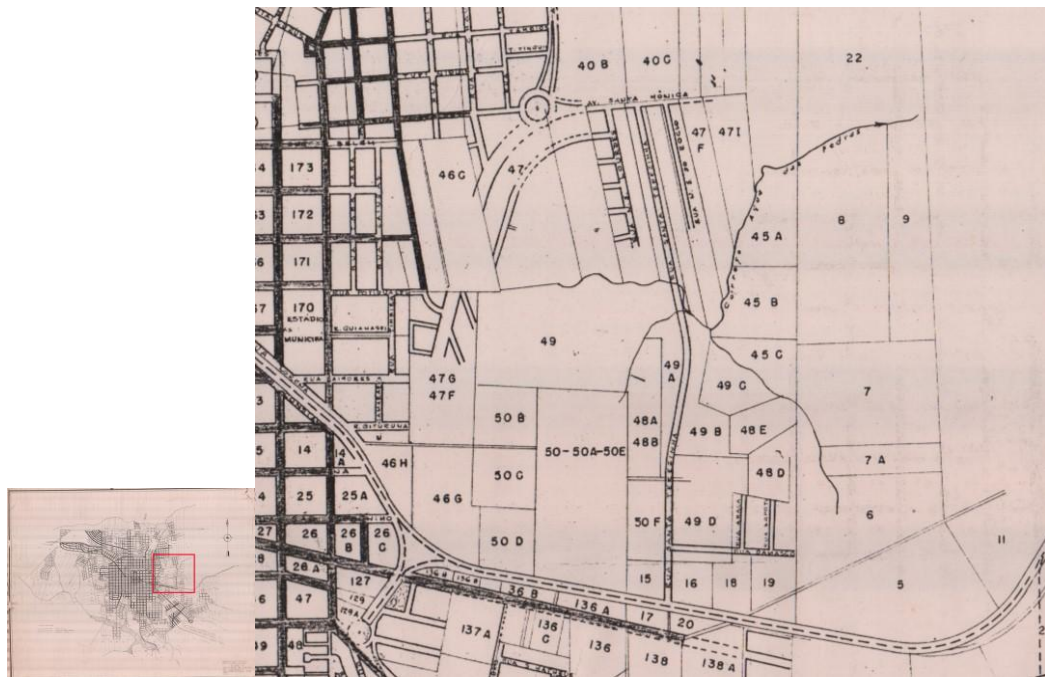
É importante observar que nos campos da memória e da oralidade, devemos analisá-las não como verdade, mas como possibilidade. Nas metodologias de História oral, interpretam o discurso como fontes e que devem ser analisadas de forma crítica e reflexiva, tal qual textos, fotografias, artefatos e tantos recursos da pesquisa histórica. Mediante o exposto, nas críticas relacionadas à oralidade, Paul Thompson expressa que nelas “Não reconheciam que as distorções da memória não eram um problema, mas sim um recurso” (1992, p. 52).

Deste modo, não é possível assegurar a versão apresentada pelo entrevistado, até mesmo pela falta de fontes sobre o tema, porém, devemos levar em conta o registro da ocupação da comunidade como fator de destaque, visto que a sua formação próxima ao centro, mesmo que em terrenos abaixo da linha férrea, é explicada pela grilagem e pelas ocupações em uma área previamente utilizada por outro morador da cidade e que são reforçadas em outras fontes e jornais que foram analisados pelos pesquisadores citados anteriormente.

Na figura a seguir temos o mapa da cidade de Londrina, que já apresentamos anteriormente na Figura 10, mas, destacamos a localização da comunidade (Figura 12), em que perceptível uma divisão mais desordenada dos lotes de terra e quase que em um limite da cidade, com poucas ruas identificadas, apresentando-se como um espaço rural e com conjuntos de chácaras. Essas expansões constituem uma invasão da zona urbana sobre as áreas rurais ou cinturões verdes inicialmente planejados.

²⁵ De acordo com Alves (2002, p. 333-334), o líder religioso Frei Nereu do Vale foi responsável pela construção de Igreja, Creche e pelo trabalho assistencial em Londrina ao longo dos anos 1950 e 1970, especialmente na comunidade da ‘Vila do Grilo’. Ainda segundo ela, recebeu da Câmara Municipal o Título de “Cidadão Honorário”, pelas realizações que efetivou no campo social e filantrópico.

Figura 12 - Planta da cidade de Londrina, 18 de novembro de 1964 (recorte)



Autor: sem autoria / PML - Prefeitura Municipal de Londrina e adaptado pela autora.

Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

Dois anos antes da produção do mapa, no ano de 1962, o jornal *Combate* já havia publicado uma matéria sobre a Vila do Grilo, intitulada "Vila do Grilo: doença, fome, vício, miséria e abandono". No decorrer do texto, a reportagem evidencia sobre a precariedade das favelas nas grandes cidades e em seguida aponta para os problemas do município:

O nosso município, infelizmente está trilhando o mesmo caminho, o caminho do descuido e da falta de assistência social. Já temos fluorescentes e prósperas favelas repletas de mocambos e malocas, plantadas em vários pontos da cidade, oferecendo perspectivas lisonjeiras de desenvolvimento, de crescimento e agigantamento assustador. Temos por exemplo a famosa Vila do Grilo. Que espetáculo desmoralizante para um município novo e rico! [...] (*O Combate*, 1962 *apud* Alves, 2002, p. 174).

Não apenas nesta matéria, mas em uma série delas sobre a questão urbana, trazidas e discutidas por autores como Alves (2002) e Souza (2021), são colocadas as opiniões acerca do problema urbano e a indignação da situação dessas comunidades e o seu crescimento, porém, como uma perspectiva de "intrusos" e pejorativa para a imagem da cidade. Em vista disso, os imigrantes pobres foram tratados como indivíduos indesejados, pois não representavam nenhum progresso, mas sim o seu avesso: o crescimento urbano acelerado e descontrolado (Souza, 2021, p. 56).

Isso é notório na reportagem citada acima, em que o jornal traz o exemplo dos grandes centros e capitais que enfrentavam questões urbanas ainda mais intensas, e a necessidade de o poder público atuar no controle delas em Londrina, afirmando que a continuidade dessa problemática é um “espetáculo”, entretanto, “desmoralizante” sobre a imagem que se quer produzir sobre a cidade; nesse caso, que é contrário ao desenvolvimento dela. Essa ideia é reforçada no último parágrafo que diz: “O fato das favelas de Londrina está caminhando a passos largos para a insolubilidade e, não podemos prosseguir neste progresso assombroso, se temos as bases minadas por um cancro²⁶” (O Combate, 1962 *apud* Alves, 2002, p. 174).

Em relação a concepção da imagem que se produziu sobre o passado londrinense, as imagens são importantes indícios do passado e em Londrina-PR elas tiveram papel de destaque desde a sua ocupação para fins publicitários. Quanto a isso, o medievalista Jérôme Baschet²⁷ (1996) buscou analisar e discutir as concepções acerca das imagens religiosas produzidas durante a Idade Média, uma vez que eram costumeiramente relacionadas a ideia de “Bíblia dos iletrados”, ou seja, representações que tinham como objetivo ensinar a religiosidade àqueles que não poderiam ler sobre ela:

[...] Esta expressão ["Bíblia dos iletrados"] funcionou, no campo dos estudos da arte medieval, como uma fórmula mágica – tanto que finalmente acabávamos por não perceber seu sentido – e que permitia livrar-se de uma vez da questão das funções das imagens, e às vezes das próprias imagens. Tudo estava entendido, graças a Gregório Magno e aos clérigos que lhe faziam eco: a imagem servia para ensinar a história santa àqueles que não podiam ler as Escrituras; ela era a *litteratura laicorum*, um substituto do texto, desvalorizado pelo status subalterno de seus destinatários. A ideia da Bíblia dos iletrados constituiu-se assim em um formidável âlibi para certa forma de história da arte, que lhe permitia justificar o primado do texto sobre a imagem e a surpreendente desvalorização de seu objeto, sobre a qual ela foi durante bastante tempo baseada (Baschet, 2016, p. 1).

Destarte, em seu estudo nos apresenta o conceito imagem-objeto, uma vez que não há imagem na Idade Média que seja uma pura representação, pois a materialidade da obra possui poder, valor econômico e simbólico, ou seja, um objeto dando lugar a usos, manipulações e ritos (Baschet, 2016, p. 3), o que contribuiu para o debate acerca das fontes imagéticas. Diante disso, quando direcionamos aos estudos de imagem, independentemente de seu suporte, não devemos considerá-las como um registro real ou reduzi-las as ideias simplistas que limitam as particularidades e complexidades de sua materialidade e registro.

²⁶ A palavra “cancro”, nesse contexto, pode ser interpretada pelo seu sentido figurado como uma agente de destruição silenciosa (Priberam, 2008-2021).

²⁷ Apesar de analisar as imagens produzidas na Idade Média, as percepções do autor são especialmente importantes para reflexões sobre elas e sua produção.

Boris Kossoy (2014, p. 35-36) afirma que as imagens estão relacionadas diretamente ao universo das mentalidades e sua importância na história e cultura está em seus usos e finalidades. Logo, afirma que a divisão dos estudos de imagem se dá em dois momentos: “sobre a fotografia”, ou seja, o artefato e imagem fotográfica será o objeto da investigação, quando se trate de estudos específicos sobre a própria fotografia. Enquanto há também os estudos por meio da fotografia:

No caso em que a imagem fotográfica seja empregada como meio de informação / identificação / conhecimento (por tanto, fonte), o objeto já não é mais a imagem em si, e sim, o estudo e/ou investigação sobre determinado tema *através* da fotografia, segundo uma perspectiva sociológica, antropológica, jornalística, publicitária, etc..., como por exemplo: tensões sociais nos grandes centros urbanos, imigração e preconceito, os trajes de uma certa comunidade nativa ou uma campanha publicitária de um novo perfume ou a arquitetura no princípio do terceiro milênio etc (Kossoy, 2014, p. 36).

Erwin Panofsky utiliza os termos “iconografia” e “iconologia” para se referir ao método de leitura da imagem, sendo dividido em três níveis de interpretação: a descrição pré-iconográfica (diz respeito a natureza do objeto e os elementos que compõem a fotografia: árvore, casa, pássaro...), análise iconográfica (reconhecer os eventos: uma representação de ceia como a *última ceia*) e a interpretação iconológica, a principal etapa, pois constitui a sua essência: “É nesse nível que as imagens oferecem evidência útil, de fato, indispensável, para os historiadores culturais [...]” (Burke, 2004, p. 43-45).

As concepções acerca da fotografia a caracterizavam como um recorte da realidade, dando a ela o caráter de “verdade” e de comprovação de eventos, todavia, ela é um produto de elaboração técnica, cultural e estética, por conseguinte, ideológica, tanto por parte do autor, quanto daqueles que interferem no seu resultado (Kossoy, 2014, p. 46). Dito isto, Philippe Dubois adverte que a imagem fotográfica é um golpe, o recorte temporal do passado, que “[...] interrompe, detém, fixa, imobiliza, destaca, separa a duração, captando dela um único instante” (1993, p. 161).

Com isso, Boris Kossoy (2020, p. 47) articula que a fotografia tem uma realidade própria, que é construída como um elo material do tempo e codificada em sua montagem, na medida em que há um confronto com a realidade entre o documento presente (originado no passado) com o próprio passado:

A fotografia tem uma *realidade própria* que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto, objeto de registro, no contexto da vida passada. Trata-se da realidade do documento, da representação: uma *segunda realidade*, construída, codificada, sedutora em sua montagem, em sua estética, de forma alguma

ingênua, inocente, mas que é, todavia, o elo material do tempo e do espaço representado, pista decisiva para desvendarmos o passado. Disto decorre um aspecto importante para a reflexão e que diz respeito diretamente ao processo de *criação/construção de realidades* que a fotografia proporciona (Kossoy, 2020, p. 24).

Em resumo, é o confronto que se vê entre a *segunda realidade* (a *representação*), dos nossos filtros culturais, ideológicos e estéticos, e da *primeira realidade*, a que se imagina, a do passado recuperado de forma fragmentada, ou seja, entre o aparente e o oculto (Kossoy, 2020, p. 47). Portanto, segundo Kossoy, o Efêmero e o Perpétuo²⁸, sendo, respectivamente, o tempo da criação e o da representação codificado culturalmente (2014, p. 133).

Ao analisar as contribuições de André Rouillé (2009) sobre o termo "Fotografia-expressão", a pesquisadora Fabiana Aline Alves destaca que este se refere à interpretação de eventos em vez de representá-los, pois as imagens comunicam além do que descrevem. E ressalta a sua importância metodológica: "a ideia é o deslocamento da fotografia de função exclusiva de testemunho para a de conhecimento, de fotografia-documento para fotografia-expressão, do 'isto foi' para o 'isto foi encenado'" (2017, p. 18 e 204):

Fotografia-expressão, para Rouillé (2009), trata-se de uma fotografia-documento que compreende uma expressão, assim **interpreta o acontecimento e não o representa**. Segundo o autor, a passagem do documento-designação para documento-expressão repercute na fotografia de forma que esta trate da "passagem de um mundo de substâncias, de coisas e de corpos, para um mundo de acontecimentos, de incorporais. A passagem de uma sociedade industrial para uma sociedade da informação" [...]. Assim, o real se estende além de corpos, coisas e estado das coisas a acontecimentos que estão na fronteira das coisas e dos enunciados (textuais e/ou icônicos). Em suma, as imagens na fotografia-expressão exprimem mais do que descrevem, apontam mais do que indicam, conotam mais do que denotam (Alves, 2017, p. 18-19, grifo nosso).

Tendo isso em vista, o fotógrafo Yutaka Yasunaka²⁹ (1926-2015), imigrante japonês e dono do estúdio fotográfico Foto Estrela, foi responsável por um dos principais acervos e fontes imagéticas da cidade dos anos 1950. Entre as suas fotografias da cidade, vamos destacar o registro da Avenida Paraná, parte do cotidiano do fotógrafo e um dos principais palcos culturais, sociais e econômicos, uma vez que os desfiles, eventos e comícios eram realizados lá e que

²⁸ O autor ressalta que é "Perpétuo", mas em termos, pois sua trajetória pode ser interrompida seja por desaparecimento ou destruição (Kossoy, 2014, p. 133).

²⁹ Yasunaka era imigrante japonês e veio ao Brasil ainda criança em 1928, mas, retornou ao Japão, voltando para Londrina apenas no ano de 1952 com a sua família. O seu pai foi fotógrafo no Japão, assim a fotografia já fazia parte de sua vida, logo, quando chegou na cidade comprou o estúdio do Foto Estrela, que até então pertencia ao alemão Carlos Stenders. A loja funcionou até o ano de 2008 e durante todo esse período ele produziu uma série de fotografias que tratam desde eventos particulares como álbuns de família à registros aéreos de Londrina. Atualmente a sua coleção encontra-se no Museu Histórico de Londrina e no Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL (Universidade Estadual de Londrina). Há o livro: "Revelações da História: o Acervo do Foto Estrela (2012)" organizado por Daniel Choma, Edson Luiz da Silva Vieira e Tati Costa, que traz informações de sua história e de seus registros.

atualmente é fechada para automóveis (exceto para moradores e a polícia.) e aberta para pedestres, chamada popularmente de “calçadão”.

Na foto selecionada, em primeiro plano e à direita, temos um menino descalço caminhando pela calçada, com roupas simples, carregando um recipiente de alumínio, possivelmente uma marmita/caldeirãozinho, a sua posição indica movimento. À frente dele um homem está parado olhando para a rua. Mais à frente, em um segundo momento temos carros/caminhonetes e uma charrete. Por fim, ao fundo, o edifício Sahão Hotel e é possível observar elementos da iluminação pública e energia elétrica (Figura 13).

Figura 13 - Vista parcial da Av. Paraná, 195(?)



Autor: Yutaka Yasunaka, 195(?).

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina.

A fotografia nos possibilita, portanto, congelar um instante e segundo Peter Burke, elas constituem em uma importante indício histórico, porém, assim como outras fontes devemos estar conscientes de suas fragilidades, pois também suscitam problemas de contexto, função, retórica e recordação (2004, p. 18).

Destarte, analisando o exposto (Figura 9), o recorte que o fotógrafo dá à sua realidade é muito importante. A do menino na direita é o elemento que nos chama para a foto, pois ele está em uma posição lateral, tendo a perspectiva da regra dos terços. Os outros elementos estão nas partes centrais, até mesmo nas ruas, a disposição que o fotógrafo deu o “clique” os distanciam.

Nesse sentido, podemos compreender duas realidades distintas, de um lado o “progresso”, o sentido de modernidade, com os calçamentos, ordenamentos da cidade, sua verticalização, a energia elétrica e automóveis; de outro, representado pela charrete e pela criança sem calçado, um cenário oposto, que nas lacunas de sua interpretação se destacam como ecos e silêncios diante da memória coletiva sobre o passado da cidade.

Assim, para Zueleide de Paula a cidade é um complexo de polifonia urbana, um emaranhado de transformações, sendo que procede da leitura visual de sua paisagem, feita por seus habitantes através de suas experiências; por isso, nesse retrato, as “cidades novas”³⁰ tendem a se moldar e adaptar de acordo com as tendências arquitetônicas e pela urgência de se modernizar (2011, p. 10, 26 e 40).

Ainda nesse contexto, nos anos 1950 os automóveis passaram a ser cada vez mais presentes no cotidiano de Londrina, conseqüentemente, iniciou-se o processo de remoção das carroças e charretes do centro da cidade, afetando diretamente os trabalhadores que as utilizavam como fontes de renda e sustento, sendo transferidas para a periferia (Arias Neto, 2008, p. 114).

Analisando a realidade paulista das décadas de 1950, 1960 e início de 1970, diante do processo de industrialização brasileira, Camargo *et. al.* (2006, p. 57) argumenta que o processo de desenvolvimento do período resultou no empobrecimento da população, mas, ao mesmo tempo, o acúmulo de riquezas que enriqueceu alguns poucos grupos. Apesar de duas realidades e cenários distintos, não podemos deixar de pensar nas transformações em andamento no cenário brasileiro — levando em conta o cenário nacional e internacional —, assim como a estreita relação entre o Norte de Paraná e São Paulo, tanto pela fronteira física que divide os dois estados, quanto pela estrada de ferro e aspectos que envolvem sua relação econômica, o fluxo de migrantes e da produção e troca cultural³¹.

Argumentado por autores que estudaram o Norte do Paraná, com o fluxo de migração e formação de Londrina, muitos trabalhadores ocuparam a região vindos do interior paulista, na busca de trabalho nas lavouras. Bruno Sanches da Silva explica que além daqueles do interior

³⁰ O termo "cidades novas" é definido por Ricardo Trevisan (2020, p. 262) como cidades sonhadas, imaginadas, teorizadas e criadas a fim de servir aos ideais e às necessidades de um determinado período.

³¹ Devido à proximidade com o Estado de São Paulo, antes da instalação das primeiras faculdades na cidade, o ensino superior esteve ligado especialmente ao estado vizinho, com isso, muitos intelectuais, jornalistas e políticos traziam influências externas para Londrina. À exemplo, os pesquisadores Felipe Melhado, Gabriel Daher e Teixeira Quintiliano publicaram o livro “Vou lá e faço: a vida-obra de Oswaldo Diniz” (2020), que conta a trajetória do designer, jornalista, músico e artista que repensou e redimensionou o visual do principal jornal da cidade, a Folha de Londrina nos anos 1960 e 1970, com base nas suas experiências e movimentos artísticos experimentados em São Paulo. Não só ele, mas a juventude literária, de partidos e movimentos sociais eram influenciados pelo polo cultural paulista e traziam e disseminavam essas ideias para Londrina.

de São Paulo, havia migrantes de Minas Gerais e imigrantes italianos, alemães e japoneses (2011, p. 398).

Além disso, o próprio crescimento da capital paulista refletia a busca de status das cidades em ascensão, que tinham como objetivo se modernizar e adentrar o cenário econômico como destaque. Em Londrina, a produção de café e seu enriquecimento, implementou as bases para que sua reorganização pudesse ser idealizada e aplicada, reproduzindo as perspectivas difundidas nos grandes centros, especialmente São Paulo, tomada como referência:

Esse grande crescimento da cidade de Londrina vai, na década de 1950, ser responsável por um projeto de ordenamento do espaço urbano. O então prefeito Hugo Cabral contrata o ex-prefeito da capital paulista Francisco Prestes Maia para criar um plano de ordenamento para que a cidade crescesse de modo organizado. Prestes Maia elabora seu pré-projeto baseado em preceitos modernistas que também inspiraram o Plano de Avenidas de São Paulo. Em dezembro de 1951 a Câmara de Vereadores de Londrina aprova a lei 133/51, baseada no projeto de Prestes Maia e que regulamentaria o urbanismo da cidade até 1998 (Silva, 2011, p. 398-399).

Nessa perspectiva, Camargo *et. al.* enuncia que para outras regiões do país, a cidade de São Paulo representou uma melhoria econômica e social, entretanto, segundo os dados analisados, uma queda nos padrões de consumo dos trabalhadores, logo:

A sociedade de massas forja, através dos meios de comunicação, aquilo que pode ser designado de “mercado de ilusões”; é o mundo das vitrines, da televisão, dos painéis publicitários, onde os que subiram servem de exemplo e esperança para aqueles que só podem consumir a fantasia (2006, p. 59).

Quanto a isso, selecionamos a fotografia abaixo (Figura 14 e Figura 15, respectivamente), que se refere ao cotidiano da Vila Fraternidade de Londrina-PR:

Figura 14 - Vila Fraternidade, 2 de maio de 1972 (A)



Autor: Oswaldo Leite / PML - Prefeitura Municipal de Londrina, 1972.
Fonte: Museu Histórico de Londrina (MHL).

Figura 15 - Vila Fraternidade, 2 de maio de 1972 (B)



Autor: Oswaldo Leite, 1972.
Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

Na primeira imagem (Figura 14), em primeiro plano há um córrego, onde é possível ver o mato alto à frente e uma tábua de madeira que une os dois lados; em segundo plano, chão de terra batida, da esquerda para a direita, uma vassoura caída no chão, seguida de uma criança descalça e vestindo roupas claras, ela está sentada em uma motoca infantil; ao lado e mais ao fundo, há utensílios domésticos (apoio de madeira e bacia de alumínio) e mato. Ao fundo, casa com telhado improvisado, tábuas de madeira, à frente dela e no entorno, entulhos. O registro é datado em 2 de maio de 1972.

Já na fotografia (Figura 15), a perspectiva da imagem é outra, ela está recortada. Com isso, não há o elemento da tábua e do mato, e o enfoque recai sobre a casa, a criança e os entulhos. No verso da foto a inscrição “Vila da Fraternidade”. Não é possível saber o motivo pelo qual houve o recorte, entretanto, partimos da premissa de que no processo de revelar fotografias pode ocorrer alterações na dimensão do enquadramento, seja por uma questão técnica do responsável ou por escolha. Assim como, levando em consideração que a fotografia foi utilizada em uma exposição, o seu recorte pode ter sido por conta do tamanho, que diz respeito à ordenação da apresentação ou na busca de transmitir o foco que a curadoria gostaria de passar ao visitante.

De qualquer forma, no texto de Rogério Oliveira (2010, p. 128), em que discorre sobre a fotografia e memória, o autor elenca que o passado e seus acontecimentos jamais serão contemplados, sendo que nas fotografias temos um acesso limitado ao real, pois “Ela traz ocultamente uma história, cujos mínimos detalhes são, em sua completude, desconhecidos”.

Dessa maneira, nas Figuras 14 e 15, podemos pensar os aspectos ligados a ela e seus usos passam também por este filtro, uma vez que sem as informações de como o fotógrafo pensou o registro fotográfico e as suas intenções, assim como as suas finalidades outorgadas ao sentido proposto na exposição e de outros agentes, o aprendizado das fotografias se dão a partir das definições que atribuímos a elas:

Isso significa dizer que o aprendizado possível diante das imagens se dá justamente nesse jogo de atribuição de sentidos e de correlações com o que se conhece previamente. Em certa medida, nessa liberdade de recorrer a um baú de lembranças próprias, há, sim, espaço para as investidas da imaginação. No entanto, elas não colocam essas lembranças num grau especulativo diante da cena retratada. Elas despertam lembranças de outra natureza, tão reais quanto as que se tornaram ocultas na fotografia (Oliveira; Farias, 2010, p. 133).

Logo, nas imagens sobre a Vila Fraternidade temos o registro dos problemas ligados à habitação, saneamento, infraestrutura pública e isolamento social, na medida em que nos registros de Jolinda Alves (2002) e nos relatos de antigos moradores, o acesso para outras

regiões da cidade era difícil. Por conseguinte, nas figuras 14 e 15 o mato, o córrego e as árvores nos trazem uma outra face da cidade, que difere da figura 13 em que aparecem os prédios, os automóveis e os calçamentos.

Por conta disso, dentro da temática da pobreza urbana, as situações de vulnerabilidade social no período eram constantes, tanto nas grandes cidades, quanto nas pequenas e médias que se espelhavam e idealizavam essa organização econômica, inseridas dentro de um contexto nacional de acumulação de riquezas e mudanças profundas na economia, não apenas nos anos 1970, mas já nos anos 1950 — diante dos planos de industrialização — há o registro das primeiras favelas.

À vista disso, entre os anos 1951 e 1955 um conjunto legislativo passou a regular a vida municipal de Londrina, como as leis de zoneamento, Regime Tributário, Código Municipal e Código de Obras; o que Arias Neto chamou de “Estatuto da Cidade Moderna”, pois, expressa o esforço para regulamentação da cidade, demarcando seus limites e se afastando das marcas rurais. Isto posto, a realização da edificação da cidade obedeceria a critérios de usos e necessidades, utilizando o espaço “racionalmente”, estabelecendo o controle para o crescimento e garantindo condições de desenvolvimento da cidade e de seu entorno rural com a centralização do poder (1993, p. 103-104).

Segundo Leme (2005, p. 35-36), no que diz respeito à divisão do território londrinense, a Lei 133 de 7 de dezembro de 1951 rendeu muitos debates, uma vez que tinha como objetivo regular o loteamento e demarcação da cidade, bem como a responsabilidade dos donos imobiliários de prover infraestrutura em seus loteamentos, conforme determinado no Art. 20:

Art. 20. São de responsabilidade dos proprietários arruadores, além da execução de terraplenagem, locação de quadras e datas, drenagem, as despesas para obras e instalações locais complementares de loteamento, consideradas essenciais à habitabilidade dos mesmos, a saber: abastecimento de água, meio-fio com sarjeta e rede de energia elétrica com iluminação pública. [...]. § 4o Serão de responsabilidade do proprietário-arruador as instalações [sic] e obras provisórias, tais como: poços artesianos, enquanto não houver ligação à rede geral; pequeno gerador a óleo ou doutro tipo, enquanto não houver eletricidade pública a disposição; calçamentos rudimentares destinados a serem rasgados para esgotos etc. [...]. (Londrina, 1951, s.p.).

O documento exigia dos responsáveis pelo loteamento que fornecessem estruturas mínimas para a moradia dos terrenos destinados à venda, seguindo normas e arcando com os custos da infraestrutura e por isso houve muita relutância de setores imobiliários em aceitar a nova lei. No entendimento de Leme (2005, p. 36), apesar das discordâncias, era consenso a importância de ordenar o espaço, sobretudo “alocando a ‘pobreza’ em áreas distantes daquelas

consideradas ‘nobres’. Examinando a Lei, [...] fica claro a intenção de separar, espacialmente, as diferentes classes sociais”. Quanto a isso, separamos um trecho do Art. 93 em que nos conjuntos, ou zonas suburbanas, deveriam seguir normas de dimensões padrão da cidade, assim como a possibilidade de construção de casas em fila, porém, com um número máximo de residências e não podendo serem divididos:

Art. 93. Na sub-zona RI. PpH [conjuntos], permitem-se casas "populares" em renques, até o máximo de sete casas. Cada renque terá isolamento pelo recuo lateral nas divisas extremas. Êstes lotes e estas casas só poderão ser construídas em conjunto, por proprietários únicos, de categoria especial, vedada a subdivisão patrimonial e a venda de lote separado. Os renques são considerados urbanisticamente "unitários" e "indivisíveis". Os prédios estão sujeitos às exigências arquitetônicas e estéticas já anunciadas no caso da sub-zona RI.PpG [Sub-zona de residências individuais, "populares", admitidas em renques] (Londrina, 1951).

Além disso, em um dos primeiros artigos que busca trazer concepções básicas sobre a Lei, é descrito que os planos de arruamento devem “c) evitar, no traçado da malha urbana, irregularidades excessivas, que dêem mais idéia de fantasia do que de um funcionalismo racional” (Londrina, Art. 14, 1951). Portanto, expressa a tentativa de racionalizar o espaço e promover a divisão social dele. No que diz respeito à discussão, com a legislação a cidade passou a ser dividida por áreas nobres, setores médios e populares, por conseguinte, o seu ordenamento, o padrão estético, material, as dimensões e outras imposições consiste em uma maneira de segregação e a sua diferenciação entre os habitantes (Souza, 2021, p. 47).

Em relação ao exposto, Arias Neto expressa que a regulamentação da cidade e código de leis tinha por objetivo resguardar as áreas mais privilegiadas da cidade às classes dominantes; assim como disciplinar o espaço social, seja pela higienização do espaço público, ou sob o aspecto moral. Sendo assim, a polícia sanitária deveria garantir através da fiscalização e punição eventuais contraventores, conforme expresso nas Leis 133/51 e no Código de Posturas, publicado em 1953 (1993, p. 105-108).

Em relação a este último, a Lei nº 219 de 31/12/1953 buscava por meio do aparato público estabelecer critérios de higiene e comportamento dos cidadãos. Dessa maneira, ao longo do texto é perceptível a exclusão e o apagamento da realidade que muitos moradores viviam dentro da cidade, seja nas “vilas” ou favelas de Londrina, uma vez que no “Livro II - Do Poder de Polícia, Capítulo II - Da Higiene das Habitações”, são elencadas obrigatoriedades que fogem do controle e acesso dessa população, e em alguns casos, aplicando multas àqueles que descumprissem com as normas determinadas e que tivessem suas casas consideradas insalubres para moradia:

Art. 44. A Prefeitura Municipal, procurando servir o interêsse público sem sacrificar o particular, adotará medidas convenientes no sentido de extinguir, gradativamente as residências insalubres, consideradas como tais as caracterizadas nos regulamentos sanitários e especialmente as: [...]. II - Com cômodos insuficientemente arejados ou iluminados; III - Com superlotação de moradores; [...] VI - Que não dispuserem de abastecimento d'água suficiente e as indispensáveis instalações sanitárias. [...].

Na Vila do Grilo, as casas em sua maioria não tinham infraestrutura adequada e muitas famílias viviam em condições precárias, sem acesso à energia elétrica, saneamento básico, ou materiais de construção para que pudessem se regularizar diante desse cenário. À exemplo disto, na fotografia (Figura 16), temos a vista parcial da Vila do Grilo em 25 de março de 1969, posterior a lei. No enquadramento, há um terreno com mato e ao centro do registro um aglomerado de casas, feitas com restos de madeira e telhados irregulares. Ao fundo, mais casas:

Figura 16 - Vila do 'Grilo', 25 de março de 1969



Autor: autor desconhecido, 25 de março de 1969.

Fonte: Museu Histórico de Londrina (MHL).

Na fotografia não é possível identificar ruas ou até mesmo uma ordenação espacial adequada, apenas uma concentração de casas, sem quintais, que em conjunto com o mato e a

mata, nos traz a sensação de isolamento em relação à cidade e contrário às perspectivas apresentadas pela Prefeitura.

Segundo Souza, as legislações não resolviam os problemas relacionados à ocupação urbana e da população, pelo contrário, agiam como se fosse algo natural e possível a um trabalhador sem emprego estruturar a sua experiência de acordo com os requisitos exigidos por eles, dessa forma, “[...]. Amplamente divulgados como necessidades da população como um todo, tais argumentos acabaram por se impor como necessários, ainda que muitas vezes efetivamente não transformasse as práticas” (Souza, 2021, p. 49).

Outro ponto mencionado na lei e de relevância para o tema, era o Art. 62 do “Capítulo II - Dos costumes, da tranqüilidade dos habitantes e dos divertimentos públicos” em que determinava algumas proibições a fim de controlar as festividades, entre elas, era expressamente proibido: “[...]. II - Promover batuques, congadas e outros divertimentos congêneres na Cidade, Vilas e Povoados, sem licença das autoridades, não se compreendendo nesta vedação os bailes e reuniões familiares” (Londrina, Art. 62, 1953) e aqueles que fossem pegos teriam de pagar multa.

Diante disso, vale ressaltar que a diferenciação e segregação do espaço não se fez presente apenas pela classe social, mas também pelo preconceito étnico. Sendo assim, ao falar dos clubes e representações da comunidade negra de Londrina, Larissa Diniz (2014, p. 31) analisa a vida do Sr. Manoel Cypriano (1900-1964), responsável pela criação do Clube negro de Londrina, criado em 1937, que tinha como objetivo fomentar discussões e combater o racismo.

De acordo com ela, Cypriano era uma pessoa bastante rígida e em seu trabalho como motorista pessoal de Arthur Thomas, diretor da Companhia de Terras, se destacava pelo seu comprometimento. Nessas circunstâncias, a autora buscou expor e analisar as suas práticas sociais e comportamentos frente ao movimento negro no período e como isso refletia nas ideias difundidas e compartilhadas dentro do Clube.

Dessa forma, ela nos indica que a disciplina em que os negros se submetem é interpretado como uma estratégia que Cypriano utilizou para “sobreviver as perversidades do racismo e da discriminação” e assim, adentrar em espaços e relações que historicamente lhes são negados. Além disso, destacou o comentário de Oscar Nascimento (1930-2019), importante representante do Movimento Negro em Londrina, companheiro de luta e que foi um dos

fundadores da Associação Recreativa Operária de Londrina, a AROL³², em que reafirma esse comportamento:

Ele [Sr. Cypriano Manoel] era muito exigente como presidente da AROL, ele chamava a atenção dos elementos. Nós negros não podemos dar margem para que os brancos venha-nos ridicularizar, dizer negros é isso, negro é aquilo. Então, ele zelava muito pela postura não só dele, como dos elementos da AROL, da escola de samba quando saiu. Ele fazia uma preparação psicológica nas pessoas, porque ele conhecia as escolas de samba do Rio, aí ele imprimia aqueles princípios rígidos. Quando a escola de samba sai, ela precisa ter aquele espírito único, porque todos tem aquele objetivo de apresentar o melhor que tem (Nascimento, 2015 *apud* Diniz, 2014, p. 31).

Outrossim, essa organização constituiu-se em importante espaço político e social, não apenas para reuniões e confraternizações — em que eram comumente excluídos —, mas também como espaços de resistência das identidades negras na cidade. No contexto urbano, Alexsandro Souza explica que há uma estigmatização dos territórios em que sua maioria é composta pela população negra e isso provoca o apagamento desses grupos e reforça o sentimento de inferioridade (2012, p. 4).

Em face do exposto, é necessário mencionar a escritora Carolina Maria de Jesus — conforme citado no início de nossa discussão —, mulher negra e que experienciou a pobreza e a segregação social, mas especialmente o racismo. Na vida de Carolina, ela se apresenta não apenas no espaço urbano (a favela em que viveu e que foi nomeada por ela como “quarto de despejo”), mas também na dificuldade do seu acesso ao estudo na infância, nas oportunidades de emprego e os desafios enfrentados em São Paulo. Como um todo, a autora manifesta a indecência da pobreza por meio de sua escrita e apesar de referenciar a cidade de São Paulo, vale destacar que a pobreza e o racismo não estão presentes apenas nos grandes centros, mas também em cidades que eram chamadas de “Terra de Promissão” e “Eldorado”.

Em síntese, no contexto das favelas, essa população sofre não apenas com as dificuldades que a própria pobreza urbana lhes atinge, mas também enfrentam padrões de diferenciação em relação a empregos, oportunidades, de frequentar espaços restritos à elite e a violência. Logo, mesmo que permitidas mediante a autorização da Prefeitura para a sua execução, a proibição das manifestações e festividades que estão relacionadas, especialmente, às heranças afro-brasileiras manifesta a tentativa do poder público de impor valores morais e sociais a essa comunidade.

Junto a isso, em relação à memória da cidade, para compreender o significado das coleções doadas pelas famílias negras ao Museu Histórico de Londrina-PR (MHL), a

³² A Associação Recreativa Operária de Londrina era uma organização social que tinha como objetivo combater o racismo na cidade, assim como promover eventos culturais e de lazer aos seus membros.

historiadora Cláudia Eliane P. Marques Martinez analisou o acervo audiovisual da instituição e destacou a ausência de objetos tridimensionais, que constitui um dos grandes gargalos para o estudo deste grupo social em relação ao MHL; todavia, ao mesmo tempo, expressa a riqueza nas coleções de imagem (2018, p. 332).

A pesquisadora dividiu as representações em dois grupos, sendo o primeiro em que eles aparecem nos vários conjuntos documentais de famílias não negras³³, especialmente relacionados ao mundo do trabalho, e cita a coleção de Amadeo Boggio, em que aparecem como cozinheiros e operários; e a segunda, nas coleções doadas pelas famílias negras (Martinez, 2018, p. 334).

Em especial, os álbuns de família, constituem-se em importantes fontes da pesquisa da História, pois permitem a percepção de valores, práticas sociais e narrativas dentro dos contextos históricos e na análise da micro-história (André, 2014, p. 8). Segundo Claudia Martinez (2018, p. 334 e 337), tais documentações fizeram-se presentes recentemente no acervo do MHL e menciona particularmente a coleção de Athanázio Soares de Almeida (1928-2007), doada em 14 de março de 2016 por seu filho Idalto José Mujimo de Almeida, em que foi possível acompanhar, mesmo que em partes, a trajetória da família. Com isso, a historiadora afirma:

[..] Mais que isso: foi possível constatar que o acervo do Sr. Athanázio constitui um exemplo de como essas coleções são relevantes, na medida em que permitem conhecer aspectos do cotidiano e do mundo do trabalho dos homens comuns, que viveram uma vida simples, sem prestígio social e/ou político. É essa simplicidade que os faz, hoje, atores de uma história digna de ser aqui lembrada e (re)conhecida. [...]. [Além disso,] Embora numericamente pequenas, qualitativamente fragmentadas e lacunares, **as coleções de famílias negras, doadas recentemente, permitem nuançar temas relativos às desigualdades sociais**, bem como as ações de preservação e a política de aquisição dos museus no Brasil, em especial aqueles que se dedicam aos acervos regionais, como é o caso do Museu Histórico de Londrina (2018, p. 337 e 343, grifo nosso).

Em suma, observamos ao longo de nossa análise que a década de 1950 foi marcada pelo crescimento da cidade, as grandes construções e o fortalecimento da economia cafeeira. Em contrapartida, com as transformações, descolamento populacional e concentração de renda nos anos 1960, a região urbana da cidade foi incapaz de absorver a população que migrou em busca de trabalho. Em consequência, fez-se presente a ocupação precária, irregular e sem

³³ A autora faz referência aos acervos da Prefeitura de Londrina, a coleção Foto Estrela (autoria de Carlos Stenders e Yutaka Yasunaka), as coleções referentes aos fotógrafos José Juliani, Armínio Kaiser, entre outros.

infraestrutura desses grupos nas regiões periféricas, sem apoio ou auxílio das instituições públicas e sofrendo com a segregação do espaço físico, social e cultural.

Para compreender as nuances do nosso objeto e das discussões até aqui, no capítulo a seguir iremos trabalhar os acervos de fotografia relacionados ao nosso objetivo de estudo: a Vila Fraternidade, seu desfavelamento e a construção dos conjuntos. Por isso, buscaremos refletir e analisar a Coleção José Divino Gonzaga (disponível no Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica) e a da Prefeitura Municipal de Londrina (arquivos do Museu Histórico de Londrina), para entender: de que maneira a fotografia fornece informações sobre este processo? Qual o diálogo estabelecido com a pobreza urbana? Como o assunto é apresentado no discurso fotográfico? E quais as suas particularidades?

3 FOTOGRAFIA E CIDADE: A VILA FRATERNIDADE DE LONDRINA

O compromisso da fotografia é com o aparente das coisas. A fotografia é certamente um registro do visível; ela não é, nem pretende ser, um raio x dos objetos ou das personagens retratadas. Seu fascínio reside exatamente aí, na possibilidade que oferece à pesquisa, à descoberta e às múltiplas interpretações que os receptores dela farão ao longo da história (Kossoy, 2020, p. 141).

3.1 Organização do acervo e detalhamento da fonte

Para este capítulo daremos continuidade no debate acerca da pobreza urbana, mas iremos aprofundar nossa análise das fotografias sobre a Vila Fraternidade, seu desfavelamento e a construção dos conjuntos. As fotografias que serão analisadas fazem parte de dois acervos de Londrina: o do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina (NDPH-UEL) e do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss (MHL-UEL), totalizando 282 fotografias, sendo 116 e 166 respectivas de cada um.

As fotografias são divididas entre os bairros da Vila Fraternidade/Conjunto Pindorama, a Vila Esperança, reuniões na Prefeitura de Londrina, Pito Aceso e há algumas cópias do acervo da Prefeitura/Museu (Tabela 1).

Tabela 1 - Relação de fotografias do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica - UEL (quantidade e porcentagem por localização e cópias)

Região	Quantidade de fotografias
Vila Fraternidade/Pindorama	77 (66,38%)
Outros (Esperança/Prefeitura/Pito Aceso)	35 (30,17%)
Sem identificação	4 (3,45%)
Cópias (Museu) ³⁴	38 (32,75%) ³⁵

Fonte: organizado pela autora.

São temas das fotografias a estrutura dos bairros, crianças e mulheres, a demolição das casas, os novos bairros e moradias recém-construídas nos conjuntos habitacionais, centro de saúde da comunidade da Vila Fraternidade, eventos políticos (comício) e cotidiano após o desfavelamento, distribuídas conforme a Tabela 2:

³⁴ Cópias relacionadas a Vila Fraternidade/Pindorama e Pito Aceso.

³⁵ O valor desse cálculo é com base nas 116 fotografias do acervo.

Tabela 2 - Relação de temas por bairros (NDPH-UEL)

Região	Bairro e moradias	Cotidiano	Desfavorecimento	Novas construções e Conjuntos	Projetos sociais	Política
Vila Fraternidade/Pindorama	9	8	23	6	16	15
Vila Esperança	5	-	3	-	-	-
Pito Aceso ³⁶	1	2	15	-	-	-
Prefeitura	-	-	-	-	-	9
Sem identificação/Outros	-	-	2	2	-	-

Fonte: organizado pela autora.

Já as do outro acervo fazem parte da coleção “Prefeitura de Londrina”, que está sob a guarda do Museu Histórico, composta de negativos digitalizados e catalogadas por funcionários do Museu. Estão organizadas da seguinte forma (Tabela 3):

Tabela 3 - Relação de fotografias do Museu Histórico de Londrina - UEL (quantidade e porcentagem por localização)

Região	Quantidade de fotografias
Vila Fraternidade/Pindorama	45 (27,11%)
Outros (Ibicatú, Obelisco e Londrina-Cambé-PR)	115 (69,27%)
Sem identificação	6 (3,62%)

Fonte: organizado pela autora.

Em relação a divisão temática, foram interpretadas e organizadas conforme a Tabela 4:

³⁶ A região de Pito Aceso ficava localizada na antiga Vila Higienópolis, antiga Zona sul de Londrina-PR (Há..., 2005). Atualmente compreende a região central da cidade.

Tabela 4 - Relação de temas por bairros (MHL-UEL)

Região	Bairro e moradia	Cotidiano	Desfavelamento	Novas construções e Conjuntos	Projetos sociais	Política
Vila Fraternidade/ Pindorama	13	8	18	4	-	2
Vila Esperança	4	4	21	-	-	-
Pito Aceso	26	17	24	-	-	-
Sem identificação /Outros	23	-	-	2	-	-

Fonte: organizado pela autora.

Para a produção e recorte do trabalho, foram desconsideradas da análise as fotografias que não puderam ser identificadas e de outras regiões da cidade que não possuem relação com a Vila Fraternidade/Pindorama. Além disso, fotografias que se repetem ou com temas semelhantes, serão trabalhadas em conjunto ou a que tiver melhor qualidade visual em relação à técnica (fotos espelhadas, borradas ou tremidas) e de suporte (rasgos, manchas ou sujidades). Serão consideradas para o estudo as fotografias que dizem respeito a comunidade do “Grilo” (atual Fraternidade) e relacionadas a ela.

Em relação à autoria das imagens, consideramos Oswaldo Leite como principal fotógrafo, mas, naquelas que não foi possível confirmar sua autoria ou corresponder a outro profissional, será analisado individualmente ao longo da pesquisa.

3.2 Oswaldo Leite: entre cliques e memórias

Ao analisar os acervos, as fotografias do Núcleo não possuíam referências do fotógrafo responsável, mas levando em conta o período, a temática, os enquadramentos, a perspectiva, ângulo, planos e posicionamento de objetos das fotografias tinha-se Oswaldo Leite como possível autor. Com efeito, na busca para localizá-lo, solicitamos ao Museu uma pesquisa relacionada ao tema e obtivemos o retorno da coleção da Prefeitura do Município de Londrina

que contava com as fotografias e duplicatas entre os dois acervos que tinham a sua responsabilidade, confirmando, portanto, sua autoria.

De acordo com os pesquisadores Paulo César Boni e Rosana Reineri Unfried (2017), o acervo seria incinerado pela Prefeitura de Londrina em 1990, porém, Hélio Silva, fotógrafo da Prefeitura e amigo de Leite, foi quem alertou a importância dele para a memória da cidade; assim, foi realizado um acordo junto ao Museu para a guarda e preservação da documentação. Os registros fotográficos são datados desde a década de 1950 até 1970, sendo o autor responsável por fotografar as obras públicas executadas na cidade durante esse período:

Durante boa parte da década de 1950, toda a década de 1960 e os primeiros anos da década de 1970, Oswaldo Leite documentou praticamente todas as obras públicas executadas em Londrina. [...]. Em meados da década de 1970, quando estava deixando a prefeitura para aposentar-se, ele e outras pessoas, entre as quais o colega de trabalho Wagnez Sambatti e o fotógrafo Hélio Silva, que mais tarde o substituiria na documentação fotográfica das obras, fizeram um esforço para a identificação e organização cronológica e temática do acervo. [...] (Boni; Unfried, 2017, p. 14).

A identificação das fotografias foi um processo importante para delimitá-las nesta pesquisa, uma vez que havia inconsistências de descrição entre um acervo e outro, sendo necessário confirmá-las para considerá-las parte de registros da Vila Fraternidade ou não. Tendo isso em vista, nas contribuições de Boni e Unfried, o fotógrafo utilizou os registros como parte de seu trabalho no Departamento de Obras e Planejamento, em que era necessário atribuir fotografias às documentações administrativas. Após isso, foi apenas na década de 1970 em que ele e colegas retornaram a este acervo com o objetivo de identificá-lo (2017, p. 15).

Ainda segundo os autores, durante cinco anos de pesquisa no acervo de Leite notaram que havia alguns equívocos em relação a datas, nomes e lugares. Sendo assim, consideraram que as fotografias que possuíam o dia, mês e ano haviam sido utilizadas em algum momento na prestação de contas da cidade e documentação que ele preenchia, logo, a sua informação era precisa, entretanto, sem descartar a necessidade de confirmá-las. Todavia, aquelas que possuíam apenas referências às décadas eram as que não utilizou para este fim e foram catalogadas posteriormente (Boni; Unfried, 2017, p. 15).

Dessa maneira, junto a esta informação, foram feitas comparações entre os dois acervos, fotografias e localidades, que em muitos casos os cenários se repetiam ou havia referências que as colocava em um conjunto com a mesma identificação. As fotografias que já haviam sido identificadas como “Vila Fraternidade” puderam ser confirmadas graças às memórias de

antigos moradores da região, José Carlos Gonzaga e José de Jesus Pereira³⁷, antigo morador da Vila Amaral, localizada na Fraternidade. Ambos eram adolescentes na época, mas se recordam desses locais, dos amigos e conhecidos que aparecem nos registros e de suas experiências.

As referências sobre a vida de Oswaldo Leite (1921-1995) foram fornecidas por seu filho, Otacílio Leite, durante entrevistas concedidas a pesquisadores e trabalhos publicados por acadêmicos. Entre eles, destacam-se o artigo de Fernanda Cequalini Frozoni (2014) e o trabalho de Boni e Unfried (2017), já citado anteriormente.

De acordo com Frozoni, o fotógrafo era natural de Itu, em São Paulo, mas veio para Londrina em 1941 junto com sua esposa e a família dela para trabalhar na cidade. Seu primeiro cargo foi de pedreiro, junto com o seu sogro. De acordo com a pesquisadora, não frequentou a escola, mas sabia ler e escrever e em 1942 foi convidado pelo prefeito da época Willie Davids para trabalhar na prefeitura como fiscal de 3ª zona na Secretaria de Obras e Urbanismo³⁸ (2014, p. 56).

Posteriormente, segundo Paulo César Boni e Rosa Unfried (2017), já na década de 1950, passou a cumprir funções de escriturário e oficial administrativo do Departamento de Obras e Planejamento, acompanhando as transformações em desenvolvimento na cidade e realizando os registros fotográficos para que pudesse incluir nos relatórios. Por conseguinte, se destacou na função de fotógrafo, sendo convidado por autoridades locais a participar de eventos públicos para fotografar. Porém, foi apenas em 31 de dezembro de 1970, por intermédio do Prefeito Dalton Paranaguá, que se tornou o primeiro fotógrafo registrado da prefeitura e vinculado ao setor de obras (Boni; Unfried, 2017, p. 215-220).

A fotografia era utilizada por Leite como parte do seu trabalho e tinha como objetivo “ilustrar” a documentação e prestação de contas da Prefeitura, com o andamento das obras e trabalhos realizados. Entretanto, é importante salientar que apesar de um fragmento da realidade, as fotografias não devem ser consideradas como um registro do real.

Diante disso, conforme indicamos no capítulo anterior, Boris Kossoy em “Realidades e Ficções na Trama Fotográfica (2020)”, trabalha a concepção de fotografia como uma segunda realidade, pois, enquanto objeto da cultura material, é necessário compreender que por trás de um registro fotográfico, há um ser humano no qual reproduz — por meio de suas escolhas e recortes do cotidiano — as suas subjetividades e expressam seus traços culturais e ideologias.

³⁷ Não foram realizadas entrevistas, apenas a consulta e coleta dos dados.

³⁸ Segundo os autores que entrevistaram Otacílio Leite, o pai foi convidado a trabalhar na Prefeitura, pois se destacava como jogador de futebol, assim, ele iria compor o time da Prefeitura em troca de trabalho (Boni; Unfried, 2017, p. 216 e Frozoni, 2014, p. 56).

Além disso, no contexto de Oswaldo Leite, suas fotografias tomaram uma outra direção e sentido: a promoção política. Em entrevista com Otacílio e a partir de análise biográfica e de fontes, Frozoni explicita que o fotógrafo tirava as fotografias por gosto e para auxiliar nas tarefas diárias, porém, os prefeitos se interessavam por elas e as utilizavam em propagandas para sua administração (2017, p. 67).

Diante disso, no texto “‘Dois anos de um governo que realiza!’ As fotografias de Oswaldo Leite e sua relação com o poder público em Londrina (PR) (2013)”, Frozoni analisou a matéria publicada na Folha de Londrina em 1957, que divulgava a gestão do Prefeito Antonio Fernandes Sobrinho e obras que estavam sendo realizadas, utilizando-se das fotografias de Leite.

Na análise da pesquisadora, com o crescimento da cidade e a necessidade de reorganização, obras e investimentos para a construção de uma “cidade moderna” — conforme mencionamos no capítulo anterior sobre a racionalização do solo —, as fotografias de Oswaldo Leite expressavam a ideia de uma cidade próspera e da imagem de um prefeito ativo nas transformações da cidade, reforçando este discurso por intermédio da imprensa (Frozoni, 2013, p. 388).

A publicação da Folha de Londrina ocorreu em dezembro de 1957, mês que se comemora o aniversário da cidade, e contou com oito edições. As fotografias eram utilizadas como meio de “comprovar” as ações que estavam sendo realizadas na cidade e eram reforçadas pelas legendas empregadas nas fotos:

Como, ao que tudo indica, esta sessão era publicada com o **intuito de passar a ideia de que o prefeito em exercício era um homem bom**, que trabalhava e fazia coisas pelo bem da cidade, as fotos eram de fundamental importância, pois **tinham a intenção de comprovar o que era dito**. Isto pode ser visto nas próprias legendas das fotografias publicadas, como: “Dotar a cidade de água e esgotos é a preocupação maior do prefeito Fernandes Sobrinho, que não tem medido esforços nesse sentido. As fotos acima são uma comprovação disso” (Jornal Folha de Londrina, 19/12/1957, p.03). [...] (Frozoni, 2013, p. 389-390, grifo nosso).

As propagandas e jornais foram importantes para a divulgação da cidade de Londrina e seus projetos. Em conjunto com os registros fotográficos foram responsáveis por fomentar as discussões, expressar o cotidiano e pela reprodução de ideologias. Quanto a isso, Tania Regina de Luca afirma que foi por meio da imprensa que se discutiram e articularam os projetos de futuro de uma sociedade, tornando-se também um importante vestígio e fonte histórica (2008, p. 120).

A partir deles podemos interpretar e analisar os discursos, sua presença ou ausência e principalmente compreender como as fotografias aparecem na narrativa jornalística. No fotojornalismo, as técnicas e recortes buscam trazer o leitor para uma ideia e opinião sobre um tema (Vilches, 1987, p. 112). Em vista disso, as legendas são fiéis aliadas neste processo, pois são elas também parte da construção e do sentido do texto que o redator deseja passar ao leitor:

A ambiguidade da imagem fotográfica tem sido um dos pontos mais discutidos, e não é à toa que as legendas de diversos jornais e revistas contêm muito mais que informações indicativas de nome, lugar e tempo, “cercando” o leitor para um sentido. **A legenda dissolve a multiplicidade de significados da fotografia ou ainda a compreensão de uma fotografia dirigida pela legenda pode ser mais um esforço da mídia convencional para assegurar leituras únicas de um mesmo fenômeno.** Em texto de 1931, intitulado “Pequena História da Fotografia”, Walter Benjamin perguntava: “Não se tornará a legenda a parte mais importante da fotografia?” (Buitoni, 2011, p. 134, grifo nosso).

Aproveitando-nos das reflexões acerca das legendas no fotojornalismo, quando relacionadas a uma exposição elas cumprem um papel essencial ao guiar o espectador em sua visita. Destarte, conforme mencionamos anteriormente, parte das fotografias que serão analisadas ao longo da pesquisa fizeram parte de uma exposição e algumas delas possuem legendas que ultrapassam apenas as informações de localização, mas que expressam o entusiasmo pelas transformações. À exemplo, separamos uma fotografia para nossa análise (Figura 17):

Figura 17 - “Agora 183 melhorias em água dejetos e lixo”, década de 1970



AGORA
183 MELHORIAS EM AGUA DEJETOS E LIXO

Autor: Oswaldo Leite, 197(?).

Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

Na imagem, em primeiro plano e à direita há uma criança parada, apoiada em uma árvore e observando a cena. Ela está descalça e utiliza uma regata e shorts. À frente dela e à esquerda um homem varre o que parece ser a tampa de uma fossa. Ao fundo, uma estrutura de palha e galhos servem de cobertura. No chão de terra batida há folhas secas e mato. No verso da foto há a inscrição: “Vila Esperança”. A favela ficava localizada próxima a Vila Fraternidade e à linha férrea, com o desfavelamento as famílias foram transferidas para o Conjunto Habitacional Pindorama, localizado, atualmente, na Fraternidade.

A princípio, por mais que a legenda possa ter um caráter informativo, quando observamos suas entrelinhas notamos o interesse político empregado na mensagem “AGORA”, indicando o presente da imagem, referenciando a gestão responsável para que naquele momento as 183 melhorias pudessem ser implementadas. Junto a isso, de acordo com Boni e Unfried (2021, p. 43-51), desde os anos 1960 já havia demandas acerca do saneamento básico na cidade, mas foi apenas em finais dos anos 1970, junto ao Governo do Estado e a Companhia de Água e Esgoto do Paraná (Agepar e posteriormente chamada de Companhia de Saneamento do Paraná, a Sanepar), que foi possível a criação de novas redes de captação de água e fornecimento pleno de água e saneamento para a população.

Oswaldo Leite participou da cobertura dessas novas construções e seus registros serviram de apoio para as campanhas eleitorais e manutenção da popularidade das figuras

políticas; na análise de Frozoni, essas fotografias cumpriram a função de convencer que a cidade era próspera e contribuíram para o imaginário da população quanto a isso (2013, p. 393). Essa noção reforça as ideias analisadas no capítulo anterior em relação às tentativas de encobrir e esconder os problemas sociais que a cidade enfrentava, como a pobreza, o crescimento das favelas e desequilíbrios sociais, recorrendo às leis que tinham como objetivo regulamentar a experiência de viver na cidade.

Na perspectiva de Frozoni, Leite, por intermédio de suas fotografias, auxiliou os prefeitos a fazerem a propaganda de si e de seus governos, assim como na promoção da ideia de Londrina como uma cidade moderna e progressista, entretanto, essa propaganda que realizava era indireta, uma vez que tinha liberdade para fotografar seu trabalho; todavia, seu filho, Otacílio Leite, expressa que o pai tinha noção de que as propagandas utilizando suas fotografias aconteciam (2013, p. 394)³⁹.

Em síntese, Oswaldo Leite iniciou na fotografia por conta própria e com o objetivo de auxiliar nas tarefas diárias de seu ofício. Contudo, por mais que suas intenções não fossem objetivas em relação a produção de propagandas políticas, foram utilizadas para este fim. Essa ação insere as fotografias no contexto de esquadrinha do "real" promovido pela prefeitura. Ainda que as fotografias nos pareçam inocentes, são nelas e por elas que encontramos as brechas, os caminhos, as lacunas e a materialidade de nossas subjetividades como indivíduo e sociedade, uma vez que o fotógrafo manifesta por meio do "clique" as suas escolhas e é ele também parte dessa comunidade.

3.3 Os conjuntos habitacionais e desfavelamento (1970)

Ao longo do que vimos anteriormente, a pobreza nas vilas e favelas não era território desconhecido para aqueles que moravam na cidade, uma vez que nas próprias reportagens publicadas nas décadas de 1950 e 1960, o problema era enunciado pela comunidade. Entretanto, foi apenas nos anos 1970 que ocorreram os primeiros trabalhos de infraestrutura, saneamento, habitação e desfavelamentos por parte dos órgãos públicos.

No contexto brasileiro, Nabil Bonduki (2011, p. 99) analisou, interpretou e contextualizou os projetos de habitação no Brasil. Dessa maneira, indica que durante o Estado Novo (1937-1945) há tentativas de implementação de políticas habitacionais, voltadas

³⁹ A autora reforça que estas são concepções e memórias compartilhadas pelo filho de Oswaldo, Otacílio Leite, por isso, não é possível assegurar se este era de fato a concepção do fotógrafo quanto ao uso de suas fotografias (2013, p. 394).

especialmente para a utilização de fundos dos Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAPs) e que se destacavam nos discursos do presidente, pois alimentavam a imagem de protetor dos trabalhadores. Ainda assim, sob a perspectiva do autor, a habitação aparece de forma ambígua, pois “ora como objetivo importante, ligado à ideia da seguridade social plena, ora como mero instrumento de capitalização dos recursos captados e, portanto, desprovidos de fins sociais” (Bonduki, 2011, p. 101).

Foi a partir de 1964 que o direcionamento para a questão habitacional e organização urbana ganhou novos rumos. Conforme analisado por Maricato (2013, p. 20-21), o Banco Nacional de Habitação, junto ao Sistema Financeiro de Habitação, criado pelo regime militar, impulsionou a drenagem dos recursos financeiros para construção civil, entretanto, priorizado para as classes médias e altas. Já os conjuntos habitacionais,

Os governos municipais e estaduais desviaram sua atenção dos vazios urbanos (que, como se sabe, se valorizam com os investimentos públicos e privados feitos nos arredores) para jogar a população em áreas complementares inadequadas ao desenvolvimento urbano racional, penalizando seus moradores e também todos os contribuintes que tiveram que arcar com a extensão da infraestrutura (Maricato, 1987 *apud* Maricato, 2013, p. 21).

Anterior a este período, decretos e normas buscavam ampliar os recursos das previdência social, sendo que três planos foram adotados pelos institutos: o plano A, que consistiu na locação e venda de unidades habitacionais; plano B financiamento para aquisição de moradia e terreno próprio; e o plano C, que eram os empréstimos hipotecários para pessoas físicas e jurídicas (Bonduki, 2011, p. 104). Todavia, ainda que houvesse os investimentos, conforme já mencionamos anteriormente, eles beneficiaram principalmente as classes médias e altas, uma vez que “pela ótica dos institutos, os favelados eram estigmatizados como ‘marginais’ e excluídos da proteção do Estado” (Bonduki, 2011, p. 110).

Nabil Bonduki apresenta que nos anos 1940 foi criada a Fundação da Casa Popular (FCP), primeiro projeto federal exclusivo para resolver a questão da moradia, que foi responsável por 143 conjuntos, com 18.132 unidades, enquanto os institutos promoveram, no mesmo período, a criação de 123.995 habitações (2011, p. 116). Ainda segundo o autor, a ineficiência do projeto se deu pelo desinteresse do governo na formulação de uma política habitacional e da oposição de setores corporativos, econômicos e políticos (Bonduki, 2011, p. 115).

A precarização das condições de vida dos trabalhadores nas décadas de 1950 e 1960 intensificaram os problemas habitacionais. Conforme indicado por Camargo *et. al.* (1976, p.

67), entre os anos de 1958 e 1969 foi possível observar a redução do poder aquisitivo dos trabalhadores da cidade de São Paulo, sendo os que tinham menor qualificação, o agravamento da qualidade de vida foi ainda pior. Junto disso, cresce a pressão por moradias populares, que passa a ser resolvida pelas relações com o mercado imobiliário (1976, p. 25).

Em sintonia, Bonduki (2011, p. 138 e 140) argumenta que nunca houve consenso entre os engenheiros e arquitetos acerca da construção de moradias e projetos habitacionais, porém, a partir de 1960 passam a considerar e apoiar a formulação de uma política de habitação, considerando o estilo modernista em suas propostas:

Os arquitetos modernos procuraram, com algum êxito, vender suas propostas como aspecto importante da fase de progresso, industrialização e urbanização por que passava o país. Desse modo, conseguiram influenciar os encarregados dos projetos estratégicos de desenvolvimento, articulando a noção de uma moradia moderna com a modernização e industrialização da sociedade, mesmo que essa visão estivesse presente numa perspectiva politicamente mais conservadora (Bonduki, 2011, p. 140).

Tanto Erminia Maricato (2013), quanto Nabil Bonduki (2011), consideram que a questão da habitação após 1964 com o BNH não levou em conta a necessidade de um projeto e política social da habitação no Brasil. Maricato interpreta que entre 1967 e 1982 foi um dos períodos mais intensos de produção imobiliária, atendendo e fortalecendo o setor de construção civil no país, sem que houvesse a resolução da divisão de terras e reforma urbana no país (2013, p. 84-85).

Sob o mesmo ponto de vista, Bonduki expressa que com o BNH houve a busca pela redução de custos, sem levar em consideração as propostas da arquitetura moderna, logo, adotaram o racionalismo formal “[...] em projetos de péssima qualidade, monótonos, repetitivos, desvinculados do contexto urbano e do meio físico e, principalmente, desarticulados de um projeto social” (2011, p. 135).

Não somente isso, mas Maricato (2013, p. 85) explica que as terras destinadas aos conjuntos foram estabelecidas em áreas desvalorizadas, em zonas periféricas e rurais, preservando áreas privilegiadas para a especulação imobiliária, exemplificando Londrina-PR como parte desses projetos.

Com isso, os primeiros projetos de habitação em Londrina-PR foram colocados em prática com a inauguração da Companhia de Habitação, a COHAB - Londrina⁴⁰, em 1969, sendo apenas em 1970, sob o comando de Milton Gavetti junto à Caixa Econômica Federal a

⁴⁰ De acordo com Jolinda Alves (2002, p. 278), a aprovação da Lei que criou a COHAB – LD ocorreu em 26 de agosto de 1965 (Lei 1.008) em acordo com a Lei Federal no 4.380 de 21 de agosto de 1964.

construção dos primeiros conjuntos habitacionais com a transferência das famílias do Bom Retiro para o Conjunto Habitacional Barravento (Alves, 2002, p. 279-280)⁴¹. Porém, o desfavelamento da comunidade do Grilo ocorreu apenas em 1971 e 1972 em que foi realizada a abertura das ruas, a construção de moradias e assistência médica à população.

Nesse período, entre 1950 e 1970, o crescimento populacional da cidade foi significativo e perceptível pelos registros censitários. No ano de 1950, segundo o IBGE a população era de 71.412, na década seguinte de 134.821 e nos anos 1970 de 228.832 (Arias Neto, 2008), ou seja, um crescimento de 88,79% e no ano seguinte de 69,73% (Tabela 5). Por conta disso, as demandas por habitação exigiam tempo e planejamento, pois em primeiro momento atingiu apenas uma pequena parcela da população.

⁴¹ A partir dos trabalhos de Jolinda Alves (2002), Victor Hugo Martins (2007) e Claudia Lima Esteves Alves (1991) podemos compreender parte de como ocorreu o processo de assistência social e o planejamento de conjuntos habitacionais para essa população a partir da década de 1970, por isso recomendamos sua leitura para uma compreensão mais objetiva sobre o tema.

Tabela 5 - Município de Londrina - Dados da População urbana e rural

Ano	População urbana	População rural	Total (urbano + rural)
1950	34.230	37.182	71.412
1960	77.382	57.439	134.821
1970	163.528	64.573	228.101
1980	266.940	34.771	301.711

Fonte: Adaptado pela autora conforme dados apresentados por De Paula *et. al.* (2013) (**fontes:** IBGE – Muller (1956) e Mendonça (1994)); Arias Neto (2008); IBGE (1953).

Já em relação às moradias, Souza explicita, com base nos dados da Comissão de Desenvolvimento Municipal de Londrina (1966), que entre os anos de 1962 e 1966, das casas da cidade, apenas 10,8% era considerada “casa fina”, enquanto, 13,3% eram consideradas precárias: cortiços (3,3%), barracos (0,8%) e barraco precário (9,2%). Além desses, os barracos modestos somavam 29,2% e as casas populares 46,7% (2021, p. 142)⁴². Ou seja, quase metade da população da cidade vivia em casas populares ou com infraestrutura mediana, enquanto uma parte bastante significativa vivia em condições de precariedade de habitação.

Selecionamos a fotografia abaixo (Figura 18), identificada como Vila Fraternidade de Londrina, durante o processo de desfavelamento em 2 de maio de 1972. Em primeiro plano, da esquerda para a direita, há uma rua com chão de terra batida, em que uma criança aparece ao lado de outra pessoa, mas que não aparece no registro; enquanto a imagem da criança apresenta movimento, ela está correndo. Ao fundo, há uma casa de madeira, seguido de restos de madeira e uma estrutura pré-montada; à direita, outra casa de madeira, com janelas construídas de madeira e fechadas; logo à frente há uma casa de cachorro e mudas de árvores. Em segundo plano, há árvores em meio mato, casas construídas na subida de um morro, que se divide entre casas de madeira e alvenaria.

⁴² Os termos e números apresentados pelo autor tem como fonte o documento “LONDRINA”. Comissão de Desenvolvimento Municipal de Londrina — A Situação/66. Curitiba: CODEM/Departamento de Planejamento e Urbanismo, 1966. (Convênio CODEPAR — DATM).

Figura 18 - Favela de Londrina, 2 de maio de 1972



Autor: Oswaldo Leite, 2 de maio de 1972.
Fonte: Museu Histórico de Londrina (MHL).

É importante observar na fotografia os aspectos relacionados à habitação, especialmente às que se encontram no primeiro plano. Não havia uniformidade nas casas, os restos de madeira se encaixam conforme a necessidade, a estrutura da parede não vai até o chão, ao ponto que há buracos que permitem a passagem de insetos, animais peçonhentos como escorpiões e cobras, especialmente por estar em área com mato. Junto disso, os telhados são improvisados e não possuem janelas eficientes para dar conta das necessidades de saúde e qualidade de vida, pois as janelas são feitas de tábuas, que não permitem sua abertura em momentos de chuva ou à noite.

Tendo isso em vista, conseqüentemente as condições climáticas e naturais são sentidas de formas diferentes: as chuvas podem causar goteiras, os ventos e o barro molhado podem causar estragos na estrutura e apodrecendo a madeira, além de afetar diretamente o conforto dentro de casa, pois o chão é também de terra batida. No calor, os desconfortos podem ser sentidos na falta de circulação de ar, nos insetos que aparecem (e que podem trazer doenças,

como a Malária) e no frio a estrutura da casa não segura o calor, além do frio ser sentido através das frestas de madeira.

As casas desgastadas, muitas vezes mal construídas e carentes de condições básicas, destacam as desigualdades existentes não só em Londrina, mas também no Brasil. A falta de infraestrutura compromete uma cadeia de necessidades que são colocadas em segundo plano — como saúde e educação —, impactando diretamente na qualidade de vida de cada morador.

Segundo Martins (2007, p. 83), entre 1953 e 1958, há a presença de três favelas já identificadas e nomeadas, são elas: Pito Aceso, Vila do Grilo e Vila Esperança, composta pela população de outros estados, em especial da área nordeste do país; sendo que entre os anos de 1958 e 1972 foram registradas outras 9 ocupações entre núcleos urbanos e favelas, porém, na Tabela 6 destacam-se as favelas:

Tabela 6 - Ocupações e favelas de Londrina (1953-1971)

Ano de ocupação	Nome	Localização e classificação
1953	Pito Aceso	R. Riachuelo
1955	Vila do Grilo	Próximo ao Marco Zero
1958	Vila Esperança	Próximo à linha férrea, no final da R. Santa Catarina
1961	Caixa Econômica / Nossa Senhora da Paz	R. das Seringueiras
1968	Vila Ricardo / Moinho de Trigo / Jardim L. O.	Av. Tungue
1970	Vila Marísia I	Próx. a BR 369
1971	Marabá / Interlagos / Rosa Branca I	Jardins Marabá e Interlagos

Fonte: Adaptado pela autora conforme dados apresentados por Martins (2007, p. 83).

Nesse ínterim, a construção dos conjuntos habitacionais junto com a COHAB e o Banco Nacional de Habitação (BNH), ocorreu em algumas regiões, alocando a população em outros espaços, em vazios urbanos distantes, enquanto havia também os desfavelamentos, que por ora ofereciam subsídios para a construção de casas próprias ou o financiamento do governo para casas construídas nos conjuntos conforme eram finalizados, entre 1970-1973 (Tabela 7).

Tabela 7 - Primeiros Conjuntos habitacionais em Londrina-PR (1970-1973)

Nome do Conjunto	Localização	Ano de início (se houver) e entrega (respectivamente)	Unidades habitacionais
Vitória Régia	Zona Leste	12/02/1970 e 02/09/1970	132
Barravento	Zona Leste	19/01/1971 e 18/03/1971	34
Charrua	Zona Norte	09/11/1977 (entregue)	139
Das Flores	Zona Sul	12/09/1970 e 18/03/1971	90
Pindorama I e II	Zona Leste	09/11/1971 e 09/06/1972	169
São José I e II	Zona Leste	27/10/1972 e 05/04/1973	105
São Pedro	Zona Leste	27/10/1972 e 01/05/1973	105

Fonte: Organizado pela autora com base nos dados da COHAB - Londrina (2015, grifo nosso).

Destaca-se na tabela do conjunto Pindorama I e II, pois neste a população estimada era de 744 habitantes com uma área média das unidades de 29,74m² (COHAB-LD, 2015) e foi responsável pelo acolhimento das pessoas da Vila Fraternidade e Pito Aceso, sendo definido nesses projetos a infraestrutura do bairro com saneamento básico e de fundos de vale (Martins, 2007, p. 92-93).

Vale ressaltar que essas transformações foram colocadas em prática por incentivo e luta social dos trabalhadores. De acordo com Souza (2021), mesmo que um dos períodos mais repressivos da Ditadura Civil-Militar no país, os movimentos sociais urbanos eram intensos e muitos direitos foram conquistados pelos trabalhadores. Por isso, é importante destacar que essas mudanças não são parte de um todo do Governo, mas sim, por pressões sociais que influenciaram esse processo, destacando a autonomia política, social e cultural dos sujeitos envolvidos.

Além disso, os projetos habitacionais foram fortes na cidade destacando-se no cenário nacional pelo seu sucesso, porém, eles serviam também de propaganda política para aqueles que ofereciam promessas de campanha eleitoral e reeleição, tal qual, serviu para o fortalecimento das empresas de construção civil, conseqüentemente, da especulação imobiliária:

O que se deve ressaltar é que se consolidou, em Londrina, o imaginário a respeito da casa própria e dos conjuntos habitacionais como forma de aspirações populares por parte do poder público. A partir desse quadro, constrói-se a imagem de uma administração pública interessada em resolver os problemas do povo. Entretanto, o

que se oculta, neste caso, é a questão da habitação popular como um negócio rentável e vantajoso para vários setores econômicos, especialmente aqueles vinculados à indústria da construção civil (Souza, 2021, p. 151, grifo nosso).

3.3.1 Residências e Vista Parcial

De acordo com o pesquisador Adir Rech (2007, p. 21), o objetivo da cidade era promover o bem-estar da população, a convivência e a segurança, porém, a cidade ideal foi substituída pelo poder das classes dominantes que deixaram de lado o planejamento urbano, propiciando apenas o crescimento do seu poder político e influência. Paralelo a isso, conforme mencionamos anteriormente, Engels (2010, p. 70), expressou que nas cidades, a separação entre as classes sociais distinguia-se pelos bairros com mais infraestrutura e direcionados às famílias mais abastadas, enquanto os trabalhadores se alocaram em bairros simples, sem planejamento e conhecidos como aqueles de “má fama”.

Diante disso, a fronteira física e as barreiras sociais que separavam Londrina entre as regiões “acima” e “abaixo” da linha entre os anos 50 e 70 do século XX expressavam a separação social do solo, pois não as consideravam parte da cidade. Na análise do pesquisador Rech, as cidades sempre foram projetos de exclusão social, devido ao seu ordenamento jurídico local, histórico e cultural de um poder central e com elites dominantes (2007, p. 107).

Nos séculos XIX e XX, as transformações do cotidiano impactaram profundamente a difusão e o consumo das imagens, assim como o crescimento das cidades. De acordo com Sérgio Carvalho (1996, p. 130), este período não está marcado apenas pelo surgimento da fotografia e do cinema, mas também pelo desenvolvimento de uma “cultura de imagens” e “[...] da construção de um mundo sensorial ilusório e das grandes intervenções arquitetônicas e urbanísticas”.

A partir disso, os registros fotográficos se tornaram cada vez mais presentes na contemporaneidade, bem como os retratos urbanos. Conforme análise de Maria Stella Bresciani, a cidade fomenta nossas reflexões sobre a história, pois configuram-se em desafios:

A cidade coloca o mundo na história e traz para o presente o legado das gerações mortas e de suas heranças imortais. [...]. Na cidade, a história se constrói no espaço e no edifício público; nesses espaços, instauram-se possibilidades de ação pela presença coletiva dos atores sociais e pelo registro dessa presença dramatizada em espetáculo. [...]. Cultura no sentido amplo de artifício, de arte do ser humano, a cidade se revela, em suma, como espaço politizado (2002, p. 30).

Nesse sentido, é também na fotografia que encontramos os fragmentos desse passado. A pesquisadora da imagem Susan Sontag expressa que a foto é talvez um dos objetos mais

misteriosos do mundo moderno, pois é a experiência capturada; logo, fotografar é apropriar-se da coisa fotografada e pôr a si mesmo em uma relação com o mundo (2004, p. 14).

Conforme explicitamos anteriormente, as fotografias de Oswaldo Leite foram essenciais para a memória da cidade, uma vez que esteve presente em eventos políticos e em várias localidades, acompanhando a trajetória das transformações em um período que recorta três décadas (1950-1970). Boris Kossoy manifesta que ao mesmo tempo que a fotografia preserva lembranças do cotidiano e da sociedade, ela também se prestou ao uso ideológico (2014, p. 31), assim, as fotografias de Leite também foram utilizadas para este fim.

A fotografia constitui-se parte de uma realidade. Nas palavras de Kossoy (2020, p. 28), qualquer fotografia tem sua gênese em um “*espaço e tempo*” que submetem o contexto histórico específico dos desdobramentos sociais, resultando em uma sucessão de fatos no interior dele; entretanto, ela registra um micro aspecto do mesmo contexto. Segundo Sontag (2004, p. 15),

As fotos, que brincam com a escala do mundo, são também reduzidas, ampliadas, recortadas, retocadas, adaptadas, adulteradas. Elas envelhecem, afetadas pelas mazelas habituais dos objetos de papel; desaparecem; tornam-se valiosas e são vendidas e compradas; são reproduzidas. Fotos, que enfeixam o mundo, parecem solicitar que as enfeixemos também. São afixadas em álbuns, emolduradas e expostas em mesas, pregadas em paredes, projetadas como diapositivos. Jornais e revistas publicam; a polícia as dispõe em ordem alfabética; os museus as expõem; os editores as compilam.

Em relação ao planejamento da antiga Vila do Grilo e a perspectiva de sua dimensão, a foto a seguir foi tirada de um local alto (Figura 19), nela é possível observar as cercas, as casas construídas nos morros, com elementos que remetem às marcas rurais da cidade. Em relação à realidade das áreas centrais, há um contraste entre estes espaços, uma vez que crescia as construções luxuosas dos casarões na avenida Higienópolis, a sua verticalização e a pavimentação da cidade, bem como a arquitetura modernista que foi impulsionada para alterar a planta de uma cidade no meio da floresta a fim de se modernizar (Paula, 2011, p. 29).

Figura 19 - Vista Parcial da Vila do Grilo/Vila Fraternidade, 15 de maio de 1971



Autor: Oswaldo Leite, 15 de maio de 1971.
Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

Ao analisar a perspectiva do historiador francês Fernand Braudel (1902-1985) sobre a Cultura Material, a pesquisadora Cláudia Martinez (2006, p. 24) expressa que ela constitui a primeira instância da esfera econômica, seguido da economia de mercado e o capitalismo como o estágio final das instâncias; porém, todas as três convivem simultaneamente na sociedade:

Por isso, a população (com suas fomes, epidemias e fecundidades), a alimentação (o pão de cada dia), a bebida (água, vinho e cerveja principalmente), o habitat (com seus interiores domésticos), o vestuário e a moda (com suas oscilações), o transporte (da lentidão dos animais aos navios e barcaças), a moeda (das trocas elementares aos sofisticados instrumentos de créditos), as técnicas, as fontes de energia e as cidades (com suas dinâmicas e desequilíbrios) são elementos que habitam a “zona espessa, rente ao chão” que Braudel definiu como vida material. **Enfim, toda uma estrutura necessária (fundamental) à vida, que é composta, essencialmente, por essa materialidade que lhe dá sentido e a transforma no primeiro andar de uma pirâmide tripartida** (Martinez, 2006, p. 24-25).

Dessa maneira, recortando a paisagem anterior (Figura 19), na figura 20, há casas de madeira em meio às árvores e mato. A partir dela, podemos refletir sobre as perspectivas dos autores, na medida em que o cotidiano e materialidade expresso nas casas da Vila dissocia da mesma realidade divulgada e salientada pelos agentes de Londrina, com os barracos construídos com restos de madeira e tábuas.

Figura 20 - Fundos da Vila Fraternidade, década de 1970



Autor: Oswaldo Leite, 197(?).

Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

A ascensão do Modernismo no início do século XX produziu as suas próprias concepções sobre como o futuro deveria aparentar, pois em relação à moradia, promoveu a ideia de construções objetivas e racionais (Miller, 2013, p. 83). Em Londrina, as casas de madeira foram predominantes entre os anos de 1930-1940, visto que a ocupação das terras exigiu abrigo para aqueles que chegavam e a construção de casas importante para a divulgação do crescimento da região⁴³.

Nos anos finais de 1940 e década de 1950, o crescimento da cidade contou com 12 grandes projetos, liderados pelos arquitetos Vilanova Artigas (1915-1985)⁴⁴ e de Carlos

⁴³ Quanto a isso, no Museu Histórico de Londrina há uma réplica de uma casa típica de Palmito Juçara, além de representações ligadas à Peroba Rosa, ambas madeiras típicas da região. Na análise de Antonio Carlos Zani as primeiras casas foram construídas com madeira roliça, junto a vedação de palmito rachado, assoalho de tábuas cruas e telhas do tipo "tabuinhas" tiradas do cedro ou do pinho (2013, p. 24).

⁴⁴ João Batista Vilanova Artigas era natural de Curitiba, mas estabeleceu sua carreira em São Paulo como arquiteto, professor, militante político, engenheiro e urbanista (Coelho, 2021). De acordo com Paula, em São Paulo havia mais de setecentos projetos apresentados pelo arquiteto, mas, em Londrina sua marca foi na construção da Estação Rodoviária (atual Museu de Arte) e na Casa da Criança (2011, p. 19). A Casa da Criança é o atual prédio da Secretaria Municipal de Cultura, fica localizado no centro da cidade.

Cascaldi (1918-2010)⁴⁵, no total, foram 7 construções⁴⁶, responsáveis pelas primeiras obras de arquitetura moderna no norte do Paraná e pela transformação na fisionomia urbana de Londrina, que se verticalizou no centro da cidade por motivos simbólicos, posto que a cidade não possuía escassez de espaço ou de terrenos urbanos, como aconteceu em grandes centros (Suzuki, 2013, p. 3).

De acordo com Richard Sennett (2018, p. 34), os engenheiros civis buscaram melhorar a qualidade da vida urbana e tornaram-se artesãos da cidade moderna na Europa, ainda no século XVIII, entretanto, é no século XIX que a cidade passa por transformações profundas. Na França, as barricadas⁴⁷ contrastavam com as novas construções voltadas para a classe média, com isso as massas de trabalhadores passaram a ser escondidas atrás dos bulevares, em bairros decadentes e intocados (2018, p. 45).

Apesar de realidades distantes, tanto pela diferença de tempo e espaço, a reflexão que Sennett nos traz é sobre como as habitações e o planejamento urbano afetaram a qualidade de vida das pessoas e a partir disso ele defende a ideia de uma cidade aberta, ou seja, uma sociedade em que abriga grande diversidade humana, igualitária e democrática, que contradiz essa realidade ironizada por ele: “A ecologia econômica da nova cidade parecia roupa íntima suja por baixo de um vestido de baile” (2018, p. 18 e 45).

Quando aproximamos o recorte da Vila Fraternidade e do contexto londrinense, temos uma realidade que se organizou crescendo e defendendo os interesses de uma classe privilegiada: os fazendeiros de café, as figuras políticas e aqueles que se destacavam entre esses grupos. Conforme já afirmou Suzuki (2013, p. 3) e aqui mencionado anteriormente, a verticalização da cidade se deu por valores simbólicos e não necessariamente por uma falta de espaço urbano para a construção.

A seguir temos duas fotografias (Figura 21 e 22), ambas são de Oswaldo Leite. A primeira é uma vista parcial das ruas da Vila Fraternidade, possivelmente entre finais da década de 1960 e início da década de 1970. Nela o destaque é o chão de terra batida em primeiro plano, ao fundo, vê-se alguns barracos construídos em madeira, totalizando três casas, alguns

⁴⁵ Carlos Cascaldi (1918-2010) era natural de São Paulo (SP) e formou-se em arquitetura. Junto com Artigas foi responsável pelo projeto do atual Museu de Arte de Londrina (Antiga Estação Rodoviária).

⁴⁶ São elas: a Estação Rodoviária entre 1948-1952 (atual Museu de Arte de Londrina), Cine Ouro Verde (1948-1952), edifício Autolon (1948- 1951), Casa da Criança (1950-1955), a residência do prefeito Milton Ribeiro de Menezes (1952), os vestiários do Londrina Country Club (1951) e o anexo do hospital da Santa Casa de Londrina (1952-1955) (Suzuki, 2013, p. 3).

⁴⁷ Com a onda revolucionária na Europa, especialmente na França, as barricadas eram uma forma de impedir soldados e policiais de avançar contra a população. No contexto apresentado, as cidades e traçados retos foram uma forma de impedir a população de realizar ações defensivas e promover uma cidade às novas classes médias (Sennett, 2018, p. 44-45).

elementos que constituem a fotografia são cercas de madeira e objetos do cotidiano. Ao fundo, bananeiras:

Figura 21 - Casas da Vila Fraternidade



Autor: Oswaldo Leite, s./d.

Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

Em contraste, na figura 22 há a Rua Maranhão e a Avenida Paraná na década de 1950, em que à esquerda é possível observar a construção de prédios em andamento, carros modernos circulam entre as ruas de paralelepípedos e comércios, conforme a fachada da construção à direita “CASA das FÁBRICAS”. É importante ressaltar que há uma distância temporal entre as imagens, porém, nos anos 1950 já havia registros das primeiras ocupações nas regiões periféricas, mas a atenção ao longo do tempo recaiu sobre as áreas centrais.

Na sociologia da imagem⁴⁸, a fotografia é muito mais do que está presente no seu registro, mas também do que não é visível e revela a sua ausência, lhe dá visibilidade, logo, a

⁴⁸ Termo utilizado por José de Souza Martins (2009) em que discute os estudos da Sociologia da Fotografia e da Imagem. Em relação à História, Ulpiano Bezerra de Menezes utilizou o termo “Antropologia Visual”, emprestado das ciências sociais, para explicar sobre o reconhecimento das fontes visuais para os estudos históricos. Assim, o pesquisador afirma que manifestações “imagéticas” da cultura se acrescentaram à necessidade de compreender a produção de sentido: “sentido dialógico, portanto socialmente construído e mutável e não pré-formado ou imanente à fonte visual” (2003, p. 16-17).

fotografia nega-se enquanto suposição de retrato morto, porque é “retrato vivo da coisa morta” (Martins, 2009, p. 28).

Figura 22 - Rua Maranhão e Avenida Paraná



CS Digitalizado com CamScanner

Autor: Oswaldo Leite, s./d.

Fonte: Boni; Unfried, 2017 (Acervo do Museu Histórico de Londrina).

Analisando estas duas fotografias em conjunto, é notável a discrepância entre a perspectiva de uma cidade que se apresenta em constantes mudanças (as construções de prédios, os carros e longe das marcas rurais) com outra uma cidade deixada à própria sorte. No segundo registro (Figura 22), a cidade se impõe, o recorte produzido pelo fotógrafo expressa a sua grandeza diante da modernidade: as ruas limpas, a praça Willie Davids na lateral esquerda trazendo a ideia de organização do espaço e do lazer. Enquanto na Vila (Figura 21), temos a ausência: dos automóveis, dos prédios, das construções em andamento, da organização das ruas, do paralelepípedo e do lazer disposto à comunidade. Diante disso, as latrinas presentes na Vila Fraternidade expressam mais uma das contradições entre as realidades (Figura 23).

Figura 23 - Latrina, 25 de março de 1969



Autor: Oswaldo Leite, 25 de março de 1969.

Fonte: Museu Histórico de Londrina (MHL)

Para além da questão estética, o governo deve prover a qualidade de vida aos moradores. Conforme vimos anteriormente, no código de condutas (Lei municipal nº 219, de 31/12/1953) a higiene era uma cobrança em vários momentos e sua fiscalização dizia respeito desde a limpeza das vias públicas; das habitações particulares e coletivas, comércios, hospitais, entre outros. Aos poucos a prefeitura atuaria no sentido de extinguir as residências insalubres (Londrina, 1953).

Na figura 23, datada em 25 de março de 1969, há uma construção de banheiro externo. As necessidades caem direto no córrego que abastece a região que não possui saneamento básico. Ao fundo, há casas e cercas de madeira.

Apesar de comumente utilizados em muitas culturas — especialmente em uma realidade e período em que a pobreza no Brasil, o acesso a possibilidade de banheiros privados e com estrutura adequada eram difíceis —, o uso das latrinas expõe a comunidade aos riscos de saúde. A ausência de ações para sua eliminação expressa a falta de assistência às necessidades básicas e direitos humanos da população. Durante a coleta de dados sobre as fotografias, os antigos moradores se lembraram da quantidade de latrinas que eram colocadas pela população e que eram muito comuns na região.

Segundo Priscila Semzezem e Jolinda Alves, quando se analisa o conceito de “vulnerabilidade social”, conforme a perspectiva da assistência social, ela não diz respeito apenas à carência da renda, mas sim como um fenômeno complexo e multidimensional, que constitui um processo de “interiorização das condições objetivas vividas por estes sujeitos” em diferentes dimensões da vida, logo, há níveis de vulnerabilidade (2013, p. 149).

Em consonância com a utilização do córrego para o abastecimento da comunidade, na Figura 24, uma mulher está lavando roupa em um tanque improvisado no córrego da Vila Fraternidade. A mulher posa para foto enquanto segura uma peça de roupas. Acima dela há uma cobertura de palha. Em volta, mato.

Figura 24 - Mulher lavando roupa no córrego, década de 1970 (A)



Autor: Oswaldo Leite, 197(?).

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina (MHL).

Nesta outra imagem, temos a profissão das lavadeiras de roupas, dessa forma, tendo em vista a compreensão da vulnerabilidade social como algo além das condições econômicas, a exposição a péssimas estruturas de saúde, as boas condições para exercer o trabalho profissional e água de qualidade expressam a ausência das intervenções governamentais em promover o direito e proteção à vida:

No domínio da técnica da engenharia sanitária e áreas afins, o termo “saneamento” é tomado em seu sentido amplo, embora variando de acordo com a formação dos técnicos e de sua inserção profissional. Assim, o termo saneamento está associado ao controle de doenças, ao bem-estar e à proteção ambiental (Costa; Pontes; Moraes, 2004, n.p.).

Outro ponto interessante relacionado à análise fotográfica é perceber não só o recorte da realidade, mas também o posicionamento e o espaço ocupado pelas pessoas na foto: os jogos de luzes, se é uma foto posada ou espontânea. Aqui, se parece como registro do cotidiano, ela continua o seu trabalho enquanto o fotógrafo realiza o seu. Entretanto, ela aparece no centro da foto e cercada pelos objetos que compõem a sua profissão: a água do córrego, utensílios como tanque, bacia, a roupa, os gestos que dão entender a sua ação.

As imagens apresentadas são contraditórias aos princípios defendidos e aplicados nas leis, uma vez que não leva em consideração a realidade dessa população e não investe em melhorias quanto a isso, mas sim em punições. Apesar da aplicação da lei datar de 1953, foi apenas com o desfavelamento que as melhorias foram implementadas na Vila do Grilo/Fraternidade, em 1972. Enquanto do outro lado da linha férrea, o saneamento e a busca de melhorias para a população era uma prioridade.

Para concluir este capítulo, na análise de Juliana de Souza e Érica Tavares, a concepção do direito à cidade vai além do acúmulo de direitos às das políticas urbanas. Portanto, o direito à cidade envolve a participação na construção da cidade, sendo necessário concebê-la como uma obra coletiva (2021, p. 16). E nas fotografias, é crucial reconhecer que a análise de uma imagem fotográfica vai além da observação visual. Ao examinar os detalhes compreendemos não apenas a própria imagem, mas também do contexto cultural, político, social e artístico.

4 COTIDIANO, COMUNIDADE E DESFAVELAMENTOS

Através das mais diferentes culturas e classes sociais, o lar cristaliza importantes sistemas simbólicos e molda sensibilidades individuais. A moradia e o status social são obviamente associados e em várias sociedades a residência é uma forma de as pessoas se afirmarem publicamente. Em consequência, a construção ou aquisição de uma casa é um dos projetos mais importantes que as pessoas irão realizar. A casa faz declarações tanto públicas quanto pessoais, já que relaciona o público e o doméstico. Ao criar uma casa as pessoas tanto descobrem e criam sua posição social quanto moldam seu mundo interior (Caldeira, 2000, p. 264).

4.1 Retratos do cotidiano: a Vila do Grilo/Vila Fraternidade de Londrina

Marc Bloch (2001, p. 55) nos instruiu acerca do ofício do historiador, pois, para ele, “[...] o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça”. Nesse sentido, nos cabe compreender que por trás das casas construídas, dos bairros, das ruas, dos objetos, das leis instituídas, ou “por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens [indivíduos] que a história quer capturar” (Bloch, 2001, p. 54).

Tendo isso em conta, no decorrer deste capítulo iremos analisar as fotografias que se relacionam com o cotidiano da comunidade: o trabalho, as vestimentas, as brincadeiras de criança, retratos, entre outros aspectos da rotina familiar e social durante o processo de desfavelamento da comunidade.

Michel de Certeau (1998) interpreta os indivíduos como ativos de sua própria história, ou seja, são os sujeitos que dão sentido ao seu cotidiano. Com isso, ao analisar os “espaços” e “lugares”, o pesquisador nos indica que um “lugar” é a ordem que distribuem elementos nas relações de coexistência, enquanto o “espaço” é o produzido pelas operações que o orientam, logo “*o espaço é um lugar praticado*”, conforme o indivíduo constrói sua relação com a sua realidade social (1998, p. 201-202).

Diante disso, o cotidiano não é comum e ordinário. Dentro desse contexto, as fotografias são uma das mediações mais simbólicas e materiais sobre a vivência/experiência, uma vez que a popularização da câmera fotográfica inseriu a fotografia na vida cotidiana e fez dela um registro do cotidiano (Martins, 2009, p. 51 e 53). Em consonância, Peter Burke (2004, p. 99) considera as imagens valiosas para a reconstrução da cultura cotidiana e da cultura material: das pessoas comuns e suas formas de habitação, muitas vezes das moradias e dos objetos que não foram feitos para durar.

Levando em consideração o exposto, Burke menciona que as fotografias são valiosas para a reconstrução histórica de cortiços, ruelas e becos que foram destruídos, fragmentos particularmente importantes da história urbana (2004, p. 103 e 105). Eventualmente, “[...] a fotografia se propõe como apontamento da memória, e não como memória, como lembrete do que se perdeu no cotidiano, na banalização, secundarização de certos acontecidos, e não quis se perder” (Martins, 2009, p. 43).

Kossoy afirma que o tempo e a câmera fotográfica são ligados, pois o equipamento fotográfico incorpora o tempo do relógio para funcionar, mas que concomitantemente se insere, através das imagens, no tempo, em vista disso, “É este o tempo da representação, que perpetua a memória na longa duração” (2014, p. 146). Em complemento, Martins as interpreta como um conjunto narrativo de histórias, que se propõe como memórias daquilo que não irá mais retornar, como um documento inserido na sua própria historicidade (2009, p. 43 e 45).

Para dar continuidade a nossa análise, selecionamos a fotografia de uma casa da Vila Fraternidade (Figura 25), datada em 25 de março de 1969, anterior ao processo de desfavelamento. À frente da casa, e em primeiro plano, o chão é de terra batida; da esquerda para direita mato, árvores e complexo de casas; em sequência há um tronco de madeira, uma mulher está sentada em um banco de madeira e de costas para a foto, a princípio, parece estar trabalhando em uma máquina de costura. Ao lado dela e no centro, uma criança está sem roupas, seu olhar é direcionado ao fotógrafo; dentro da casa há outra criança, também sem roupas, porém, ela observa a outra criança e a mulher.

À direita, há madeiras escoradas na casa, um papel que parece ser um pôster e uma janela em que é possível identificar utensílios domésticos, que aparentam ser de alumínio. Também há restos de madeira e um cavalete de madeira que parece ter sido improvisado para limpar o barro do sapato, popularmente conhecido como "Chora paulista". A partir da representação que é construída, identificamos que é uma família: a mãe e seus filhos.

Figura 25 - Vila Fraternidade, 25 de março de 1969



Autor: Oswaldo Leite, 25 de março de 1969.

Fonte: Museu Histórico de Londrina (MHL).

Conforme mencionado anteriormente, de acordo com Martins (2009, p. 45), a fotografia é vista como conjunto narrativo se propõe como memória das rupturas, dos abismos e distanciamentos, a memória do que já foi, ao mesmo tempo que as colocamos como lembrança e esquecimento. Com isso, o autor afirma que a fotografia não documenta o cotidiano, mas sim faz parte do imaginário e cumpre funções de revelação e ocultação dele, “Portanto, as pessoas são fotografadas representando-se na sociedade e representando-se para a sociedade” (Martins, 2009, p. 47).

Com efeito, o ato de fotografar é um ato político, de recortes e de “golpes”⁴⁹. John Berger explica que a fotografia é um resultado da decisão do fotógrafo, do que vale a pena ser registrado; a fotografia testemunha uma preferência, entre fotografar um instante ou outro (2017, n. p.). Por mais que as fotografias de autoria de Oswaldo Leite, em tese, tivessem a finalidade de registro das atividades laborais exercidas por ele na prefeitura, ele optou pelo

⁴⁹ Termo utilizado por Philippe Dubois (1993).

recorte, ele se posicionou diante da realidade que se encontrava à frente e entre os mais variados cenários de uma comunidade, mas decidiu recortar este momento.

Não somente os registros em preto e branco trazem uma perspectiva dramática acerca da realidade, mas também o fotógrafo deve querer reproduzir uma imagem dessa forma, captando o momento certo para tal. Apesar de realizar fotografias domésticas, o potencial artístico e profissional de Leite foi explorado, uma vez que recebeu convites de autoridades para cobrir eventos, comícios e suas fotografias foram publicadas em jornais locais como propaganda política de governos municipais. Por isso, a figura 25 nos faz questionar: por que registrar também a comunidade e não apenas as casas? Por que não registrar a parte de trás da casa, mas sim a da frente onde havia pessoas?

Estas são perguntas que não serão respondidas de forma direta, mas podemos levantar hipóteses: a necessidade da própria demanda da Secretaria de Obras acerca das noções demográficas para as transformações em andamento ou o interesse do fotógrafo, não como trabalhador da prefeitura, mas na prática fotográfica. Berger (2017, n. p.) adverte que uma fotografia se trata de foco:

A mínima mensagem de uma fotografia pode ser menos simples do que pensamos primeiramente. Em vez de ser: *Eu decidi que a visão disso vale a pena ser registrada*, podemos agora decodificá-la como: ***A medida com a qual eu acredito que valha a pena olhar para isto pode ser aquilatada por tudo que eu intencionalmente não estou mostrando, porque já está contido nisto*** (Berger, 2017, n. p., grifo nosso).

É comum que no momento de tirarmos uma foto, façamos uma pose ou assumamos um sorriso. Nessa perspectiva, Martins aponta para a tentativa de “conserto da vida cotidiana”, pois no momento de tirar fotos as pessoas buscam encenar e construir para si uma outra realidade (2009, p. 48). A partir disso, o autor elenca o trabalho dos antropólogos Elisabete Jelín e Pablo Vila (1987), que tiraram fotografias da população de uma favela em Buenos Aires. Intencionalmente a ideia era fotografar as pessoas “como elas são”, mas que ao devolver a documentação para elas, a reação foi contrária, pois gostariam de ter tido o direito de se prepararem para as fotos (Martins, 2009, p. 48).

Diante do exposto, a fotografia (Figura 25) é dramática e nela contém fragmentos de seu cotidiano, retirados de forma espontânea. Mas, segundo Martins (2009, p. 54), é importante considerar, que apesar das câmeras domésticas assumirem um novo sentido no registro da cotidianidade, a fotografia evidencia que a concepção de que o cotidiano é apenas repetitivo em si mesmo é uma percepção carente do que ele realmente é:

Na estética fotográfica, a fotografia propõe a simplicidade das coisas e pessoas fotografadas, das situações sociais que são objeto do ato fotográfico, como imagens que têm sentido, o sentido do belo, do dramático, do trágico, do poético, que efetivamente há no que parece banal, repetitivo e cotidiano (Martins, 2009, p. 61)

Por conseguinte, na fotografia (Figura 25) observamos a mulher, na qual atribuímos o papel de mãe das crianças, realizando seu trabalho com a máquina de costura. Objeto que esteve referenciado às mulheres, pois está ligado ao trabalho doméstico, ou até mesmo, dos tipos de trabalho que foram designados à mão-de-obra feminina. Na imagem, a figura das crianças são elementos centrais e atraem o nosso olhar para as suas particularidades: a ausência de vestimentas, de brinquedos, a barriga inchada e o olhar da primeira criança que encara o fotógrafo.

O estudo da criança e da infância tem como base nos estudos históricos o trabalho de Philippe Ariès em “História social da criança e da família (1986)”, em que buscou estudar e analisar os processos históricos relacionados à temática, posto que ao longo dos séculos e períodos o papel social da criança foi interpretado e modificado junto as transformações históricas da sociedade. Tendo isso em conta, vários pesquisadores analisaram a História da infância e das crianças, especialmente relacionadas às pinturas e fotografias.

Analisando o fotojornalismo cubano dos anos 1960, outro suporte técnico, Edinaldo de Lima (2018, p. 210-211) pôde observar nas fotografias do governo revolucionário um discurso para convencer a população das ideias que eram defendidas pelo governo, pois eram imagens das crianças em meio a guerra, a pobreza, conflitos sociais no campo e nas cidades, que serviram de pautas políticas; segundo ele, as figuras de crianças eram trabalhadas para serem relacionadas à inocência e menciona o historiador Alberto del Castillo Troncoso (2003, p.14) acerca da visão romântica que as vincularam imagem à pureza.

Na figura 25, o retrato das crianças é examinado a partir de outros sentidos de imagem: a do cotidiano. Por conta disso, não é possível atribuir uma tentativa de convencimento do fotógrafo para um tema, como a reforma urbana, entretanto, como leitores, podemos interpretá-las de acordo com o direcionamento que é dado ao objeto, chamando a atenção e suscitando questões dentro dessa cotidianidade, nas disputas sociais do espaço e das relações de poder. Entretanto, seguindo a lógica apresentada por Lima (2018), as imagens das crianças nos remetem à inocência e sensibilizam o nosso olhar. Desse modo, podemos pensar acerca dessa realidade: quais as condições de habitação, de nutrição, saúde, infância, lazer e o bem-estar dessas crianças?

Somada a isso, a mulher está vinculada a uma imagem que esperam dela: os serviços domésticos, manuais ou industriais como a costura. Na análise de Peter Burke (2004, p. 135), as imagens oferecem evidências valiosas do tipo de trabalho que se espera das mulheres, sendo muitos deles na economia informal, que escapa à documentação oficial, na representação do espaço e dos papéis femininos.

Analisando a cidade de São Paulo, a diferenciação e discriminação dos trabalhadores pelo gênero, cor, origem e etnia reproduzem a exclusão de camadas do mercado de trabalho, juntamente com os preconceitos de outra ordem, com os baixos salários pagos à mulheres e crianças, a substituição dos trabalhadores de mais idade pelos mais jovens e o “desemprego oculto” das mulheres que não trabalham, nem estudam, mas que desempenha atividade doméstica (Camargo *et. al.*, 1976, p. 80). A própria Carolina Maria de Jesus, conforme já mencionamos anteriormente, foi vítima deste processo: a dificuldade de oportunidades, bons empregos, a sua diferenciação pela cor da pele, por ser mulher e pelo local em que morava.

Analisando a imagem, o ambiente de trabalho da mulher é constituído de elementos que remetem ao lar: o trabalho com os filhos, com a casa e com os afazeres domésticos. Na Vila, conforme os relatos de antigos moradores, o trabalho das mulheres costumava a voltar-se para lavar as roupas, passar e no trabalho doméstico nas áreas centrais. Como não havia saneamento, as roupas eram lavadas no córrego que abastecia a região, conforme já mencionado e analisado na figura 24.

Assim como os outros registros da Vila, a casa foi construída com restos de tábuas e telhado improvisado, não há um ordenamento da própria estrutura, ao ponto que parecem duas casas “coladas” uma na outra; e o chão de terra batida adentra a casa. Em conjunto, podemos pensar nos reflexos à saúde da família: em uma região com mato, terra, falta de saneamento e expostos ao córrego contaminado pelas latrinas, estão sujeitas a parasitas, problemas respiratórios, picadas de mosquitos e problemas nutricionais. Analisando as vulnerabilidades sociais, Alves e Semzezem analisam a partir de duas perspectivas: a estrutura das oportunidades e da capacidade dos lugares:

Para Kaztmam [...], as vulnerabilidades resultam da relação entre duas variáveis: **estrutura de oportunidades e capacidades dos lugares. A Estrutura de oportunidades explica-se pela composição entre o mercado, a sociedade e o Estado.** No âmbito do mercado, localizam-se a estrutura ocupacional e os empregos. A sociedade congrega o chamado “capital social”, ou seja, as relações interpessoais de apoio mútuo, geradas com base em princípios de reciprocidade, que ocorrem, por exemplo, na organização familiar, na comunidade, nos grupos étnicos ou na religião. Por fim, a estrutura de oportunidades tem também o Estado componente compreende as políticas de bem-estar e estruturas de representação de demandas e interesses, como, por exemplo: conselhos de direitos. **Em relação ao conceito de**

capacidades dos lugares, o autor destaca os territórios como espaços de sobrevivência, onde são consideradas as possibilidades de acesso e as condições habitacionais, sanitárias, de transporte, de serviços públicos, entre outros fatores que incidem, diretamente, no acesso diferencial à informação, às oportunidades e, conseqüentemente, aos direitos (2013, p. 146-147, grifo nosso).

À vista disso, o bem-estar deve ser considerado um direito básico. Na imagem não há brinquedos ou áreas que possam fornecer espaços de convivência e apoio, como creches e escolas, trazendo a noção de isolamento social. Dito isso, na Vila do Grilo, a questão social teve como apoio a comunidade civil. Inicialmente, não havia infraestrutura básica, como saneamento e asfalto, dessa forma, enfrentavam dificuldades de acesso a outras regiões da cidade. Foram as contribuições sociais de Frei Nereu do Vale, registradas por Jolinda Alves, que sensibilizado pelas dificuldades enfrentadas pelos fiéis para chegar à igreja e à creche localizadas na Vila Siam — um bairro vizinho —, que junto com a sua equipe empreenderam a construção de ruas que ligavam a Vila Fraternidade a outras partes da cidade (2002, p. 370). Essa iniciativa visava facilitar a mobilidade e melhorar a qualidade de vida dos residentes da vila.

Ao considerar a temática, selecionamos a fotografia (Figura 26) a seguir, datada em 2 de maio de 1972, trata-se de um recorte da Vila Fraternidade de Londrina. Nela, da esquerda para a direita, em primeiro plano, chão de terra batida e uma vala, com uma ponte de madeira improvisada em cima. Em segundo plano, à esquerda, há três crianças, a primeira delas utiliza uma blusa, saia clara e está descalça; a outra está vestida de blusa branca, saia escura e também está descalça. Mais à frente e mais próxima a vala, outra criança, esta está com fralda de pano e com a barriga inchada, aparenta ter entre 2 e 3 anos, enquanto as outras duas parecem ter 8 a 10 anos. Ao fundo, restos de tábuas, estruturas de madeira, varal, roupas, uma mulher lava roupas e casas de madeira improvisadas.

Figura 26 - Vila Fraternidade, 2 de maio de 1972



Autor: Oswaldo Leite, 2 de maio de 1972.
Fonte: Museu Histórico de Londrina (MHL).

Passamos para uma nova dimensão da comunidade e com ela novas percepções acerca dos registros, entretanto, muitas permanências. A estrutura do terreno constitui em uma constante: morros, erosões e valas. Conforme Mike Davis (2006) já havia mencionado anteriormente, a questão geográfica das ocupações se assemelha nas mais variadas comunidades e favelas do mundo: aqueles impróprios para a especulação imobiliária. As valas ainda ameaçam a segurança dos moradores, como risco de quedas, o acúmulo de lixo, consequentemente a contaminação, desmoronamento e comprometimento das casas.

Em relação a isso, as casas são ainda mais precárias que na foto anterior, pois são restos de madeira fina pregadas umas nas outras e os telhados empilhados. A organização dos artefatos à direita são diferentes e indicam o próprio trabalho realizado pelo morador: lavar roupas. É possível afirmar este detalhe, pois há varais com roupas estendidas, bacias, barris para guardar a água e suporte para esfregar a roupa.

De acordo com um dos relatos de uma antiga moradora, na casa em que morava na Vila do Grilo não havia escoamento de água da chuva, dessa maneira, com a proximidade ao córrego a casa era inundada, sendo necessário muitas vezes erguer os móveis e subir em camas e mesas. Ainda segundo ela, o chão interno da casa era de terra batida e havia a presença de insetos que

ficavam presos no corpo. Quando o nível do córrego subia, uma das formas de atravessar os barrancos, era com as tábuas.

Já as crianças estão vestidas e posam para a foto, diferente da imagem anterior, elas “encenaram” com sorrisos e poses para a foto, exceto a criança à frente, que apenas observa a vala e a mulher ao fundo que está de costas. A criança está com a barriga inchada, possivelmente com parasitas. Já as duas maiores estão com roupas que diferem de muitas que aparecem ao longo das fotografias, pois costumeiramente, as crianças aparecem nuas, com shorts ou camisas abertas, mas todos aparecem descalços.

A seguir, mais uma das fotografias da Vila Fraternidade, desta vez datada em 4 de maio de 1972. Em primeiro plano, chão de terra batida, alguns barracos de madeira, entre elas, um grupo de quatro mulheres e seis crianças. Algumas crianças agachadas, outras as mães a seguram pela mão. No varal, as roupas estão estendidas (Figura 27).

Figura 27 - Vila Fraternidade, 4 de maio de 1972



Autor: Oswaldo Leite, 4 de maio de 1972.

Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH)

Conforme já mencionamos anteriormente, Certeau (1998, p 35-38) em a “Invenção do Cotidiano” tem como objetivo explicitar as diferentes combinações de experiências que organizam o espaço em narrativas que permitem delimitar o campo, logo, compreende que os

indivíduos não são passivos de seu lugar, mas sim, compõem os espaços de práticas culturais. Em conformidade, na figura 27, observamos um cotidiano e seus agentes o reinventando através do sentido que dão ao espaço que vivem: as mulheres conversam, as crianças interagem entre si, ao mesmo tempo que os elementos do trabalho são compartilhados, seja o trabalho doméstico, do cuidado dos filhos ou das lavadeiras de roupa. Atribuem a este espaço a identidade de um grupo, dos sentimentos de vizinhança, companheirismo e pertencimento.

Ao contrário das imagens anteriores, mesmo que a realidade das casas seja semelhante, a fotografia está menos dramática, no sentido em que o jogo de luz e foco exercido pelo fotógrafo lhe cabem sentidos mais alegres e de uma realidade menos intensa e sólida. As brincadeiras e a interação social entre os indivíduos fortalecem essas ideias.

Diferente das figuras discutidas até o momento, a próxima imagem é posada, um retrato de família em frente à sua casa, indicado como década de 1970, possivelmente entre 1971 e 1972. A primeira fotografia (Figura 28) é referente ao acervo do Museu Histórico de Londrina e, portanto, uma digitalização do negativo, enquanto a outra (Figura 29) é relacionada à exposição realizada sobre o desfavelamento e que foram doadas ao Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica.

Figura 28 - Vila Fraternidade, década de 1970 (A)



Autor: Oswaldo Leite, 197(?).

Fonte: Museu Histórico de Londrina (MHL).

Figura 29 - Vila Fraternidade, década de 1970 (B)



Autor: Oswaldo Leite, 197(?).

Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH)

Com a ampliação do negativo para revelar a fotografia, ela sofreu recortes, assim, em primeiro plano, a perspectiva do córrego e do mato diferem nas duas imagens. Chão de terra batida e mato. Da esquerda para a direita, quatro crianças, que aparentam ter a média de 2 a 6 anos de idade, em seguida uma mulher, possivelmente a mãe, sem olhar fixo para a foto, olhando para baixo. À frente dela outra criança que aparenta ter entre de 2 a 3 anos de idade. Todos utilizam roupas simples, algumas sem peças de roupa, com a barriga inchada (parasitas) e roupas curtas. Ao fundo a casa sem infraestrutura construída com restos de madeira e de telhas.

Na figura 29 há uma legenda/etiqueta que diz "REMOÇÃO DE FAVELAS-VILA DA FRATERNIDAD[E]". A última letra "E" está desgastada. Na anotação da ficha do acervo do NDPH possui a informação de que a mulher se chamava Angelina e foi assassinada. Essa anotação possivelmente foi realizada pelo doador do acervo, uma vez que ele era morador da vila, mas não foi possível saber quando ocorreu o crime e quais as circunstâncias, pois não há informações quanto a isso. Mas, diante disso, um ponto deve ser considerado na pesquisa: qual o impacto da violência para essas comunidades?

Para os antigos moradores, que eram crianças e adolescentes durante o período de desfavelamento, eles brincavam nas ruas, tinham seus amigos, colegas e andavam pela cidade

sem que houvesse intimidações quanto a isso. Porém, um ponto levantado por eles era a disputa e competição entre os bairros da região.

Em relação ao registro, uma das ideias trazidas por Burke (2004) e por Martins (2009) é acerca das memórias dos pobres. Quando analisamos as riquezas de fontes, por vezes são os elementos finos, elegantes, de autoridade e de pessoas renomadas que chamam a atenção para o objeto ou que se destacam pelo excesso; mas qual o espaço da cultura material que não sobrevive ao tempo devido a sua fragilidade? Dos mais pobres que não têm acesso a pinturas, bens de consumo ou câmeras fotográficas para registrar suas vidas? Qual o papel que eles ocupam dentro dessa historiografia?

Segundo Martins, “Os ‘excluídos’ estão lá, na fratura de seu cotidiano, no cotidiano impossível em sociedades e situações em que a repetição é a negação da reprodução e da possibilidade da vida cotidiana. [...] Portanto, populações cujo cotidiano é a impossibilidade da cotidianidade” (2009, p. 51).

Analisando a imagem, a mulher está olhando para baixo. Esse distanciamento pode ter sido resultado do acaso ou de uma distração momentânea. No entanto, a escolha dessa fotografia para a exposição não parece ser aleatória. Afinal, além do recorte da realidade produzida pelo fotógrafo, em uma curadoria para exposição, as imagens devem fazer sentido dentro de uma narrativa, no direcionamento do olhar. Por esta perspectiva, as legendas são tão importantes quanto o próprio registro, pois cercam o leitor para um sentido único, aquele defendido (Buitoni, 2011, p. 134).

Com isso, podemos compreender que esta imagem foi estrategicamente empregada como parte de uma campanha política, pois seu uso transcende a utilização dos arquivos da Secretaria de Obras por Oswaldo Leite, mas também pela legenda associada e pela intensidade dramática do registro em si. A combinação destes eventos não só sensibiliza o leitor/espectador pela realidade do outro, outrossim, servem como uma afirmação das ações governamentais para resolução da questão urbana, divulgação e para fortalecer a posição política e apoio da população.

Por fim, esse conjunto de fotografias divide particularidades e semelhanças, mas entre elas, destaca-se a ausência de homens no cotidiano, pois estão inteiramente relacionadas a mulheres e crianças. De acordo com Davis (2006, p. 57), na América Latina era comum os contratadores buscarem mão-de-obra barata nas favelas das cidades para o trabalho temporário no campo; sob o mesmo ponto de vista, Arias Neto (2008) em seu trabalho já nos indica que era comum em ciclos de produção os trabalhadores se movimentarem para áreas rurais e do interior do Brasil para trabalharem e em Londrina isso também ocorria. Assim sendo, podemos

compreender que muitos homens que não aparecem nesses registros pudessem estar trabalhando durante esses períodos, tanto no campo, quanto na cidade. Enquanto outros pudessem estar ligados com o abandono paterno, que esteve presente na realidade brasileira no período e ainda comum entre as famílias.

4.1.1 Demolição das casas e desfavelamento

Mike Davis (2006, p. 78) argumenta que melhorar a favela ao invés de promover a reforma estrutural da pobreza urbana tornou-se meta das instituições públicas e privadas; por conta disso, nas décadas de 1970 e 1980, comumente o Estado se aliou aos doadores e ONGs “para tornar-se um ‘capacitador’ dos pobres”:

Em sua primeira iteração, a nova filosofia do Banco Mundial, influenciada pelas idéias do arquiteto inglês John Turner, insistia numa abordagem de oferta de “lotes urbanizados” (fornecimento de infra-estrutura básica de água e esgoto e obras de engenharia civil) a fim de ajudar a racionalizar e melhorar as habitações construídas pelos próprios moradores (Davis, 2006, p. 78-79).

Na análise de Martins, a premissa do BNH tinha como objetivo promover a aquisição da casa própria, especialmente para aqueles com menor renda, no entanto, não adotou medidas para a comprovação de renda em três salários-mínimos:

Os objetivos da instituição sempre foram explícitos, como coloca Bolaffi (1979), eram: **1) coordenação da política habitacional e do financiamento para o saneamento;** 2) difundir a propriedade residencial, especialmente entre as classes menos favorecidas; **3) melhorar o padrão habitacional e do ambiente, bem como a eliminação das favelas;** 4) reduzir o preço da habitação pelo aumento da oferta, economia na produção em escala, aumentar a produtividade nas indústrias da construção civil e reduzir o número de intermediários; **5) melhorar o aspecto sanitário da população;** 6) redistribuir investimentos regionais; 7) estimular a poupança privada e, conseqüentemente, ao investimento; 8) aumentar a eficiência da aplicação dos recursos estaduais e municipais; 9) aumentar os investimentos nas indústrias de construção civil, material de construção e de bens de consumo duráveis, inicialmente de forma acentuada – até o atendimento da demanda reprimida – e de forma atenuada, mas permanente, para o atendimento das demandas vegetativas e de reposição; 10) aumentar a oferta de emprego, permitindo absorver mão-de-obra ociosa não especializada; 11) a criação de pólos de desenvolvimento com a conseqüente melhoria das condições de vida nas áreas rurais (2007, p. 31).

Em conformidade, Davis (2006, p. 79-80) assume que as normas de custo dos empréstimos do Banco Mundial deixaram os mais pobres fora deste mercado e até mesmo os projetos e propagandas relacionadas a ele foram tomados pela classe média ou por aqueles que não tinham necessidade. Considerando as perspectivas dos pesquisadores sobre a temática, para

este subtítulo, separamos as fotografias do processo de desfavelamento, a derrubada das casas, abertura de ruas e projetos de assistência social.

Quanto a isso, no registro a seguir, a Figura 30 está relacionada ao desfavelamento da Vila Fraternidade e que foi utilizada na exposição sobre os desfavelamentos. Nela há a inserção de elementos técnicos à fotografia: os veículos e o trabalho. Até mesmo a exposição das fotos tende para as áreas luminosas.

Figura 30 - Desfavelamento, década de 1970



Autor: Oswaldo Leite, 197(?).

Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

A remoção de entulhos do desmonte dos barracos da Vila Fraternidade. À frente, em primeiro plano, chão de terra batida, restos de madeira, tábuas, telhas, mato e pneu. No centro, há quatro homens, que trabalham na limpeza e são funcionários da Prefeitura; um caminhão e, ao fundo, uma camionete com a inscrição “Prefeitura Municipal de Londrina”. Em último plano, terreno alto com casas de madeira e alvenaria. No verso da foto há a anotação: “Fraternidade”.

Não "passar" uma ideia, mas Em uma exposição é necessário estabelecer uma narrativa, comunicá-la a partir de um complexo sistema de mobilização de códigos para o espectador.

Dessa maneira, esta fotografia foi utilizada em uma e nela consta a legenda “DESFAVELAMENTO”, que se parece como o início de uma temática, um título. Na imagem é presente a diferença entre as casas do bairro, uma vez que algumas estão com uma estrutura de madeira e mais bem organizadas, enquanto outras apresentam a estrutura mais fragilizada. Nas memórias de uma antiga moradora, no bairro havia famílias com casas boas, outras intermediárias, mas que a maioria das casas eram precárias. Junto disso, outra moradora informou que quando a família de seu marido foi morar no bairro, a casa deles foi construída com lona, sendo aos poucos reconstituída ao longo dos anos. Atualmente, a família reside na casa.

Já na fotografia a seguir (Figura 31), temos parte do processo de desfavelamento, que foi o desmonte dos barracos.

Figura 31 - Demolição de casa na Vila Fraternidade, 15 de maio de 1971 (A)



Autor: Oswaldo Leite, 15 de maio de 1971.

Fonte: Museu Histórico de Londrina (MHL).

Na foto, quatro homens desmancham um barraco durante o desfavelamento da Vila Fraternidade em 15 de maio de 1971. A foto é dividida em dois planos: à frente há um homem que carrega as telhas da casa que estão sendo retiradas, ele está vestido de calça, blusa e com chapéu. Ao fundo, há outros dois homens dentro da residência, desmontando uma janela de madeira. Acima deles, há outro homem no telhado retirando as telhas, de costas para a foto.

Em relação à casa, é possível notar a sua estrutura com restos de madeira reaproveitados, ao passo que não havia uma uniformidade nas paredes, as tábuas estavam encaixadas e pregadas conforme a possibilidade; nota-se que há algumas que foram colocadas na horizontal, a fim de segurar a sua estrutura. A casa simples tinha pedra como apoio das tábuas (Figura 32).

Figura 32 - Demolição de casa na Vila Fraternidade - Estrutura da casa (Recorte)



Autor: Oswaldo Leite (Vila Fraternidade, 15/05/1971)
Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina (MHL).

Essa fotografia pertence ao acervo do Museu Histórico de Londrina, porém, há uma cópia relacionada a exposição e que pertence ao acervo do NDPH. Trouxemos para a nossa discussão sobre a temática (Figura 33). Nela consta uma legenda em que o destaque é o entusiasmo na expressão utilizada “AQUI JÁ ERA”, que demonstra uma comemoração ao ato, expressando, mais uma vez, a promoção das transformações da cidade e, conseqüentemente, divulgando a imagem e a liderança da Prefeitura neste processo e uma visão pejorativa a respeito do que foi destruído.

Figura 33 - Demolição de casa na Vila Fraternidade, 15 de maio de 1971 (B)



Autor: Oswaldo Leite, 15 de maio de 1971.

Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

Na comparação entre as duas imagens temos a fotografia em sua dimensão original, o negativo, e no outro a fotografia sendo apropriada e adotando sentidos distintos: a legenda, o recorte e a exposição. Essa manipulação da imagem reforça as ideias expostas por Sontag (2013), em que a imagem passa por um processo de recorte, é adaptada dentro de um contexto, enquadrada e, em conjunto com Kossoy, elas podem se prestar aos interesses ideológicos de um grupo.

Nas memórias dos moradores que viveram o desfavelamento da comunidade, as primeiras lembranças que mencionam são a de um ônibus que servia de lar para uma família. Na fotografia (Figura 34), foi um dos registros de Oswaldo Leite durante a sua desocupação com a mudança da família para os conjuntos habitacionais. Datado em 15 de maio de 1971, vemos uma região isolada, com poucas casas no entorno e muita mata. À frente do ônibus, as pessoas estão agrupadas analisando os móveis que aparecem entre elas. Nos arredores do ônibus móveis estão espalhados, botijão de gás, bacias de alumínio, mesa, móveis, sacos de pano e entre outros.

Apesar de pequeno, muitos móveis aparecem na foto. Segundo relato de uma das moradoras, duas crianças nasceram naquele ônibus, sendo também descrito como uma família grande. Com o desfavelamento, os moradores conseguiram uma casa em um conjunto habitacional, alguns filhos ainda moram na região, mas não foi possível contactá-los.

Figura 34 - Desocupação de ônibus da Vila Fraternidade (1), 15 de maio de 1971



Autor: Oswaldo Leite, 15 de maio de 1971.

Fonte: Museu Histórico de Londrina (MHL).

Em relação à estrutura do ônibus, está enferrujado, enquanto as janelas eram tapadas com ripas de madeira. É possível observar os sacos com roupas, os utensílios da casa e o botijão de gás. Os funcionários da prefeitura de Londrina estão realizando a organização junto à comunidade.

Ulpiano Meneses (1998, p. 91) analisa que os objetos funcionam como veículos de qualificação social e os discursos acerca dele são fundamentais para a sua compreensão. Nesse sentido, analisando os objetos, podemos pensar na simplicidade de alguns, mas ao mesmo tempo como interagem com seu meio social: as bacias de lavar roupas, os sacos de pano que possivelmente levam mudanças como roupas e a própria moradia descrevem um contexto e este nos relaciona à comunidade:

O cerne da questão, para o historiador [...] é, acredito, que os artefatos estão permanentemente sujeitos a transformações de toda espécie, em particular de

morfologia, função e sentido, isolada, alternada ou cumulativamente. Isto é, os objetos materiais têm uma trajetória, uma biografia (Meneses, 1998, p. 92).

Dessa maneira, o ônibus, que um dia foi responsável pelo transporte, em outro contexto foi reapropriado como moradia, diante de uma questão urbana como problemática já nos anos 1950, mas principalmente entre 1960-1970. Portanto, trata-se de entender os artefatos na sua interação social (Meneses, 1998, p. 92). Em outra dimensão do ônibus, temos os artefatos ainda mais presentes (Figura 35):

Figura 35 - Desocupação de ônibus da Vila Fraternidade (2), 15 de maio de 1971



Autor: Oswaldo Leite, 15 de maio de 1971.

Fonte: Museu Histórico de Londrina (MHL).

Na foto, homens retiram objetos, enquanto algumas pessoas observam, ao redor alguns entulhos e móveis. Na ficha do NDPH consta um depoimento:

Moramos dentro do ônibus durante sete anos. Não podíamos pagar aluguel, esse foi o jeito encontrado por meu pai para sobrevivermos assim que chegamos a Londrina (...) as pessoas continuarão ajudando na mudança, no dia mais feliz da nossas vidas, quando saímos do barraco e ganhamos essa casa [No conjunto Pindorama I] (NDPH, s/d).

De acordo com a documentação do Núcleo, se trata do depoimento de uma das moradoras do ônibus, “Filha do ‘Índio’”, que na foto é o senhor negro, ao fundo, próximo do ônibus. Também constam as informações: “Mudança do Sr. Sebastião dos Santos (apelido Índio) Moravam dentro do ônibus pois não conseguiram pagar aluguel de uma casa na Vila Santa Terezinha, mas depois o ônibus foi vendido para o ferro velho como sucata para comprar uma casa popular”.

No relato, parte da realidade de muitas famílias. No decorrer da pesquisa, ao falar com a comunidade, muitos que experienciaram o bairro ainda como “Vila do Grilo” menciona a dificuldade para conseguir comprar moradias, as construções improvisadas, as casas que viviam em regiões de risco e a impossibilidade de pagar um aluguel. A filha comenta que morar no ônibus foi uma das alternativas para conseguir sobreviver, assim como muitas famílias o fizeram, juntando as telhas, madeiras e tábuas para a construção da casa própria.

Enquanto fotógrafo, nos cabe observar que Oswaldo Leite também faz parte da comunidade e foi funcionário da Prefeitura, sua escolha em documentar a família ultrapassa o mero registro para a “papelada” da secretaria de obras. Como uma das moradoras compartilhou sobre as memórias do dia, foi um momento de muito entusiasmo e felicidade para a família, dessa maneira, o profissional não estava alheio a estes sentimentos, assim como impressionado pelo ônibus servir de abrigo para uma família por tanto tempo, logo, seu recorte transparece a sensibilidade dessas experiências.

Diante disso, algumas particularidades desses registros são o foco dos retratos da população, com seus utensílios sendo carregados durante as mudanças. O primeiro deles, ainda relacionado a família do ônibus, é um homem carregando seu rádio. Ao fundo podemos ver mais detalhes do ônibus, como a lateral fechada por madeiras (Figura 36).

Figura 36 - Desocupação de ônibus da Vila Fraternidade (3), 15 de maio de 1971



Autor: Oswaldo Leite, 15 de maio de 1971.

Fonte: Museu Histórico de Londrina (MHL).

O rádio foi um dos principais meios de comunicação do século XX. De acordo com Rodrigo Cracco, entre os anos de 1930 e 1950, foi a chamada “Era de Ouro” para o rádio, com as primeiras influências e massificação, pois tudo era veiculado através dele: os esportes, as músicas ao vivo, programas humorísticos, jornais e entre outros; e entre 1960-1970 ainda foi influente (2009, p. 10):

A modernidade que chegava pelo rádio tinha características urbanas, difundindo para os moradores do interior hábitos das grandes cidades. A publicidade era feita de forma direta, com anúncios, ou indireta, inserida nos textos dos programas, criando assim um mercado de consumo para os produtos. Preferido pelas multinacionais para o lançamento de novas marcas e produtos, o rádio foi um excelente veículo de divulgação de novos hábitos de consumo (Costa, 2006, p. 15).

Com isso, o rádio tem um significado importante para a comunidade, assim, como a televisão assumiu este papel posteriormente a partir da década de 1980. Isso estabelece que apesar das dificuldades sociais enfrentadas pela condição das moradias, os bens de consumo fizeram parte dessa realidade, assim como a comunicação com a música, o noticiário, o entretenimento e a política faziam parte do cotidiano e do repertório da comunidade.

Tendo em conta os bens materiais, na fotografia do mesmo dia (15/05/1971), há uma família em frente à sua casa, mexendo nos móveis da sua mudança. Nela é possível observar,

da esquerda para a direita, uma criança de vestido e fralda de pano que segura uma boneca. Ao lado uma mulher, possivelmente a mãe da criança, que se apoia em um fogão com forno, ela utiliza uma saia, uma blusa com babados e está sorrindo. Um homem também se apoia no fogão e com sorriso no rosto, provável que seja o marido e pai das crianças. Ele usa uma calça e está sem camisa. Ao seu lado um menino que posa para a foto. Ao fundo, a casa de madeira (Figura 37).

Figura 37 - Família posa para foto, 15 de maio de 1971



Autor: Oswaldo Leite, 15 de maio de 1971.

Fonte: Museu Histórico de Londrina (MHL).

Conforme já mencionamos anteriormente, Peter Burke (2004, p. 99) considera as fotografias valiosas para a reconstrução da cultura material e cotidiana daqueles objetos que não foram feitos para durar, uma vez que o acesso de câmeras fotográficas para as classes menos favorecidas era restrito, assim como o seu registro da infância, de eventos e cotidiano.

Na representação de uma família feliz, há os objetos que os cercam. Em comparação com as casas de outras famílias, a sua estrutura de telhado e madeira são uniformes, o próprio utensílio do fogão representa uma melhor condição de vida, assim como a boneca da criança, ressaltando a memória de uma das moradoras, que no bairro havia casas com mais infraestrutura.

Em relação às brincadeiras, conversando com os moradores afirmam que eram realizadas na rua, com brinquedos e brincadeiras típicas, jogavam bola, principalmente no campo da Vila Amaral e a de “passar anel”, que as crianças escolhiam um objeto e iam passando de mão em mão, deixando com uma pessoa e depois teriam que acertar para começar novamente. Um dos moradores relatou que havia um dos amigos que tinha TV em casa e as crianças da vila se reuniam na sua casa para poder assistir.

Quando comparados a estas brincadeiras, a exposição de longa duração do Museu Histórico de Londrina possui em seu acervo uma série de bonecas e brinquedos que relacionam a infância e o cotidiano. Localizado na última sala — próximo a exposição sobre o café, dos ritos religiosos, de instrumentos musicais, a TV, os tickets para o cine teatro Ouro Verde —, relacionada ao dia a dia, há uma vitrine com algumas bonecas de porcelana, carros, navios e robôs; em contrapartida, logo à frente há uma gaveta, que ao abrir temos as outras brincadeiras: o estilingue, o peão, o carrinho de madeira e as bolinhas de gude, que se assemelha às memórias compartilhadas pelos moradores da Vila. Duas infâncias, com forma de brincar e interagir distintas.

A seguir, uma mulher negra segura quadros de fotos de seus familiares. Ao fundo, sua casa construída de madeira, com tábuas improvisadas sob pedras (Figura 38).

Figura 38 - Mulher segura quadros de fotos de seus familiares, 15 de maio de 1971



Autor: Oswaldo Leite, 15 de maio de 1971.

Fonte: Museu Histórico de Londrina (MHL).

Na análise de Richard André, a fotografia possibilitou uma maior democratização da autorrepresentação visual, portanto, permitindo a sua apropriação pelos grupos de diferentes condições sociais e econômicas (2016, p. 206). O autor considera que as fotografias familiares são artefatos da materialidade física no interior da história (André, 2016, p. 206).

As fotografias assumem valores simbólicos: o retrato de alguém que já faleceu é carregado de sentimentos, subjetividades e apego, quando vemos uma foto de quando éramos crianças/adolescentes nos faz recordar de acontecimentos e traz a ela novos significados. Assim, “É válido lembrar que as fotos são artefatos recorrentemente apropriados socialmente, ultrapassando, inclusive, o tempo de produção dos fotógrafos e desprendendo-se dos fios, portanto, do espaço e tempo de concepção” (André, 2016, p. 209).

Na imagem a mulher mostra seus quadros para o fotógrafo, enquanto as mudanças estavam sendo realizadas no bairro, pelo cuidado que segura os quadros e pelo contexto (a fim de levá-los para a nova moradia), as fotografias assumiram um papel importante em sua casa. Quanto a isso,

[..] os retratos de família são apropriados como coisas, sendo guardados em diferentes locais, adornados, anotados e, é válido ressaltar, jogados fora, rasgados ou queimados quando o que está um jogo é um desafeto, como no caso das “ovelhas negras” que devem ser obliteradas da memória familiar (LEITE, 2000). O próprio ato de selecionar certo número de imagens entre diferentes possibilidades constitui um ato, remetendo à inclusão/exclusão do repertório do visível. **Portanto, o consumo, dentro ou fora da esfera familiar, não deve ser entendido como um processo passivo, mas como uma atitude de significação em múltiplos níveis que implica em seleção e organização**, aproximando-se do conceito de apropriação sugerido por Chartier (2001; 2002) (André, 2016, p. 218).

Da mesma forma, é importante pensar a relação do fotógrafo com o fotografado em trazer itens de afeto da sua realidade, objetos que eram presentes em seus cotidianos e que faziam sentido de acordo com cada particularidade. Em resumo às questões de fotografias de família, conforme compreendido por André (2016, p. 219) eles se assemelham a relíquias, ou seja, objetos de valor, que se fazem presente nos mais variados cenários. Leite (2000), citado pelo autor, expressa que o ato de contar ou mostrar o álbum de família a outro (aquele que não pertence à estrutura familiar) é necessário para enfatizar a identidade do grupo, de sua história como tradição, inventada ou não (André, 2016, p. 219-220). Com isso, podemos compreender que a imagem da mulher mostrando sua família nos remete a esta perspectiva, uma vez que afirma a sua identidade diante do fotógrafo e as coloca em evidência.

Portanto, no interior da memória familiar, artefatos como os álbuns, os porta retratos e os jazigos desempenham não apenas o papel de documento, mas de monumentos que, mesmo não alcançando necessariamente a dimensão da esfera pública no caso dos dois primeiros, ostentam para os membros da família e, também, para alguns visitantes, os momentos eleitos como memoráveis e visíveis por aqueles que organizam a memória familiar (André, 2016, p. 220-221).

Assim, a circulação e o consumo das fotografias envolvem processos complexos de significados, articulações diante das relações sociais e das narrativas impostas a elas: “Essas imagens, [...], não são apêndices num universo de relações sociais desencarnadas, mas mediadoras que integram redes híbridas envolvendo de modo complexo seres humanos e os segmentos físicos da cultura” (André, 2016, p. 221). Em conformidade, Clifford Geertz argumenta que na análise cultural o que devemos indagar é a sua importância, o que está sendo transmitido com a sua ocorrência (2008, p. 8).

Ademais, na figura 39, temos uma outra dimensão da materialidade: um homem está carregando a carroça com móveis para a mudança. Uma criança observa o homem olhando fixamente para a câmera enquanto abre um dos tecidos com objetos que está enrolado, enquanto o dedetizador trabalha aplicando inseticida nos móveis das casas antes de realizarem as mudanças.

Figura 39 - Homem organizando mudança, 15 de maio de 1971



Autor: Oswaldo Leite, 15 de maio de 1971.

Fonte: Museu Histórico de Londrina (MHL).

Assim como outras famílias, as malas, utensílios, objetos e roupas não estão sendo carregados em malas, mas em carroças, tecidos, bacias, tambores, conforme era possível, e muitos com poucas mudanças. Em comparação, na sala de longa duração do Museu Histórico de Londrina, os utensílios expostos na parte do cotidiano retratam este passado com entusiasmo e outra realidade: os pares de xícara de porcelana, os enxovais e os talheres importados.

Por conseguinte, foi evidenciado nas fotografias as faces que dão sentido ao contexto geral: os donos das casas, quem circula nas ruas, a quem pertencem os objetos em sua natureza física, social e cultural. Percebemos ao longo da abordagem que não há uma uniformidade de “apenas casas ruins” na favela do Grilo, mas uma comunidade variada: pessoas com mais condições de vida, outras que lutam para sobreviver diante da dificuldade de conseguir moradia, sendo a imagem do ônibus umas das fotografias mais sensíveis, tanto pelo olhar cuidadoso do fotógrafo em perceber a dinâmica da ocupação, quando para uma realidade alheia ao cuidado

público, mesmo que em um período em que havia comemorações e incentivos para o crescimento da cidade.

Com as mudanças e as necessidades de melhorias na cidade e expansão, foram necessárias as reformas dos bairros e toda a estrutura que um conjunto habitacional necessita, “[...] armaram-se redes de água, iluminação, escola, entre outros. As questões de infra-estrutura e saneamento básico são de extrema importância para o aumento da qualidade de vida, preservação da saúde e proteção dos recursos naturais” (Martins, 2007, p. 121).

Em 1972 as latrinas ainda eram comuns na utilização das famílias e o estudo das transformações sanitárias em andamento eram essenciais para promover a assistência à saúde. Na fotografia seguinte, há uma latrina construída sobre o córrego (Figura 40). Ao fundo e à direita, há um homem apontado para baixo, ele foi identificado como Dr. Bruno Piancastelli Filho⁵⁰, médico infectologista e imunologista, atrás há um homem não identificado que está descendo de um carro.

Isso demonstra parte do planejamento que envolve as mudanças e reformas urbanas naquele período, uma vez que diversos profissionais e entidades estiveram envolvidos, entre eles, infectologistas responsáveis pelo tratamento da população para doenças parasitárias, tuberculose, doenças de pele ou qualquer outra enfermidade que a população poderia enfrentar.

⁵⁰ Atualmente há na cidade o Centro de Referência Dr. Bruno Piancastelli Filho, serviço que tem como objetivo a atenção especializada em HIV/Aids (SAE) e ações de prevenção e assistência à epidemia das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), HIV/Aids, Hepatites Virais e Tuberculose (Londrina, 2022).

Figura 40 - Latrina, 1972

Autor: Oswaldo Leite, 1972.

Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

Em complemento, na Figura 41, há vários homens reunidos, entre eles o Prefeito Dalton Paranaguá (de frente do lado direito do homem de óculos), junto aos funcionários da prefeitura e da Sanepar (responsável pelo saneamento) analisando o desenvolvimento das atividades na Vila Fraternidade. Ao fundo, mato e casas no alto do morro. Essa e outras fotografias traziam informações sobre a organização, com a presença da equipe da prefeitura e da secretaria de obras.

Figura 41 - Dalton Paranaguá e trabalhadores durante o desfavelamento da Vila Fraternidade, década de 1970

Autor: Oswaldo Leite, 197(?).

Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

Em outra dimensão da fotografia é possível observar o grupo conversando ao fundo enquanto os trabalhadores fazem a drenagem dos terrenos encharcados próximos ao córrego (Figura 42).

Figura 42 - Drenagem - Vila da Fraternidade



Autor: Oswaldo Leite, 197(?).

Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

Na foto, em primeiro plano operários trabalhando em córrego fazendo a drenagem; todos vestem uniformes com botas e roupas claras, enquanto realizam o trabalho de drenagem. Nela notamos a inserção do elemento técnico, na medida em que os trabalhadores aparecem alinhados, com roupa branca (contrastando com a terra) e realizando o trabalho. Em segundo plano vemos o mesmo grupo de pessoas conversando. No verso da foto há a indicação: “Trabalhos de operários da Prefeitura nas medidas de combate aos transmissores da Esquistossomose (dragagens, espinhas de peixe)” e na legenda “DRENAGEM - VILA DA FRATERNIDADE”. De acordo com uma moradora, a região era úmida pela proximidade com o córrego e por ter muitas nascentes na região. Nas figuras 43 e 44, parte dos córregos e nascentes que compõem a paisagem da região:

Figura 43 - Córrego da rua Flor-de-Jesus com a rua Santa Terezinha, 13 de fevereiro de 2024



Fonte: Acervo da autora.

Figura 44 - Nascente da rua Santa Eloá, 13 de fevereiro de 2024



Fonte: Acervo da autora.

Há na comunidade uma caixa d'água com água direto da nascente para uso coletivo (figura 45).

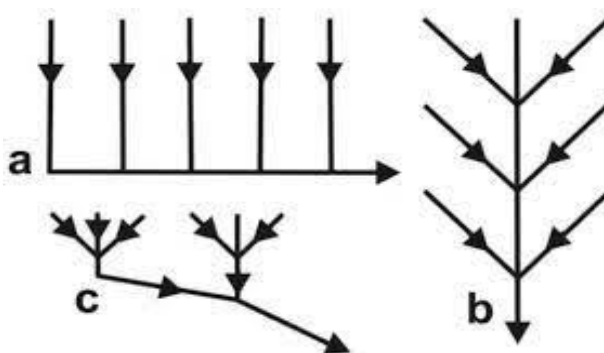
Figura 45 – Caixa d'água, rua Santa Eloá, 13 de fevereiro de 2024



Fonte: Acervo da autora.

A drenagem de espinha de peixe é comumente utilizada em arenas e estádios de futebol, pois permite maior escoamento da água, podendo ser instalada em forma de espinha de peixe, paralelas ou aleatórias que encaminham para um tubo central de escoamento conforme a Figura 46 (Sistemas..., 2021). O escoamento da água, o tratamento adequado das redes de saneamento e educação sanitária combatem a esquistossomose.

Figura 46 - Esquema de drenagem “escama de peixe”



Fonte: Sistemas..., 2021.

Na imagem utilizada na exposição (Figura 42), a legenda tem um caráter informativo, mas a fotografia escolhida traz ao fundo a imagem do prefeito e dos funcionários da prefeitura. Sua escolha apresenta três dimensões das fotografias: a vila ao fundo, a imagem da prefeitura associada ao processo e os trabalhadores à frente, encarregados de realizar o trabalho; o que nos traz a perspectiva de desenvolvimento e empenho, trazendo para a Prefeitura o foco na realização do projeto.

A pesquisadora Aluana Moraes reforça que a segregação espacial e social foram uma das consequências negativas do processo de urbanização das cidades brasileiras, tal qual a exclusão social e degradação ambiental, especialmente no tocante a ausência de saneamento básico que abarcam a drenagem de águas pluviais, a coleta de resíduos sólidos, tratamento dos efluentes sanitários e o abastecimento de água potável, sendo apenas diante dos movimentos sociais, que o Estado assume a sua posição de controlador para resolver as demandas urbanas (2014, p. 15).

Na comunidade, os trabalhadores da Sanepar realizaram as obras. Na foto a seguir cinco operários trabalham na instalação de tubulações. Ao fundo, seis crianças observam com o olhar de curiosidade. Mais ao fundo da foto, outros dois homens observam a cena (Figura 47).

Figura 47 - Instalação de tubulações na Vila Fraternidade, década de 1970



Autor: Oswaldo Leite, 197(?).

Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

Com as mudanças empreendidas, foram criados o Centro Comunitário da Vila Fraternidade, a Creche e a Lavanderia coletiva. As mulheres que viviam na região eram

lavadeiras, dessa maneira, com a criação da lavanderia coletiva, elas puderam passar a realizar a sua profissão sem correr riscos à saúde, além de trazer mais qualidade de vida ao trabalho (Figura 48).

Figura 48 - Lavanderia comunitária



Autor: Oswaldo Leite, 197(?).
Fonte: Museu Histórico de Londrina (MHL).

Conforme já havíamos apresentado na figura 24 (mulher lavando roupas no córrego), essa fotografia foi apropriada para o uso na exposição, com a legenda "ANTES AGUA CONTAMINADA", o que reforça a narrativa entusiástica da mostra, destacando as melhorias alcançadas (Figura 49). Esta abordagem oferece uma perspectiva do período prévio, quando as condições eram desfavoráveis, contrastando com o impulso transformador das mudanças implementadas. A intensidade do retrato é notável, pois instrui ativamente o leitor/espectador a refletir sobre o que está sendo apresentado, provocando uma tomada de posição diante da realidade capturada.

A perspectiva escolhida pelo fotógrafo contribui para a dramaticidade da imagem, ressaltando a transição de um cenário disfuncional para a resolução do problema, logo, promovendo a imagem dos governos à população. Posteriormente a lavanderia foi demolida, perdendo-se, portanto, um importante patrimônio, uma vez que nas memórias dos moradores, a lavanderia é mencionada em vários momentos, enquanto outros lamentam o fim e a ineficiência de sua conservação pelo poder municipal e da comunidade em mantê-la.

Figura 49 - Mulher lavando roupa no córrego, década de 1970 (B)



Autor: Oswaldo Leite, 197(?).

Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

Anterior a isso, Alves aponta que o atendimento às necessidades sociais em Londrina se deu de maneira semelhante à sociedade brasileira: “mediante ações assistenciais por parte da sociedade civil e do poder público” (2002, p. 259). Em Londrina, os trabalhos de assistência social eram inerentes às ações de filantropia e serviços ligados à Igreja. Já às ações da Prefeitura de Londrina, havia apenas o apoio à caridade e as associações, pois não houve propostas e ou projetos de justiça social e melhores condições de vida para esses grupos.

Pelo contrário, conforme destacado anteriormente as leis publicadas em 1951 e 1953 tinham como objetivo determinar padrões sociais de construções, habitações e comportamentos, sem que oferecesse bases de apoio ou justiças sociais a essa população. Na análise de Arias Neto, constituiu-se às representações do homem moderno que habitaria a cidade: trabalhador, equilibrado, moralmente respeitável e cumpridor dos deveres cívicos (2008, p. 113).

Durante os anos 1950, houve um notável crescimento da assistência social, direcionado para atender tanto a população de migrantes carentes, quanto as crianças. Dentre os

empreendimentos que se destacaram nesse contexto, estão as seguintes instituições: Lar Batista (1952), Albergue noturno (1953), Casa da Criança (1955), a AAMEL - Associação de Amparo ao Menor de Londrina (1956), Instituto de Educação de Surdos (1959) e o início das edificações do Lar Anália Franco (1956-1960). De acordo com Arias Neto, esses projetos não apenas tinham como intuito atender às necessidades das camadas mais desfavorecidas da população, mas também desempenhavam um papel como componentes da noção de modernização. Eles visavam garantir a conformidade com padrões de higiene, nutrição e interação social (2008, p. 126-128).

No livro “Noite ilícitas: histórias e memórias da prostituição” o pesquisador Edson Holtz Leme (2005, p. 103-119) analisa outros grupos sociais nesse período que eram excluídos e discriminados pelos seus papéis sociais na sociedade e afirma que a Igreja exercia influência sobre os órgãos públicos e assim como a imprensa e a elite, buscavam coibir e proibir a manifestação pública daquilo que consideravam imoral como a prostituição, mendicância e os jogos. Com isso, “a construção dessas instituições corretivas e assistenciais não se desvinculava da proposta geral de regeneração material e espiritual da cidade, constituindo-se em símbolo do progresso, tanto pelo aspecto beneficente, como pelo estético” (Arias Neto, 2008, p. 127).

Sob este mesmo ponto de vista, a assistência social a essa população era uma maneira de promover discursos de uma classe mais abastada e assegurar a sua legitimidade diante dessa nova realidade que se moldava na cidade, mas também serviu como promoção política desses agentes engajados:

O entendimento era que a pobreza era resultante nacional do progresso, e demandas populares eram motivos de campanhas que atendiam algumas necessidades básicas da população, mas eram mote de propagandas políticas e homenagens aos “beneméritos” que aproveitavam essa campanha para divulgar a sua imagem (Souza, 2021, p. 64).

No final dos anos 1960 e início de 1970, as transformações econômicas e a industrialização foram incentivadas pelos governos, especialmente durante o governo de Emílio Garrastazu Médici (1969 -1974) — responsável por um dos períodos mais violentos da Ditadura Militar — no chamado “Milagre Econômico”. Segundo Francisco Luna e Herbert Klein, o governo brasileiro concedeu créditos, incentivos e subsídios para estimular o crescimento de áreas prioritárias, por meio de empresas públicas e de incentivo privado, centralizando as produções das principais indústrias e do controle de preços (2014, p. 96-97)⁵¹.

⁵¹ Os autores mencionam que há duas principais críticas à esta política econômica: a primeira é que o crescimento acompanhou a concentração de renda, conforme já mencionamos anteriormente, o governo argumentava que seria

Tendo em vista as propostas desenvolvimentistas do governo, campanhas publicitárias e slogans passaram a fazer parte da nova política, entre elas, a campanha “Povo desenvolvido é povo limpo” de 1972, com a imagem de um personagem chamado “Sujismundo”. De acordo com Eliane Colussi e Valmíria Balbinot, “A criação e divulgação da campanha continham objetivos estratégicos para as políticas públicas do governo militar: a questão da educação sanitária e sua vinculação com a vitória do projeto de desenvolvimento para o Brasil” (2008, p. 254).

Com o objetivo de manter uma imagem positiva sobre o governo, diante do endurecimento do regime militar, foi criada a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) em 1970, idealizada ainda durante o mandato de Costa e Silva (1967-1969). Entre essas campanhas, destaca-se a do Sujismundo, pois

[...] fazia parte de uma campanha de saúde e higiene que abrangia outras mídias como rádio e peças impressas. Os filmes foram exibidos nos intervalos comerciais das emissoras de televisão e não ficaram restritos ao mandato do Presidente Médici, pois continuaram a ser exibidos, também, nas propagandas do governo do Presidente Ernesto Geisel. [...]. Nas campanhas de saúde e higiene, Sujismundo era representado como uma figura “sempre doente”. Em uma dessas mensagens, classificadas como uma campanha de “higiene”, a “doença” da personagem causava um constante desânimo em razão do descuido com a higiene pessoal. Os conselhos e as repreensões à personagem eram do Doutor Prevenildo, um médico que alertava para as doenças que surgiam devido à falta de higiene (Ribeiro, 2003, p. 3-4).

Na análise de Marcelo Ribeiro (2003, p. 4), o personagem de Sujismundo foi fundamentado sob a matriz de Jeca Tatu, mesmo que composto em outra época e com diferenças entre eles, a essência permaneceu, porém, apropriadas de acordo com a singularidade de seu próprio contexto.

As características do Jeca apontadas por Lobato parecem adequadas à imagem da personagem Sujismundo composta para a Assessoria de Relações Públicas do Governo Militar. A voz da ciência parecia determinar o longo destino da personagem fadada a ter os ouvidos e olhos cerrados pela ignorância. [...]. Ao relacionar o caboclo a uma “praga”, um “piolho da terra”, um “parasita”, que infestava sem piedade o solo nacional, Lobato proporcionou argumentos para consolidar as idéias de mudança na condução da sociedade brasileira rumo a uma nova civilização que era pensada por intelectuais e também por alguns médicos sanitaristas. (Lobato, 1943). **O Doutor Prevenildo, por sua vez, representava a voz da autoridade e das “gentes da cidade” ao alertar quanto à presença do “tipo” Sujismundo** (2003, p. 8).

apenas uma situação transitória, devido ao crescimento. E pelo aumento da dívida externa (Luna; Klein, 2014, p. 98).

Em consonância, foi nesse período que a saúde coletiva, a educação sanitária e a alfabetização passaram a ser vista como importante para a imagem que queria se construir sobre o país, “Dessa forma, procurava-se reverter um quadro histórico extremamente negativo. A saúde pública e a questão sanitária tornaram-se dois focos estratégicos para os dirigentes do novo órgão governamental” (Colussi; Balbinot, 2008, p. 255).

É importante salientar, que a divulgação da imagem do Sujismundo movimentou os setores sociais de oposição e pressionando o governo por relacionar a limpeza com desenvolvimento, tendo seu fim ainda no mesmo ano, porém, retornando em 1973 junto à figura do “Sujismundinho”, uma criança que aprendia na escola sobre os hábitos de higiene e ia se reeducando e educando o Sujismundo (Colussi; Balbinot, 2008, p. 258, 263 e 266).

Nesse contexto, as ações educativas estiveram presentes na Vila Fraternidade. Em conjunto com a Universidade Estadual de Londrina promoveu — não apenas nesta comunidade, mas em outros desfavelamentos —, assistência à saúde, fornecendo orientações de higiene, coleta e análise de exames, assim como orientações sobre a utilização de remédios para parasitoses, junto com o Centro Social Urbano que oferecia à população lazer, cursos e alfabetização:

O primeiro desfavelamento de Londrina ocorreu em 1971, quando as famílias da favela Bom Retiro foram removidas para a [o] Conjunto Habitacional Barravento. O trabalho iniciou-se com visitas aos favelados, em seus barracos, feitas pela equipe da prefeitura que cadastrava as famílias e os barracos, para evitar que fossem comercializados, vendidos ou transferidos os direitos de posse a novos favelados. [...]. Os moradores de barracos também foram visitados por estudantes da Universidade Estadual de Londrina, que lhes davam instruções referentes ao processo de transferência para as casas populares, principalmente no tocante à higiene. [...]. Nesses centros comunitários dos conjuntos habitacionais construídos pela COHABLD, **eram oferecidos serviços preventivos de saúde** (exames laboratoriais de sangue, urina e fezes) e **aulas de higiene, puericultura, enfermagem, alimentação, economia doméstica e alfabetização através do MOBREAL, além de trabalhos domésticos como corte e costura, arte culinária, bordados e decoração do lar** (Alves, 2002, p. 280-281, grifo nosso).

Este trabalho também foi registrado através de fotografias. Da esquerda para a direita, um homem e uma mulher sentados, vestindo jalecos e analisando o microscópio; na legenda/descrição: "25.583 EXAMES DE FEZES" (Figura 50).

Figura 50 - “25.583 exames de fezes”, 1972



Autor: autor desconhecido, 1972

Fonte: Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

Essa fotografia foi utilizada na exposição da Prefeitura de Londrina e sabendo a origem e o percurso realizado pela fotografia até chegar a nós, é possível delimitar parte de suas intenções. Podemos interpretar, mesmo que em partes, na ênfase da quantidade de exames realizados, o interesse da Prefeitura da cidade em promover a cobertura do desfavelamento e posteriormente a sua exibição e na associação com a representação científica.

Com isso, revela seus interesses que estão ligados a política, a ideia de novas transformações e melhoramentos na cidade, com o objetivo de “prestar contas” e até mesmo reforça o que discutimos ao longo do texto: a propaganda política. Nas memórias compartilhadas pelos moradores, comentaram que os pais tinham o cuidado com as crianças, pois quando chegavam os agentes de saúde nas casas, chamavam os filhos para tomar a vacina, os remédios para vermes e para coletar exames para a análise.

Na Vila Fraternidade foi construído o *Centro Comunitário da Vila Fraternidade* que oferecia assistência social às famílias, atendimento público de saúde e educação. Na foto (Figura 51) algumas crianças brincam na quadra, muitos descalços e com roupas mais simples. Na ficha antiga da fotografia: “Vê-se algumas crianças na ‘canha do Postinho’, ao lado está o Centro Comunitário da Vida da Fraternidade”.

Figura 51 - Centro Comunitário da Vila Fraternidade, 1972



Autor: Antônio Carlos dos Santos⁵², 1972.

Fonte: Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

O posto da Vila Fraternidade foi o primeiro de Londrina e atendeu as demandas ligadas à saúde da família, apoio à comunidade, além de ter espaços dedicados ao lazer, como a quadra de esportes. Junto disso, foi implementado cursos profissionalizantes e a alfabetização. Conforme a figura 52, é destaque na legenda: “Educação Familiar – orientação educacional e educação [sic] sanitária Vila da Fraternidade”. Na foto, mulheres e adolescentes fazendo trabalhos manuais, o crochê, algumas crianças também realizam a atividade, todas utilizam vestidos.

⁵² Não foi possível localizar informações sobre o fotógrafo.

Figura 52 - Educação familiar, década de 1970



Autor: Oswaldo Leite, 197(?).

Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

De maneira comum, os trabalhos relacionados às mulheres eram direcionados aos trabalhos manuais, da casa e do lar, tanto que a própria legenda nos indica que fazia parte de um programa de educação familiar. As referências das mulheres aparecem em seus papéis sociais, reforçando na entrega de serviços dedicados a isto, mas ao mesmo tempo fornece a possibilidade de acessar o mercado de trabalho com a venda de peças confeccionadas.

Assim como o crochê, a costura também fez parte da rotina de educação familiar. Na fotografia a seguir, um grupo de oito mulheres realizando trabalhos manuais de artesanato, montando arranjo de flores. Elas utilizam vestidos, algumas possuem acessórios no cabelo e na legenda da foto: “Alfabetização corte e costura – trabalhos manuais” “Vila Fraternidade” (Figura 53).

Sobre a alfabetização, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) foi a metodologia implementada durante o período militar para a educação em massa da população. Segundo Maira Beluzo e José Pedro Toniosso, no decorrer da década de 1970 houve uma considerável expansão do MOBRAL, entretanto, os educadores eram críticos destes métodos de alfabetização, alegando que o governo não queria educar nenhum indivíduo por seu caráter tecnicista, que era voltado para a formação de mão de obra ao mercado de trabalho (2015, p. 201-202).

Figura 53 - Alfabetização e costura, década de 1970



Autor: Oswaldo Leite, 197(?).
Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

Há indícios importantes sobre a indumentária: o uso de vestido, faixa no cabelo e acessórios. Por fim, mulheres e crianças posam para a foto, sendo predominantemente as mulheres negras, muitas utilizam faixas no cabelo, saias e vestidos, provavelmente na Creche da Vila da Fraternidade (Figura 54).

Figura 54 - Creche na Vila Fraternidade, década de 1970



Autor: Oswaldo Leite, 197(?).
Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

Elas aparecem em vários registros, realizando o trabalho doméstico ou lavando roupas enquanto as crianças transitam, mesclando o ambiente de trabalho com a profissão, dessa maneira, a construção da creche auxilia na tentativa de mobilidade social e no cuidado da sobrecarga de trabalho das mulheres, uma vez que as possibilita trabalhar e se profissionalizar.

Apesar das mudanças implementadas que favoreceram a qualidade de vida dos trabalhadores, vale salientar que a transferência das famílias durante esse processo representa uma das consequências do desfavelamento e das mudanças para os conjuntos, uma vez que promoveu a perda de laços comunitários, pois a população foi transferida aleatoriamente, impactando na identidade e no próprio sentimento de pertencimento dos sujeitos:

As habitações populares geralmente foram construídas por meio de conjuntos padronizados, em unidades residenciais individuais, e as famílias foram alocadas aleatoriamente, sem respeito aos laços de amizade, parentesco e cooperação estabelecidos nas antigas moradias destes trabalhadores, como em cortiços e favelas, o que geralmente favorece a solidariedade entre as populações pobres. Assim, a produção industrial de moradias e a segregação dos trabalhadores de seus antigos laços comunitários serviram como fatores de desagregação da capacidade de solidarização e reivindicação das classes populares (Souza, 2021, p. 151).

As mudanças implementadas foram positivas, demonstrando um avanço significativo em diversas áreas: a construção dos conjuntos, do Centro Comunitário, a criação da lavanderia, da creche e o saneamento básico. Contudo, ao aprofundarmos nossa análise, não podemos ignorar os problemas que emergiram durante essa transformação. A comunidade experimentou melhorias em suas condições de vida, mas, ao mesmo tempo, somos confrontados com a dura realidade de que uma parcela significativa vivia em situações precárias, que contradiz os discursos da época que colocavam a cidade como um exemplo de modernidade, crescimento e riqueza.

5. VILA FRATERNIDADE, UM BAIRRO DE LONDRINA-PR

Mas, para interpretar os raros documentos que nos permitem penetrar nessa brumosa gênese, para formular corretamente os problemas, para até mesmo fazer uma idéia deles, uma primeira condição teve que ser cumprida: observar, analisar a paisagem de hoje. Pois apenas ela dá as perspectivas de conjunto de que era indispensável partir. [...]. Para reconstituir os vestígios quebrados das outras, tem obrigação de, antes, desenrolar a bobina no sentido inverso das seqüências (Bloch, 2001, p. 67).

O título deste tópico se dá, pois, a região que abrange a Fraternidade não era considerada bairro de Londrina no imaginário da cidade, conforme mencionamos, eram chamadas de “Vilas” que viviam abaixo da linha férrea. Logo, com as mudanças implementadas ela passa a ser percebida como parte da cidade. Na Figura 55, as primeiras casas do Conjunto Pindorama sendo habitadas pelos moradores da Vila Esperança e do Grilo, enquanto alguns ainda realizam o trabalho de limpeza do mato.

Figura 55 - Pindorama, 1972



Autor: Oswaldo Leite, 1972.

Fonte: Museu Histórico de Londrina (MHL).

O cenário da comunidade tomou novas formas: das antigas casas de madeira, com telhados improvisados e sem janelas, para as casas padronizadas de alvenaria, boa estrutura do telhado, janelas e o funcionamento das ruas, que posteriormente se tornou uma das principais vias de ligação do bairro com o centro da cidade. Na fotografia há crianças brincando e os automóveis aparecem no interior do bairro, até então eram restritos a caminhos abertos pelos próprios moradores (Figura 56).

Figura 56 - Cotidiano - Pindorama, 1972



Autor: Oswaldo Leite, 1972.

Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

Atualmente, ao caminhar pelo bairro ainda existem casas que foram construídas no período, muitas passaram por reformas, mas outras preservam a estrutura como a casa nas Figuras 57 e 58, localizado no Pindorama e próximo a antiga lavanderia comunitária. Na casa é possível notar as mudanças implementadas pelo morador ao longo dos anos como o muro e portão, mas ao mesmo tempo preservando a sua estrutura inicial.

Conversando com uma das moradoras, ela comentou da sua experiência ao se mudar para uma das casas do conjunto (posterior ao desfavelamento) em que as casas não tinham muro e que aos poucos foram construindo e reformando. Ainda mencionou que por ser rua de terra batida, ia muita terra para dentro das casas.

Figura 57 - Casa da Vila Fraternidade (1), 13 de fevereiro de 2024



Fonte: Acervo da autora.

Figura 58 - Casa da Vila Fraternidade (2), 13 de fevereiro de 2024



Fonte: Acervo da autora.

Em linhas gerais, essas estruturas expressam a mudança de vida de muitas famílias, em que novos laços de identidade, formas de intervir nas construções do cotidiano, nos novos espaços de sociabilidade e experiências de vida.

5.1 Perspectivas entre o passado e presente: diálogos sobre a Vila Fraternidade de Londrina

Ao falar sobre o tempo, Marc Bloch nos ensina que a incompreensão do presente nasce pela ignorância do passado e aquele que nada sabe sobre o presente, esgota-se em compreender o passado (2001, p. 65). Nesta perspectiva, a Vila Fraternidade é um espaço que preserva a lembrança dos antigos moradores e as experiências daqueles que moram na região, por conta disso, nesse tópico será discutido os elementos do cotidiano, as demandas sociais e transformações enfrentadas por ela.

Para iniciar, foi elaborado um formulário que diz respeito à opinião pública com os moradores de Londrina e pessoas que frequentam a região para entender e analisar suas experiências e percepções sobre o bairro. As perguntas foram relacionadas ao perfil social: o nome, idade, gênero que se identifica, cor, estado civil, se possui filhos (se sim, a quantidade), nível de escolaridade e condições de moradia atual. Buscamos entender os motivos que os fizeram ou fazem frequentar a região e entender suas opiniões em relação a comunidade; para isso há cinco perguntas abertas para a escrita questionando a percepção sobre essa região, o que costuma ouvir/ler/assistir na TV sobre ela, o que não gosta, o que valoriza e se gostaria de deixar algum comentário sobre a temática.

No total foram 64 respostas com pessoas entre 18 e 66 anos de idade, sendo predominante entre 23 e 26 anos, destes 82% eram mulheres e 18% homens de várias regiões da cidade, mas em sua grande maioria do centro, zona leste e zona sul. Destes, 44,3% responderam que possui casa própria, 37,7% vivem de aluguel, 11,55 % moram em casa cedida e 6,6% não informaram. 95,1% das moradias são de alvenaria e 4,9% de madeira e alvenaria.

Quando perguntados se conhecem e frequentam a Vila Fraternidade, 52,5% afirmam que conhece e frequenta a região, enquanto 34,4% conhece, mas não frequenta, 3,3% conhece, mas nunca visitou e 9,8% não conhecem. Sendo os principais motivos de visita o trabalho, a moradia, visita a conhecidos e familiares, outros, mas destaca-se a compras no shopping e na Leroy Merlin com 86,8%.

Para entender a percepção dos moradores de Londrina com a região, foi necessário deixar o questionário em aberto, para que não houvesse interferências e respostas objetivas, mas que pudessem refletir e se expressar a sua relação com o espaço da vila. Diante disso, de forma geral, foram 55 respostas para a pergunta “Qual a sua percepção sobre essa região de Londrina?”. Nas respostas, 21 delas destacavam a violência como principal referência:

Um lugar mais “perigoso” e mal cuidado; Meio perigosa, ruas mal cuidadas; Meio perigosa; É uma região aparentemente perigosa, com pontos nítidos de vendas de drogas; Ha hum descaso pelo poder publico.e muito mau vista por causa do trafico de drogas (sic); Um local humilde e com muitos moradores de rua e usuários de drogas; Comunidade carente, possui pouca atenção do município, mesmo contendo um empreendimento privado. Carece de iluminação pública nas vias e marco zero da abandonado (sic) (2023).

Estas foram algumas das respostas que indicam a percepção sobre a região. O perigo é associado principalmente ao uso de drogas e abandono público. Tendo isso em vista, o Marco Zero (Figura 59), considerado uma das referências da história local da cidade, é um dos pontos mencionados, ele fica em frente a um dos principais shoppings de Londrina e não possui manutenções para a sua conservação, atualmente a grade de proteção foi removida (Figura 60). Conseqüentemente, o espaço tem sido utilizado para a venda e uso de drogas, portanto, considerado perigoso pela falta de fiscalização do poder público.

Figura 59 - Marco Zero (1), 13 de fevereiro de 2024



Fonte: Acervo da autora.

Figura 60 - Marco Zero (2), 13 de fevereiro de 2024



Fonte: Acervo da autora.

Por estar em uma avenida que não possui casas e o contato com a comunidade, a imagem que muitos experienciam é a do shopping, sem que conheçam de fato a Vila Fraternidade e seus moradores. Isso é notável quando questionados sobre o que valoriza na região, as menções foram os comércios, o shopping (Figura 61), a loja de artigos domésticos, rodoviária (Figura 62) e a sua proximidade com o centro. Portanto, há um distanciamento das atividades promovidas na comunidade.

Figura 61 - Shopping Boulevard, 13 de fevereiro de 2024



Fonte: Acervo da autora.

Figura 62 - Rodoviária, 2024



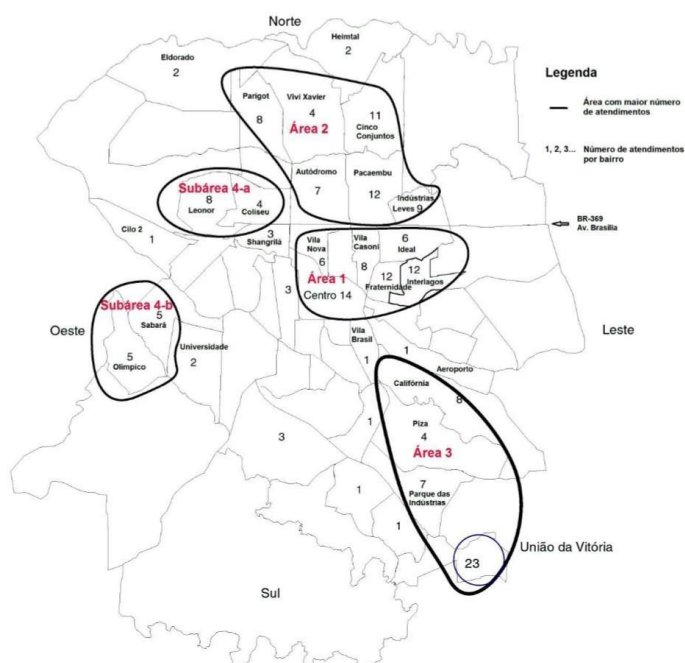
Fonte: Acervo da autora.

Apesar disso, um dos comentários dizia que conhecia a região por lecionar na escola do bairro, mas que experienciou a carência de muitos alunos e problemas familiares: “Do que conheci dando aulas em uma escola da região, é um bairro tranquilo, apesar de muitos alunos

da região terem bastante carência e problemas familiares (uso de drogas, alcoolismo e violência). Perto do shopping Boulevard/da rodoviária eu não me sinto seguro”.

Quanto a isso, a pesquisadora Márcia Carvalho buscou investigar o panorama da morte de jovens em Londrina, com isso, no ano de 2008 foram 217 atendimentos do SIATE à feridos por arma de fogo de várias idades, na qual constam 12 atendimentos na Vila Fraternidade, um dos mais altos se comparado a outras regiões⁵³ (Carvalho, 2011, p. 43) (Figura 63).

Figura 63 - Londrina: Atendimentos pelo SIATE por ferimento de arma de fogo – 2008



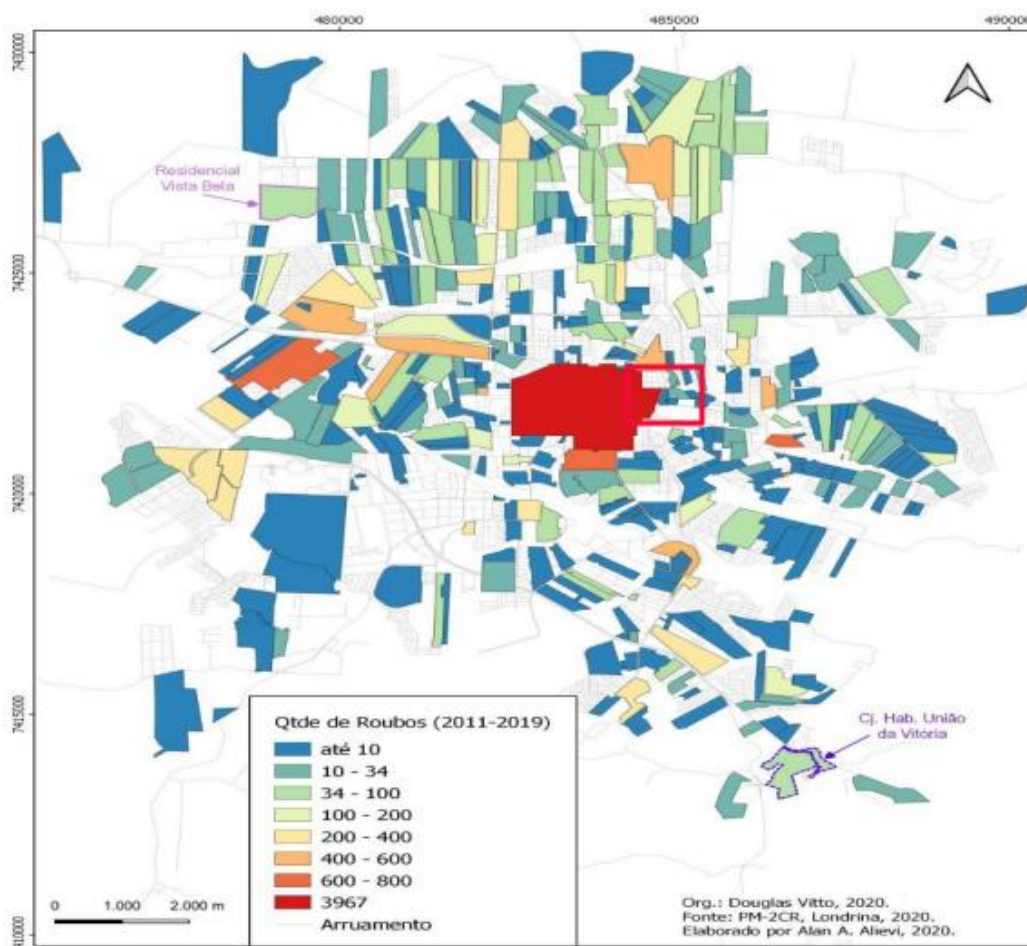
Fonte: Paraná (2009) *apud* Carvalho (2011, p. 44).

O mapa demonstra que a área central da cidade atendeu mais homicídios que a Vila Fraternidade. É perceptível que bairros da cidade enfrentam o uso de drogas, tráfico e furtos, pois adentram nas brechas da fragilidade social, com isso muitos jovens são atraídos com a promessa de enriquecimento e mudança de vida. Em dados atuais, o pesquisador Douglas Vitto

⁵³ A autora utilizou como base os microdados do Censo Demográfico do IBGE, os Boletins de Ocorrência registrados em delegacias, os atestados de óbitos, as ocorrências do Sistema Integrado de Atendimento ao Trauma e Emergências (SIATE) e dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM). Carvalho reconhece que os dados do Censo não trazem informações sobre o número de mortes violentas, assim como há subnotificações no registro de Boletins de Ocorrência, obrigatórios somente em casos de morte. Porém, a união destes dados permite dimensionar e aproximar a questão da violência urbana e a morte violenta de jovens na cidade de Londrina (2011, p. 32).

analisou a média de roubos de celular por região e nele é possível observar que a ocorrência de roubos se concentra principalmente na região do centro, sendo a Fraternidade com a média de até 10 roubos (Figura 64):

Figura 64 - Bairros com maiores médias de roubos em Londrina-PR (2011 a 2019)



Fonte: PM-2CR (2020); Vitto (2021, p. 60); adaptado pela autora.

Dessa maneira, realizando uma pesquisa nos principais meios de comunicação⁵⁴ da cidade foi possível notar a incidência de reportagens com chamadas para homens presos por tráfico de drogas, assassinato e outros casos de violência. Os participantes da pesquisa foram questionados acerca do que costuma ouvir/ler/assistir na TV sobre essa região e das 55 respostas, 18 foram relacionadas a notícias ruins, como delitos, crimes, acidentes e homicídios: “As matérias em que já vi sempre são relacionadas a tráficos de drogas e assassinatos. E sempre que falo com alguém sobre a região, os assuntos são relacionados à área ser perigosa”. Junto

⁵⁴ Foi realizada a busca de reportagens sobre a Vila Fraternidade nos portais de notícia Bonde, Tarobá News, Folha de Londrina, Portal Paiquerê, Portal 24h e G1 no período de 2014 a 2024.

disso, alguns mencionam que não acompanham notícias sobre, mas considera que é consenso a região ser perigosa: “Nada na televisão ou jornal nem nada do tipo, mas é meio consenso que a região próxima ao Boulevard é perigosa (assaltos, furtos e roubos)”. Nas outras respostas as pessoas mencionam notícias relacionadas ao shopping ou que não acompanham ou “nada”.

Vale ressaltar que na região de Londrina, um dos principais programas de TV são policiais e de alcance massivo na região, chamados popularmente como "pinga-sangue". Nas matérias difundidas por eles o trabalho policial, as mortes e as prisões são endossadas por um discurso conservador e de convencimento contra grupo de jovens, especialmente da periferia da cidade, associando-os ao crime e parabenizando a conduta de policiais em determinadas situações como prisão por drogas, trocas de tiro e outras.

Durante o projeto de extensão intitulado: "Memórias de quem registrou as Histórias: a Imprensa Local e o Norte do Paraná, 1950-2020", realizado pelos grupos de pesquisa “O Regional/Local e a Experiência Histórica” — coordenado por Marco Antonio Neves Soares entre os anos de 2020 e 2023 na Universidade Estadual de Londrina —, foi perguntado a vários jornalistas da cidade como eles percebem esse conteúdo e muitos se colocaram contra, enquanto outros que fazem parte dessa mídia se demonstraram a favor, pois julgaram necessário o apoio da população para as ações policiais.

O geógrafo Douglas Vitto (2022) analisou os bairros populares União da Vitória e Vista Bela, em que utilizou os termos “paisagem do medo” e "casulo protetor" para analisar como essas regiões foram abordados nos portais de notícias entre 2018 e 2020, a imaginação dos não habitantes sobre a violências nos dois bairros e a dimensão das pessoas que habitam e constituem o União e o Vista Bela.

Em conclusão, ele afirma que há um estigma presente sobre as duas áreas e o que fundamenta esse discurso é que os bairros são violentos, periféricos, mas principalmente advindos da cor da pele, visto que comparado a outras regiões concentram um número maior de pessoas negras. Por outro lado, as regiões centrais e da Gleba Palhano, que concentram o menor número de negros é considerada superior a outras regiões. Por fim, atribui principalmente a mídia que alimenta a imaginação das “paisagens do medo” em relação aos bairros pela divulgação massiva da violência (Vitto, 2022).

Embora sejam regiões diferentes, a análise de Vitto nos faz refletir acerca do conteúdo que é consumido pela população sobre a região e como ele reflete um olhar depreciativo sobre a comunidade, com casos específicos que de tanto serem reproduzidos se tornam associações diretas. Apesar disso, outros comentários mencionam que é uma região em crescimento, um bairro antigo da cidade, a falta de apoio do poder público por ter menos investimentos e até

mesmo a discrepância entre a área que pertence ao shopping, que estão sempre investindo em melhorias naquele entorno, mas que a região abaixo não tem o mesmo cuidado. Em contrapartida, para aqueles que puderam frequentar a comunidade, deixaram comentários positivos sobre a localidade:

Boa, tem muito o que melhorar na estrutura, mas é uma área em expansão; **Muito boa, tenho familiares que residem na região, frequento bastante, vejo que tem uma variedade de comércio, é perto do centro e ainda tem o shopping que é um Polo de comércio e gera muitos empregos na região; acredito que é um região de grande valor por ter um shopping, fácil acesso ao centro da cidade, rodoviária, avenida de grande movimento e locais que comportam grandes eventos como já foi o quizomba⁵⁵ em seu território;** Região bem próxima ao centro e bem simples, com um número considerável de lojas relacionadas a mecânica e afins (2023, grifo nosso).

Diante do exposto, questionado aos moradores: “o que você gosta da Vila Fraternidade?”, as respostas foram em sua totalidade positivas afirmando ser um lugar bom, que sossegado. Inclusive um dos moradores mencionou que deixar a porta da casa aberta e que se sente seguro, enquanto outros ainda mencionaram não trocar o lugar por nada. Quando perguntados sobre algo que não gosta, uma das entrevistadas afirmou: “Aqui é bom demais, não tem o que não gostar”.

Conversando com a população, muitos reconheceram a presença do uso de drogas na região, mas afirmam que os usuários não mexem com a comunidade, enquanto outra moradora elencou a presença de andarilhos e usuários como algo que incomoda, porém, demonstrando empatia com as pessoas que estão em situação de vulnerabilidade. Apesar disso, informaram que não há conflitos com os moradores.

Questionados sobre comentários que gostariam de falar sobre a vila, muitos mencionam os pontos negativos e que precisam melhorar, um deles diz respeito a desvalorização da região “Nossa vila ela não tem valor. Constrói uma casa, mas na hora de vender não tem valor. Não valoriza, mora perto do shopping, tá num miolo só que não é valorizado. Falta muita coisa. O posto depois de 10 anos foi entregue”.

Sobre o posto de saúde, nos últimos dez anos ele foi motivo de discussões e manchetes de muitos jornais, assim como foi mencionado pela comunidade externa, que associaram a demora na entrega com o que assistiam/ouviam sobre ela. O Centro Comunitário da Vila Fraternidade foi desativado em 2013 devido às condições da estrutura e demolido no ano

⁵⁵ O Coletivo Quizomba reúne o samba e outros batuques, que junto ao Movimento Negro atua na preservação e divulgação do patrimônio imaterial de matrizes africana e indígena.

seguinte com a ideia de ser construído um novo no mesmo lugar. Em 2017, uma matéria publicada pela CBN demonstra a união da população para cobrar a entrega do posto de saúde:

Os moradores da Vila Fraternidade estão mobilizados pela reconstrução da Unidade Básica de Saúde do bairro. Inaugurada na década de 1970, a UBS foi desativada em 2013 por conta das péssimas condições do local. Em agosto de 2014, a Prefeitura iniciou a demolição do prédio. Em vez de pacientes, a unidade passou a ser frequentada por usuários de drogas e bandidos. Hoje, o mato e a sujeira tomam conta do terreno. À época da demolição, ainda na gestão [Alexandre] Kireef, a promessa era de que uma nova UBS, com 500 metros quadrados, seria construída. Mas até hoje nada. Marlene de Oliveira, líder comunitária do bairro, conta que os moradores cansaram de esperar e decidiram se mobilizar e cobrar uma solução para o problema. Já fizeram protestos no posto de saúde da Vila Ricardo, onde são atendidos atualmente, e depois seguiram para a Câmara de Vereadores.

Apesar das pressões da comunidade, o posto foi entregue apenas em 30 de maio de 2023, após várias tentativas de concessão a empresas para realizarem a obra. Uma das moradoras atribuiu a demolição do posto a própria comunidade, que pressionou a prefeitura para a sua demolição e lamentou a perda do prédio, porque segunda ela, ele deveria ter sido conservado por ter sido o primeiro posto da cidade e ainda mencionou que havia detalhes de azulejos com as imagens das lavadeiras de roupa. Junto disso, a antiga quadra de esportes virou estacionamento do posto de saúde. À esquerda é possível identificar o local (Figura 65).

Figura 65 - Unidade Básica de Saúde - Vila Fraternidade, 13 de fevereiro de 2024



Fonte: Acervo da autora.

Há uma concepção patrimonial por parte da moradora, em contraposição a uma perspectiva elitista voltada para o tombamento apenas dos lugares notáveis da cidade. A mesma moradora menciona que faltam espaços de recreação e lugares em que a comunidade possa aproveitar os seus momentos de lazer. Outra perda para a comunidade foi a lavanderia, que foi

demolida e atualmente é uma praça (Figura 66), que fica em frente ao campo de futebol que apresentamos na figura 11 (Figura 67).

Figura 66 - Praça da Vila Fraternidade (1), 13 de fevereiro de 2024



Fonte: Acervo da autora.

Figura 67 - Campo da Vila Amaral (Fraternidade), 13 de fevereiro de 2024



Fonte: Acervo da autora.

Nessa praça há uma barraca de lona, que foi construída por um dos moradores para um jovem em situação de rua, no momento ele não estava, mas uma das moradoras que conversamos informou que o ajudam como podem e que ao mesmo tempo ele cuida praça e das pessoas da comunidade (figura 68).

Figura 68 - Praça da Vila Fraternidade (2), 13 de fevereiro de 2024



Fonte: Acervo da autora.

Dessa maneira, é importante ressaltar que na comunidade há muitas famílias carentes e pessoas em situação de vulnerabilidade, porém, foi notável no discurso dos moradores a preocupação acerca das pessoas que vivem nessa situação, tanto pelo cuidado que muitas tem pelo outro, quanto nos discursos que afirmavam que ficavam tristes com a situação das pessoas nas condições de uso de droga e sem habitação. Na fotografia também notamos a construção do cotidiano da comunidade: as plantas da população, os pneus e orquídea na árvore.

Outra moradora comentou a ausência de mercados na região e até mencionou o do shopping, mas que não frequentam e não gostam, porque precisam se arrumar para ir e acabam optando por outras regiões. Quanto a isso, muitos comentam que o shopping valorizou a região e que também é frequentado pela comunidade.

Para a comunidade externa foi questionado se gostariam de acrescentar comentários sobre a vila e alguns aproveitaram para mencionar a sua experiência:

uma área que me traz muitas lembranças da infância, tenho muitas memórias afetivas com o comércio local, sempre que posso volto ao bairro, se tivesse a oportunidade **moraria lá facilmente**; Tenho um carinho especial com esse região, pois tenho memórias afetivas da infância, principalmente no comércio local e com o grêmio dos operários do qual frequentei toda a minha infância. Muito importante e relevante essa pesquisa sobre a região, uma vez que também faz parte da história de Londrina mas pouco lembrada. Parabéns pelo questionário e sucesso na pesquisa; Sempre paço (sic) por lá e **fico encantada, casas coloridas, praças, pessoas receptivas, apesar da fama de violência, não tenho medo algum, me sinto segura passando pelo bairro**; Que Vila fraternidade realmente se Já fraterna um lugar que acolhe quem chega (2023, grifo nosso).

Por fim, foi possível observar que há discrepâncias entre a realidade da vila experienciada por aqueles que a veem de fora e quem de fato vive na comunidade. Podemos considerar que muitas das respostas vinham de um local específico que é o Marco Zero e o entorno do Shopping, enquanto a experiência dentro da comunidade é outra, uma vez que aqueles que não moram na região, mas frequentam, mantêm memórias afetivas demonstram carinho pela região e pelas pessoas. Para os que moram, as respostas em sua totalidade são positivas, mesmo que indicados alguns problemas e pontos necessários para a mudança, a violência não foi protagonista, mas sim o carinho pelas pessoas, pelos locais e da coletividade no cuidado e preservação do bairro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, exploramos a ocupação e planejamento da cidade de Londrina, o desfavelamento da Vila Fraternidade e a análise de fotografias. Através da revisão da bibliografia, análise de dados e discussão crítica, pudemos compreender parte dos problemas urbanos que a cidade enfrentava, assim como nuances entre as duas realidades: o centro “acima da linha” e as vilas “abaixo da linha”.

Os resultados de nossa pesquisa mostraram que as comunidades que cresceram no entorno da cidade foram negligenciadas do processo de urbanização, enquanto nas regiões centrais via-se construir um novo ideal: a cidade moderna, com seus prédios, monumentos e casarões; enquanto nas favelas, o acesso a direitos fundamentais como saneamento básico e habitação eram precários.

Em síntese, o crescimento acelerado e as transformações no ordenamento abriram margem para a venda sem um planejamento prévio. Com a concentração de renda do café, há nesse processo o surgimento das primeiras favelas, fundadas por imigrantes pobres que vinham em busca de trabalho nas lavouras.

A exclusão e afastamento desse grupo se fez através das representações e do imaginário na medida em que a cidade é moldada pelas relações sociais. Nesse contexto, mais que linhas imaginárias, a linha férrea foi um divisor desses grupos, pois havia aqueles que viviam acima da linha férrea e com mais condições de vida e aqueles que estavam abaixo, alheios ao título de cidade, pois eram classificadas como moradores das “vilas” de Londrina.

Na perspectiva social da construção da cidade, consideramos que a pobreza urbana não pode ser analisada dentro de uma atmosfera simplista, pois a cidade se molda nas relações com o cotidiano e na construção dos indivíduos no espaço. Assim, ela é também espaço de divisão social. E a especulação imobiliária é uma maneira de dividir o espaço geográfico da cidade.

Nos anos 1970 houve uma preocupação dentro dessa ótica social, na construção da cidade e na tentativa de controlar o crescimento desordenado. Tanto pelas novas teorias sociais que chegavam ao Brasil, fazendo com que muitos pesquisadores se debruçaram sobre essa questão, mas também como parte de uma tentativa de controle espacial e desenvolvimentista do governo militar.

O desfavelamento da Vila do Grilo ocorreu em 1971 com a construção dos conjuntos habitacionais junto com a COHAB e o Banco Nacional de Habitação (BNH) em algumas regiões, alocando a população em outros espaços, em vazios urbanos e áreas não valorizadas, enquanto havia também as transformações de infraestrutura dos bairros, oferecendo subsídios

para a construção de casas próprias ou o financiamento do governo para casas construídas nos conjuntos conforme eram finalizados, entre 1970-1973.

Ainda assim, esse processo suscita questões importantes acerca da maneira como ele ocorreu e no impacto da transferência de moradores como uma das consequências do desfavelamento, pois segundo Eder de Souza (2021, p. 151) promoveu a perda de laços comunitários, uma vez que a população foi transferida aleatoriamente e no interesse político e rentável deste processo: a construção civil e a especulação imobiliária.

Já as fotografias se tornaram importantes indícios para interpretação das representações sobre o passado. A sua problematização permitiu-nos observar a construção do discurso fotográfico, seus recortes e análises significativas, uma vez que os discursos acerca da memória colocavam a cidade como uma “Terra de promessa” e a pobreza, mesmo que identificada pelos agentes públicos e governos, era tratado como uma consequência do rápido crescimento, sem que oferecessem o mínimo de infraestrutura a essas famílias. Assim, os barracos de madeira, as casas de tábuas, as ruas de terra batida, os problemas de saúde pública e as latrinas são um paradoxo entre os discursos.

Os jornais da cidade e os fotógrafos se preocuparam em atuar na cobertura das transformações urbanas em andamento. As fotografias tornam-se importantes instrumentos de análise sobre o passado, pois elas se comunicam conosco de diferentes maneiras. Philippe Dubois adverte que a fotografia é uma evidência do passado; assim como uma máquina de memórias (1993, p. 73).

Podemos compreender as fotografias como memórias, pois elas são peças fundamentais de reconstrução e representações do passado. Na leitura de Etienne Samain “As fotografias são memórias, histórias escritas nelas, sobre elas, de dentro delas, com elas. [...]. As pequenas peles, as películas, de nossa existência. As fotografias são confidências, memórias, arquivos” (2012, p. 160). A partir das fotografias podemos refletir e analisar as narrativas sobre o passado.

Elas foram divididas nos temas: a estrutura dos bairros, crianças e mulheres, a demolição das casas, os novos bairros e moradias recém-construídas nos conjuntos habitacionais e centro de saúde da comunidade da Vila Fraternidade. A autoria das fotografias em sua maioria é de Oswaldo Leite, antigo funcionário e fotógrafo da prefeitura. Ele foi responsável por registrar as transformações da cidade durante três décadas de trabalhos prestados.

Apesar de utilizar a documentação para fins de catalogação e auxílio no serviço, por vezes foram utilizadas como propagandas políticas. Isso é evidente nas análises que foram realizadas, pois uma das coleções era de uma exposição, que serviu para divulgar o processo de

desfavelamento no bairro, mas que em muitos momentos se apresentou como campanha e divulgação política, conforme é expresso nas legendas, recortes e apropriações.

Em conclusão, o trabalho destacou os avanços conquistados pela população e as mudanças na sua realidade, mas nos instiga a questionar as narrativas predominantes sobre a memória da cidade e as problemáticas contemporâneas que acompanham o bairro: a percepção pessimista do bairro contradiz o discurso dos moradores e as necessidades de melhorias levantadas por eles. A comunidade é patrimônio vivo de sua historicidade.

REFERÊNCIAS

Fontes

BARROS, M. V. F.; ARCHELA, R. S.; BARROS, O. F.; Théry, H.; MELLO, N. A.; GRATÃO, L. H. B. A cidade de Londrina. In: **Atlas ambiental da cidade de Londrina**. 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/atlasambiental/>>. Acesso em: 02 de setembro de 2023.

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. Tradução: Diogo Mainardi. São Paulo: Biblioteca FOLHA, 2003.

CARVALHO, Márcia Siqueira de. Jovens e violência na cidade de Londrina-PR. **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 7, p. 31-48, jan./jul. 2011. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6537/3527>>. Acesso em 3 de ago de 2023.

CIA de Terras Norte do Paraná. **Paraná Norte**, n. (?)7, Londrina, 10 de novembro de 1935, p. 4.

COHAB-LD. **Conjuntos Habitacionais**, 2015. Disponível em <<https://cohabld.londrina.pr.gov.br/index.php/programa-de-regularizacao-fundiaria?view=article&id=105&catid=8>>. Acesso em: 28 de maio de 2023.

COMECE vida nova em região nova. **Paraná Norte**, n. 152, Londrina, 5 de setembro de 1937. p. 5.

COMPANHIA de Terras Norte do Paraná. **Paraná Norte**, n. 97, 16 de agosto de 1936, p. 4.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução: B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2010. E-book.

HÁ 40 anos - 22 setembro de 1965. **Folha de Londrina**, 2005. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/opinia/ha-40-anos---22-setembro-de-1965-542946.html?d=1>>. Acesso em: 20 de jul. 2023.

IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação**, Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/londrina/panorama>>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

_____. **População**, Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/londrina/panorama>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2023.

_____. **VI Recenseamento Geral do Brasil: Censo Demográfico (1.0 de julho de 1950): Estado do Paraná: Seleção dos Principais Dados**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1953. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/70/cd_1950_pr.pdf>. Acesso em 27 de maio de 2023.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: Diário de uma favelada. 10º ed. Ática: São Paulo, 2014.

LONDRINA. **Lei nº 133 de 7 de dezembro de 1951**. Implanta e sanciona a execução de arruamentos e loteamentos (revogada). Londrina: Câmara Municipal, 1951. Disponível em: <<https://www2.cml.pr.gov.br/cons/lnd/leis/1951/L00133.htm>>. Acesso em 23 de maio de 2023.

_____. **Lei nº 219 de 31 de dezembro de 1953**. Institui o Código Municipal de Londrina (revogada). Londrina: Câmara Municipal, 1953. Disponível em: <<https://www2.cml.pr.gov.br/cons/lnd/leis/1953/L00219.htm>>. Acesso em 23 de maio de 2023.

MHL — Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss. **Coleção da Prefeitura Municipal de Londrina** (PML).

NDPH — Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina. **Coleção do Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina**.

O MELHOR Rumo O Melhor Futuro E' collocar-se no Norte do Paraná. **Paraná Norte**, n. 22, 10 de março de 1935, p. 4.

PREFEITURA Municipal de Londrina. 1964. **Planta da cidade de Londrina**. Escala: [illegível]. Londrina-PR. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica.

SANTOS, Milton. Como é ser negro no Brasil. Transcrição: Cristiano das Neves Bodart. **Portal Geledés**, 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/como-e-ser-negro-no-brasil-por-milton-santos/>>. Acesso em: 06 de agosto de 2023.

SILVEIRA, Paulo Novaes. 1957-1958. **Planta da cidade de Londrina** [impresso/digitalizado]. Escala: 1: 11-000. Londrina-PR. Prefeitura Municipal de Londrina. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica.

Fotografias

CRUZ, Giovanna Barboza da. **Caixa d'água, rua Santa Eloá**, 2024. Fotografia. Acervo pessoal.

_____. **Campo da Vila Amaral (Fraternidade)**, 2024. Fotografia. Acervo pessoal.

_____. **Casa da Vila Fraternidade (1)**, 2024. Fotografia. Acervo pessoal.

_____. **Casa da Vila Fraternidade (2)**, 2024. Fotografia. Acervo pessoal.

_____. **Córrego da Rua Flor-de-Jesus com a rua Santa Terezinha**, 2024. Fotografia. Acervo pessoal.

_____. **Marco Zero (1)**, 2024. Fotografia. Acervo pessoal.

- _____. **Marco Zero (2)**, 2024. Fotografia. Acervo pessoal.
- _____. **Nascente da rua Santa Eloá**, 2024. Fotografia. Acervo pessoal.
- _____. **Praça da Vila Fraternidade (1)**, 2024. Fotografia. Acervo pessoal.
- _____. **Praça da Vila Fraternidade (2)**, 2024. Fotografia. Acervo pessoal.
- _____. **Rodoviária**, 2024. Fotografia. Acervo pessoal.
- _____. **Shopping Boulevard**, 2024. Fotografia. Acervo pessoal.
- _____. **Unidade Básica de Saúde - Vila Fraternidade**, 2024. Fotografia. Acervo pessoal.

LEITE, Oswaldo. “**Agora 183 melhorias em água dejetos e lixo**”, 197(?). Fotografia (Imagem: 23X17; Suporte: 24X18,3), Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Alfabetização e costura**, década de 1970. Fotografia, Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Casa da Vila Fraternidade**, 1972. Fotografia (Imagem: 23X17; suporte: 24X18,3), Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Cotidiano - Pindorama**, 1972. Fotografia, Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Creche na Vila Fraternidade**, década de 1970. Fotografia, Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Dalton Paranaguá e trabalhadores durante o desfavelamento da Vila Fraternidade**, década de 1970. Fotografia, Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Demolição de casa na Vila Fraternidade (A)**, 1971. Fotografia, Londrina. Coleção da Prefeitura Municipal de Londrina (Acervo do Museu Histórico de Londrina).

_____. **Demolição de casa na Vila Fraternidade (B)**, 1971. Fotografia, Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Demolição de casa na Vila Fraternidade - Estrutura da casa (Recorte)**, 1971. Fotografia, Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Desfavelamento**, década de 1970. Fotografia, Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Desocupação de ônibus da Vila Fraternidade (1)**, 1971. Fotografia, Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Desocupação de ônibus da Vila Fraternidade (2)**, 1971. Fotografia, Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Desocupação de ônibus da Vila Fraternidade (3)**, 1971. Fotografia, Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Drenagem - Vila da Fraternidade**. Fotografia, Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Educação familiar**, década de 1970. Fotografia, Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Família posa para foto**, 1971. Fotografia, Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Favela de Londrina**, 1972. Digitalização de negativo, Londrina. Coleção da Prefeitura Municipal de Londrina (Acervo do Museu Histórico de Londrina).

_____. **Fundos da Vila Fraternidade**, 1971. Fotografia (Imagem: 24X18), Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Homem organizando mudança**, 1971. Fotografia, Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Instalação de tubulações na Vila Fraternidade**, década de 1970. Fotografia, Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Latrinas**, 1969. Digitalização de negativo, Londrina. Coleção da Prefeitura Municipal de Londrina (Acervo do Museu Histórico de Londrina).

_____. **Latrina**, 1972. Fotografia, Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Lavanderia comunitária**, 197(?). Digitalização de negativo, Londrina. Coleção da Prefeitura Municipal de Londrina (Acervo do Museu Histórico de Londrina).

_____. **Mulher lavando roupa no córrego (A)**, década de 1970. Digitalização de negativo, Londrina. Coleção da Prefeitura Municipal de Londrina (Acervo do Museu Histórico de Londrina).

_____. **Mulher lavando roupa no córrego (B)**, década de 1970. Fotografia, Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Mulher segura quadros de fotos de seus familiares**, 1971. Fotografia, Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Pindorama**, 1972. Digitalização de negativo, Londrina. Coleção da Prefeitura Municipal de Londrina (Acervo do Museu Histórico de Londrina).

_____. **Rua Maranhão e Avenida Paraná**, 195(?). Digitalização, Londrina. Coleção da Prefeitura Municipal de Londrina (Acervo do Museu Histórico de Londrina). In: BONI, Paulo César; UNFRIED, Rosana Reineri. Transformações Urbanas: a Londrina da década de 1950 pelas fotografias de Oswaldo Leite. Londrina: EDUEL, 2017.

_____. **Vila Amaral**, 1971. Digitalização de negativo, Londrina. Coleção da Prefeitura Municipal de Londrina (Acervo do Museu Histórico de Londrina).

_____. **Vila Fraternidade**, 1969. Digitalização de negativo, Londrina. Coleção da Prefeitura Municipal de Londrina (Acervo do Museu Histórico de Londrina).

_____. **Vila Fraternidade**, 1972. Digitalização de negativo, Londrina. Coleção da Prefeitura Municipal de Londrina (Acervo do Museu Histórico de Londrina).

_____. **Vila Fraternidade**, 1972. Digitalização de negativo, Londrina. Coleção da Prefeitura Municipal de Londrina (Acervo do Museu Histórico de Londrina).

_____. **Vila Fraternidade (A)**, 1972. Digitalização de negativo, Londrina. Coleção da Prefeitura Municipal de Londrina (Acervo do Museu Histórico de Londrina).

_____. **Vila Fraternidade (B)**, 1972. Fotografia, Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

_____. **Vila Fraternidade (A)**, década de 1970. Digitalização de negativo, Londrina. Coleção da Prefeitura Municipal de Londrina (Acervo do Museu Histórico de Londrina).

_____. **Vila Fraternidade (B)**, década de 1970. Digitalização de negativo, Londrina. Coleção da Prefeitura Municipal de Londrina (Acervo do Museu Histórico de Londrina).

_____. **Vista Parcial da Vila do Grilo/Vila Fraternidade**, 1971. Fotografia (Imagem: 24X18; Suporte: 23X17), Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

NÚCLEO de Documentação e Pesquisa Histórica. “**25.583 exames de fezes**”, 1972. Fotografia (Imagem: 23X17; Suporte: 24X18,2), Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

PREFEITURA Municipal de Londrina. **Vila do ‘Grilo’**, 1969. Fotografia/ Digitalização, Londrina. Coleção da Prefeitura Municipal de Londrina (Acervo do Museu Histórico de Londrina).

SANTOS, Antônio Carlos dos. **Centro Comunitário da Vila Fraternidade**, 1972. Fotografia (Imagem: 23,3X17; Suporte: 24,4X18), Londrina. Coleção "Desfavelamento da Vila Fraternidade de Londrina" (Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica).

YASUNAKA, Yutaka. **Vista parcial da Av. Paraná**, 195(?). Fotografia/ Digitalização, Londrina (Foto Estrela). Coleção da Prefeitura Municipal de Londrina (Acervo do Museu Histórico de Londrina).

Arquivos e instituições

COHAB-LD. COHAB – Companhia de Habitação de Londrina. Londrina-PR (virtual).

IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Londrina, PR.

MHL — Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss. Londrina, PR.

NDPH — Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina.

Bibliografia citada

ADUM, Sonia Maria Sperandio Lopes. **Imagens do Progresso: Civilização e Barbárie em Londrina 1930/1960**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis, SP. Assis, 259p., 1991.

ALVES, Claudia Lima Esteves. **Dinâmica Espacial de Produção da Força de Trabalho em Londrina - Os Conjuntos Habitacionais**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo. São Paulo, 187p., 1991.

ALVES, Elisabeth Aparecida; ANTONELLO, Ideni Terezinha. A lógica capitalista da produção do espaço urbano em Londrina. In: 12 Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2009, Montevideo. **Caminando en una América Latina en transformación**. Montevideo: EGAL, 2009. v. I. p. 1-15. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geopolitica/27.pdf>>. Acesso em 10 de maio de 2023.

ALVES, Fabiana Aline. **Fotojornalismo à força: ângulos e planos dos agentes políticos no regime militar brasileiro (1966-1975)**. 2017. 217 f. Tese (Doutorado em História). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2017.

ALVES, Jolinda de Moraes. **História da Assistência Social aos pobres em Londrina: 1940-1980**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis, SP. Assis, 544p., 2002.

ANDRÉ, Richard Gonçalves (org.). **Álbuns de família: a história e a memória entre os fios luminosos da fotografia**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014.

_____. As dimensões materiais da fotografia: cultura material e retratos de família. **História e Cultura**, Franca, v. 5, n. 2, p. 205-227, set. 2016.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como História da cidade**. Tradução: Pier Luigi Cabra. 5º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado: Londrina e o Norte do Paraná 1930/1975**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 207p., 1993.

_____. **O Eldorado: representações da política em Londrina (1930-1975)**. 2º Ed. Londrina: EDUEL, 2008.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ARRUDA, Gilmar; PROENÇA, Wander de Lara. Conflitos no campo do saber: universidades, historiadores e usos do passado na fronteira - Londrina, 1970-1980. **Revista de História Regional**, v. 25, p. 27-55, 2020. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/14363/209209213463>>. Acesso em março de 2023.

BACZKO, Bronislaw. **Los Imaginarios Sociales: Memorias y Esperanzas Coletivas**. Ediciones Nueva Visión, 1999.

BARNABÉ, Marcos Fagundes. **Organização espacial do território e o projeto da cidade: o caso da Companhia de Terras Norte do Paraná**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Escola de Engenharia de São Carlos - São Carlos, SP, 142p., 1989.

BARROS, José D'Assunção Barros. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

BASCHET, Jérôme. Introdução: a imagem-objeto. In: SCHIMIDT, Jean Claude et BASCHET, Jérôme. **L'image. Fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval**. Tradução: tradução: Maria Cristina C. L. Pereira. Paris: Le Léopard d'Or, 1996. P. 7-26. Disponível em: <www.pem.historia.ufrj.br/arquivo/jerome_baschet001.pdf>. Acesso em 1 de agosto de 2023.

BELUZO, Maira Ferreira; TONIOSSO, José Pedro. O Mobral e a alfabetização de adultos: considerações históricas. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, v. 2, n.1, p. 196-209. 2015.

Berger, John. **Para entender uma fotografia**. Tradução: Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil**: Arquitetura Moderna, Lei do inquilinato e Difusão da Casa Própria. 6º ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

BONI, Paulo César; UNFRIED, Rosana Reineri. **Transformações Urbanas**: a Londrina da década de 1950 pelas fotografias de Oswaldo Leite. Londrina: EDUEL, 2017.

BOSI, Antônio de Pádua. **Reforma Urbana e Luta de Classes**: Uberabinha/MG (1888 a 1922). São Paulo: Xamã, 2004.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história**, ou, o ofício do historiador. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). **Cidade**: história e desafios. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 16-35.

BRUGGER, Margit. **Globalização e desenvolvimento**: a abordagem agroecológica como uma alternativa para o Terceiro Mundo. Dissertação (Mestrado em Direito) – Direito, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 156. 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/89721/245031.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 6 de agosto de 2023.

BUITONI, Dulcília. **Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem**. São Paulo: Saraiva, 2011.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Tradução: Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004. *E-book*.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: Crime, segregação e cidadania em São Paulo. Tradução: Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

CAMARGO, Candido Procópio Ferreira de *et al.* **São Paulo 1975**: crescimento e pobreza. 5º Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1976.

CARVALHO, Sérgio Lage T. A saturação do olhar e a vertigem dos sentidos. **Revista USP**, São Paulo, n. 32 p. 126-155. Dez/Fev, 1996. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26037>>. Acesso em 12 de julho de 2023.

CERNEV, Jorge. **Liberalismo e colonização**: o caso do norte do Paraná. Londrina: Ed. UEL, 1997.

CERQUEIRA, Yasminie Midlej Silva Farias. **Espaço público e sociabilidade urbana: Apropriações e significados dos espaços públicos na cidade contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Tecnologia. Departamento de Arquitetura. Natal-RN, 122p., 2013.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Tradutor: Ephraim Ferreira Alves. 3º Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

CHOMA, Daniel; VIEIRA, Edson; COSTA, Tati. **Revelações da História: o Acervo do Foto Estrela: Fotografias de Yutaka Yasunaka e Carlos Stenders**. Londrina: Câmara Clara, 2012.

COLUSSI, Eliane Lucia; BALBINOT, Valmíria Antonia. Propaganda e educação sanitária na década de 1970: “Povo desenvolvido é povo limpo”. **Revista anos 90**, Rio Grande do Sul, v. 15 n. 28, p. 253–275, dezembro, 2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/7973>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2024.

COSTA, André Monteiro; PONTES, Carlos Antonio Alves ; Moraes, Luiz Roberto Santos. **O contexto do saneamento ambiental no Brasil**. Texto elaborado para o documento sobre saneamento ambiental e saúde para os países da América Latina e Caribe (OPS-OMS). 2004. Disponível em: <http://www.ceama.mp.ba.gov.br/boletim-informativo/doc_view/1191-1o-ass-contexto-sa-brasil-ops.html#:~:text=Na%20d%C3%A9cada%20de%201950%2C%20o,formal%20do%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde.>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2024.

COSTA, Marina de Vasconcelos Padrão. **Rádio, um meio de comunicação eficiente**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social) — Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília. Brasília, p. 36. 2006

CRACCO, Rodrigo Bianchini. **Os 100 Anos Rádio No Brasil: Impacto E Influência Sobre A Sociedade Através Da História**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) — Universidade São Judas Tadeu. São Paulo, p. 31. 2023.

DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. Tradução: Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2006. *Ebook*.

DE PAULA, Amarildo Souza; BARROS, Omar Neto Fernandes; CAINZOS, Rigoberto Lázaro Prieto; RALICHI, Ricardo. Dinâmica da ocupação e uso do solo em Londrina (PR): um olhar sobre a interface urbano-rural. **Confins**, Revista Franco-Brasileira de Geografia, São Paulo, v. 17, n. 17, março, 2013. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/confins/8159?lang=pt>>. Acesso em 29 de janeiro de 2024.

DINIZ, Larissa Mattos. **O Clube Negro de Londrina**. Uma experiência contraditória. 2013-2015. 65 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Tradução: Marina Appenzeller. São Paulo: Papirus, 1993. p. 159-217.

FROZONI, F. C. . 'Dois anos de um governo que realiza!': as fotografias de Oswaldo Leite e sua relação com o poder público em Londrina (PR). In: **VII Seminário de pesquisa do programa de pós-graduação em História Social**, 2013, Londrina. Teorias e práticas do fazer histórico: Anais do VII Seminário de pesquisa do programa de pós-graduação em História Social., 2013. p. 384-395.

_____. Oswaldo Leite em Londrina (1950): Pequena Biografia. In: VII Seminário de Pesquisa em Ciência Humanas - **SEPECH**, 2014, LONDRINA. Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas.. LONDRINA: Eduel, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/ARTIGOSANAIS_SEPECH/fernandacfrozoni.pdf> . Acesso em maio de 2023.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GHANNAM, Tamy. Com Italo Calvino, a literatura constrói CIDADES INVISÍVEIS. **Literatamy**, 2018. Disponível em: <<https://www.literatamy.com/post/as-cidades-invisiveis-italo-calvino>>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o Efêmero e o Perpétuo**. 3º ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.

_____. **Realidades e ficções na trama Fotográfica**. 6º ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

LEME, Edson Holtz. **Noites Ilícitas: histórias e memórias da prostituição**. Londrina: EDUEL, 2005.

LIMA, Edinaldo Aparecido Santos de. **Preparar, apontar, foto!** A construção da imagem fotográfica dos camponeses cubanos nos periódicos *Revolución e Campo de Revolución* (1959-1961). Dissertação (mestrado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP). Assis, p. 284. 2018. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/158300>>. Acesso em: 30 de janeiro de 2024.

LOPES, Elisângela Aparecida. A importância da leitura e da escrita para Carolina Maria de Jesus: uma análise do seu Quarto de despejo. **Literafro: o portal da literatura afro-brasileira**, 2021. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/1024-a-importancia-da-leitura-e-da-escrita-para-carolina-maria-de-jesus-uma-analise-do-seu-quarto-de-despejo-elisangela-aparecida-lopes>>. Acesso em 5 maio de 2023.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

LUNA, Francisco Vidal; Klein, Herbert S. Mudanças no período militar (1964-1985). In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____. Transformações econômicas no período militar (1964-1985). In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MAESTRO, Wilson de Credo. **A Permuta de Interesses: perspectivas sobre a estratégia para o assentamento de refugiados na Colônia Roland (1935-1939)**. 2022. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – História, Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

MAIA, Deise. **Abaixo da Linha**: Casoni, Uma Vila da Cidade "Londrina". 1993. s/p. Dissertação (Mestrado em Ciência Social (Antropologia Social)) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

MARICATO, Erminia. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. 7ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

_____. MetrÓpole, legislação e desigualdade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17 n. 48, p. 151-167, agosto, 2003. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/issue/view/737>>. Acesso em 23 de janeiro de 2024.

_____. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARTINEZ, Cláudia Eliane Parreiras Marques. **Cinzas do passado**: Cultura material, riqueza e escravidão no Vale do Paraopeba/MG (1831/1914). Londrina: Eduel, 2014.

_____. Entre palavras e imagens: famílias negras no Museu Histórico de Londrina/PR (1970-2016). **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 23, n. 2, p. 321-343, novembro de 2018. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/12372>. Acesso em: 7 de agosto de 2023.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. São Paulo: Contexto, 2009.

MARTINS, Victor Hugo Teixeira. **Habitação, infra-estrutura e serviços públicos**: conjuntos habitacionais e suas temporalidades em Londrina-PR. Dissertação (Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Estadual de Londrina – Londrina, 175p, 2007.

MASCARENHAS, Gilmar. O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios. In: BARTHE-DELOIZY, Francine; SERPA, Angelo (orgs.). **Visões do Brasil**: estudos culturais em Geografia [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, p. 67-85.

MELHADO, Felipe; DAHER, Gabriel; QUINTILIANO, Teixeira. **Vou lá e faço**: a vida-obra de Oswaldo Diniz. Londrina, PR: Grafatório, 2020.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A cidade como bem cultural: Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano. **Patrimônio**: Atualizando o Debate, cidade, 2006, p. 35-77.

_____. **Fontes Visuais, cultura visual, História Visual**: Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, nº 45, p. 11-36, 2003.

_____. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-103, jul, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2067>>. Acesso em 8 de fevereiro de 2024.

MILLER, Daniel. **Trecos, Troços e Coisas**: Estudos antropológicos sobre a cultura material. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2013.

MORAES, Aluana Teixeira de. **Abastecimento de água**: histórico de implantação no Distrito Municipal de Londrina – Pr. 2014. 52 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014. Disponível em: <https://www.uel.br/cce/geo/portal/pages/arquivos/tcc_2011_2015/61_abastecimentodeaguaahistoriadeimplantacaonodistritomunicipaldelondrinapr_2014.pdf>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2024.

OLIVEIRA, Orlandina de; ROBERTS, Bryan. O crescimento urbano e a estrutura urbana na América Latina (1930-190). In: BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina: a América Latina após 1930: Economia e Sociedade**. Tradução: Geraldo Gerson de Souza. São Paulo; Brasília: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Alexandre de Gusmão, 2005.

OLIVEIRA, Rogério Luiz Silva de; FARIAS, Edson Silva de. Esboço teórico sobre a leitura da imagem fotográfica. **Revista Latitude**, Bahia, v. 4, n. 2, p. 127-134, maio, 2010. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/844>>. Acesso em 26 de janeiro de 2024.

PAGANI, Eliane Barbosa Santos; ALVES, Jolinda de Moraes; CORDEIRO, Sandra Maria Almeida. Segregação socioespacial e especulação imobiliária no espaço urbano.. **Argumentum (Vitória)**, v. 7, p. 167, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/8637>>. Acesso em março de 2023.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PAULA, Zueleide Casagrande de. **A cidade e os jardins: Jardim América, de projeto urbano a monumento patrimonial (1915-1986)**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

_____. Cidade de Londrina e a Imagem do Patrimônio Edificado: a Estação/Museu e a Secretaria de Cultura/Casa da Criança. In: GAWRYSZEWSKI (Org.). **Patrimônio Histórico e Cultural: cidade de Londrina-PR**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina / LEDI, 2011.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>>. Acesso em: 22 de maio de 2022.

PROENÇA, Wander de Lara; ARRUDA, Gilmar. A historiografia do Paraná e o espaço simbólico da universidade: os historiadores, seus lugares e suas regiões (1970-2012). **Revista de História Regional**, v. 18, p. 240-260, 2013. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/5024>>. Acesso em março de 2023.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocetrismo e América Latina”. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005.

RECH, Adir Ubaldo. **A exclusão social e o caos nas cidades**: um fato cuja solução também passa pelo direito como instrumento de construção de um projeto de cidade sustentável. Caxias do Sul: EducS, 2007.

REZENTE, Nestor. **Ocupação do Espaço Urbano de Londrina**. Dissertação (Mestrado em Ciências em Desenvolvimento Urbano e Regional) – Universidade Federal de Pernambuco – Pernambuco, n. p., 1984.

RIBEIRO, Marcelo Gonçalves. Sujismundo e Jeca Tatu: um “tipo” brasileiro. In: **II Simpósio do LaRS**, 2003, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: PUC. p. 1-10. Disponível em: <<http://lars.dad.puc-rio.br/wp-content/uploads/2023/07/simposio-2003-atopia-texto17.pdf>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2024.

SAMAIN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. **Visualidades**, Goiânia, v.10, n.1 p. 151-164, jan-jun, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/23089>>. Acesso em: 13 de agosto de 2023.

SEMZEZEM, Priscila; ALVES, Jolinda de Moraes. Vulnerabilidade social, abordagem territorial e proteção na política de assistência social, **Serviço Social em Revista**, Londrina, n. 1, v. 16, p. 143-166, julho/dezembro, 2013. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/16115/14627>>. Acesso em 30 de janeiro de 2024.

SANTOS, Cristina Ribeiro dos Santos; MOLINA, Ana Heloísa. Terra fértil, ouro verde: os panfletos de propaganda da CNTP- 1930-1950. In: VII Seminário de Pesquisa em Ciência Humanas - **SEPECH**, 2008, LONDRINA. Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas. LONDRINA: Eduel, 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/CristinaRSantos.pdf>>. Acesso em maio de 2023.

SANTOS, Milton. **Pobreza Urbana**. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Tradução: Marcos Aarão Reis. 5º Ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2020.

_____. **Construir e Habitar**: Ética para uma cidade aberta. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SILVA, Bruno Sanches Mariante da. As Imigrantes de Londrina: uma Análise Hodonímica. In: **V Congresso Internacional de História**, V., 2011, Maringá-PR. Anais [...]. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2011, p. 396-405. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/342.pdf>>. Acesso em 24 de janeiro de 2024.

SOARES, Marco Antonio Neves. **Da Alemanha aos Trópicos**: identidades judaicas na terra vermelha (1933-2003). Londrina: Eduel, 2012.

SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia de Letras, 2004.

SOUZA, Alessandro Eleotério Pereira de. Sociabilidade e território: o cotidiano do negro em Londrina-PR. In: **ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, 36., Águas de Lindóia-SP. Anais [...] Lindóia: ANPOCS, 2012. p. 1-30.

SOUZA, Éder Cristiano de. **Excluídos do café**: Planejamento urbano e conflitos sociais em Londrina nas décadas de 1950 e 1960. Londrina: EDUEL, 2021.

SOUZA, Juliana Santos Alves de; TAVARES, Érica. Histórico do saneamento no Brasil e sua relação com as questões ambientais e urbanas. In: **XIX Seminário de Integração Regional**, 4, 2021, Campos dos Goytacazes. Anais [...]. 2021. Campos dos Goytacazes: Universidade Candido Mendes - Campos (UCAM), 2021 p. 1-20. Disponível em: <<https://seminariodeintegracao.ucam-campos.br/wp-content/uploads/2022/04/HISTORICO-DO-SANEAMENTO.pdf>>. Acesso em: 31 de janeiro de 2024.

SUZANO JUNIOR, Barthon Favatto. **Milton Santos, o espaço e as rugosidades**: contribuições da Geografia Renovada à História. 2022. 238 f. Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2022.

SUZUKI, Juliana Harumi. Um breve panorama da arquitetura brutalista em Londrina-PR In: **X Seminário Docomomo Brasil Arquitetura Moderna e Internacional**: conexões brutalistas 1955-75, 2013. Curitiba: PUCPR, 2013. Disponível em: <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/08/CON_33.pdf>. Acesso em 1 de agosto de 2023. Acesso em 1 de agosto de 2023.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOMAZI, Nelson Dacio. **“Norte do Paraná”**: História e Fantasmagorias. 342 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná – Curitiba, 1997.

TREVISAN, Ricardo. **Cidades Novas**. Brasília: EdUNB, 2020.

VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística**. Barcelona, Buenos Aires e México: PAIDÓS, 1987.

VITTO, Douglas. **Entre Paisagem do Medo e Casulo Protetor**: Imaginário e Experiência Geográfica nos Bairros União da Vitória e Vista Bela, Londrina-PR. 2020. 164 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

ZANI, Antonio Carlos. **Arquitetura em madeira**. Londrina : Eduel, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/arquitetura%20em%20madeira_digital.pdf>. Acesso em 30 de julho de 2023. *Ebook*.

Sites consultados

ABANDONO paterno é a regra no Brasil. TV UFMA, Maranhão, 11 de agosto de 2022. Disponível em: <<https://portalpadrao.ufma.br/tvufma/noticias/abandono-paterno-e-a-regra-no-brasil>>. Acesso em 30 de janeiro de 2024.

BONDE, Londrina. Disponível em: <<https://www.bonde.com.br/>>. Acesso em 5 de fevereiro de 2024.

CANCRO. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], s/1, 2008-2021.

Disponível em:

<<https://dicionario.priberam.org/cancro#:~:text=%5Bfigurado%5D%20Mal%20encoberto%20que%20vai%20arruinando%20lentamente>>. Acesso em: 25/05/2023.

COELHO, Yeska. *Mestres da Arquitetura: Vilanova Artigas, o arquiteto modernista.*

CASACOR, 2021. Disponível em: <<https://casacor.abril.com.br/especiais/vilanova-artigas/>>. Acesso em 12 de agosto de 2023.

COMUNIDADE se junta e cobra solução para a UBS da Vila Fraternidade. **CBN**, Londrina-Pr, 24 de abril de 2017. Saúde. Disponível em:

<<https://cbnlondrina.com.br/materias/comunidade-se-junta-e-cobra-solucao-para-a-ubs-da-vila-fraternidade>>. Acesso em 13 de fevereiro.

FOLHA de Londrina, Londrina. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/?d=1>>. Acesso em 5 de fevereiro de 2024.

G1, Londrina. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/cidade/londrina/>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2024.

LONDRINA. **Centro Integrado de Doenças Infecciosas - CIDI**, 2022. Disponível em:

<<https://saude.londrina.pr.gov.br/index.php/controlab/86-servicos-complementares/356-centro-integrado-de-doencas-infecciosas.html?showall=1>>. Acesso em: 12 de agosto de 2023.

LONDRINA Histórica. **Alexandre Razgulaeff**. Londrina Histórica, 2023. Disponível em:

<<https://www.londrinahistorica.com.br/pioneiros/14/alexandre-razgulaeff>>. Acesso em 18 de abril de 2024.

PORTAL 24h, Londrina. Disponível em: <<https://24h.com.br/parana/cidades/londrina/>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2024.

PORTAL Paiquerê, Londrina. Disponível em:

<<https://www.paiquere.com.br/categoria/jornalismo/>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2024.

SISTEMAS de drenagem: conheça os 6 mais utilizados. **Techduto**. Disponível em:

<<https://www.techduto.com.br/agro/sistemas-de-drenagem-conheca-os-6-mais-utilizados/>>. Acesso em: 12/02/2024.

TAROBÁ News, Londrina. Disponível em: <<https://tarobanews.com/londrina>>. Acesso em 5 de fevereiro de 2024.

Palestras e eventos citados

ARIAS NETO, José Miguel. *Considerações acerca da construção dos discursos sobre a história de Londrina.* YouTube, 16 de set. de 2023. Disponível

em:<<https://www.youtube.com/live/9gYlfZKEAGw?si=E48Glr23fKshrraY>>. Acesso em 26 de dezembro de 2023.

VITTO, Douglas. **Entre paisagem do medo e casulo protetor**: o caso dos bairros-paisagens União da Vitória e Vista Bela. YouTube, 24 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1-0C7i019_Y&t=1262s>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2024.

Outras referências

SHAWLIN. **Afirmção da Vida**. Rio de Janeiro: Carreira solo: 2007. Suporte digital (4:45 min.). Música. Disponível em: <<https://youtu.be/0i2eubMan1k?feature=shared>>. Acesso em 25 de janeiro de 2024.